

**Colecção *Via Spiritus* – II Série:
Espiritualidade e Corte**

- Maria Lucília Gonçalves Pires
– Diogo Bernardes, *Várias Rimas
ao Bom Jesus*

Em Preparação

- *Cartas de instruções para educação de
nobres (Séc.s XVI-XVII).*
- Luís de Abreu de Melo, *Avisos para
o Paço*
- D. Manuel de Portugal, *Obras*



Maria Lucília Gonçalves Pires

DIOGO BERNARDES, *Várias Rimas ao Bom Jesus*

Maria Lucília
Gonçalves Pires

**DIOGO
BERNARDES,
*Várias Rimas ao
Bom Jesus***

Centro Inter-Universitário
de História da Espiritualidade

A série de publicações agora programada resulta da investigação desenvolvida pelo Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto (CIUHE) no âmbito dos Projectos Espiritualidade e Corte e Poesia e Bíblia, que, núcelos inaugurais de uma pesquisa inovadora, originaram ainda diferentes colóquios, seminários e ensaios publicados em ou em torno da revista *Via Spiritus*.

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua. Ut enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamco laboris nisi ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis aute irure dolor in reprehenderit in voluptate velit esse cillum dolore eu fugiat nulla pariatur.



Colecção Via Spiritus – II Série

Maria Lucília
Gonçalves Pires

DIOGO BERNARDES

**VÁRIAS RIMAS
AO BOM JESUS**



Centro Inter-Universitário
de História da Espiritualidade

Título

Diogo Bernardes
Várias Rimas ao Bom Jesus

Autor

Maria Lucília Gonçalves Pires

Edição

Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade
Faculdade de Letras da Univ. do Porto
Via Panorâmica, s/nº
4150-564 Porto
ciuhe@esoterica.pt

Ano: 2008

Execução gráfica

Inova-Artes Gráficas

ISBN: 000-000-00000-0-0

Dep. Legal: 000000/08

Edição apoiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia

Introdução

1. «Pias rimas»

Um livro que é uma compilação de «pias rimas» compostas em diversos tempos e lugares – é assim que Diogo Bernardes apresenta esta sua obra no «soneto dedicatório» com que a inicia. De facto, é de carácter religioso a maior parte dos poemas que a compõem. Daí a designação de «cancioneiro espiritual» que alguns autores lhe têm atribuído.

Mas não só de poesia sacra se compõe este livro. O título, longo e analítico, como era frequente na época e continuará a ser ao longo do século XVII, pretende dar notícia completa do seu conteúdo e da sua organização – *Várias rimas ao Bom Jesus e à Virgem Gloriosa sua Mãe e a santos particulares, com outras mais de honesta e proveitosa lição*. No entanto este título, embora elucide o leitor sobre o diversificado conteúdo da obra, dá uma impressão ilusória acerca do seu ordenamento. Se é certo que nela se podem distinguir quatro partes – poemas a Cristo, poemas à Virgem, poemas a vários santos, poemas sobre assuntos vários tendo em comum o facto de constituírem «honesta e proveitosa lição» –, tal divisão não obsta a que o leitor se sinta perante uma obra bastante desorganizada, em que os poemas, embora por vezes agrupados em séries tematicamente afins, se sucedem de forma algo arbitrária, sobretudo na última parte. À heterogeneidade temática junta-se a diversidade prosódica: sonetos, canções, elegias, poemas em oitavas e outras formas poéticas de versos decassilábicos alternam entre si e misturam-se por vezes com poemas de redondilha. E o leitor, familiarizado com

a lógica ordenadora de volumes de poesia lírica publicados na época, sente aqui falhas nessa lógica¹.

A quem atribuir a autoria da organização deste volume? Ao autor? Ao editor? A busca de resposta a esta questão obriga a interrogarmo-nos também sobre a data da morte de Diogo Bernardes, ou seja, sobre a eventualidade de o poeta ser ou não vivo ainda à data da publicação destas *Várias rimas*, de ter ou não podido acompanhar até final a impressão deste volume.

Como recorda Arthur Askins, para a crítica tradicional, tanto as *Várias rimas* como *O Lima* teriam sido indubitavelmente preparados pelo poeta, o mesmo não se podendo afirmar acerca das *Rimas várias. Flores do Lima*². No entanto, a hipótese de que Bernardes, mesmo tendo morrido em 1594, como é hoje comumente aceite, tenha podido organizar os três volumes dos seus poemas continua a ser defendida por estudiosos como Aníbal Pinto de Castro que, em «Nota introdutória» à reprodução fac-similada da edição de 1597 de *Rimas várias*, manifesta opinião concordante com a de Herculano de Carvalho³, afirmando

¹ Recorde-se que os volumes de poesia lírica publicados em Portugal nesses anos finais do século XVI – *Rimas* de Camões (1595), *Obras* de Sá de Miranda (1595), *O Lima* (1596) e *Rimas várias. Flores do Lima* (1597) de Diogo Bernardes, *Discurso sobre a vida e morte de Santa Isabel e outras várias rimas* (1597) de Vasco Mousinho de Castelbranco, *Poemas lusitanos* de António Ferreira (1598) – são predominantemente organizados por formas poéticas. Acerca da organização de volumes de «rimas várias» nesta época pode ver-se Maria do Céu Fraga, *Os géneros maiores na poesia lírica de Camões*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2003, pp. 31-52..

² Arthur Lee-Francis Askins, *Diogo Bernardes and Ms. 2209 of the Torre do Tombo*. Separata de *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, 1978, pp. 130-131.

³ «(...) a aceitarmos, como parece verosímil, a data de 1594 para a morte de Bernardes, poderíamos supor que ele teria acabado a preparação dos três livros no próprio ano da morte: o *Bom Jesus*, mais cedo pronto, recebidas as licenças, saiu a lume imediatamente; *O Lima*, acabado de preparar pouco depois, recebeu as

que «nada nos impede de pensar que [Diogo Bernardes], tendo ainda visto concluída a impressão das *Várias rimas ao Bom Jesus* em 1594, prosseguisse na organização dos outros dois volumes, embora não tivesse podido já vê-los totalmente impressos»⁴.

Opinião diferente e inovadora é a que Luís de Sá Fardilha apresenta mais recentemente em artigo publicado na revista *Via Spiritus*⁵. Para este autor, «é duvidoso que Bernardes tenha visto publicado sequer o primeiro dos três volumes em que se encontra dividida a sua obra»⁶. A fundamentação desta afirmação leva em linha de conta dados objectivos, como as datas das licenças dos dois primeiros volumes – *Várias rimas* e *O Lima* –, em ambos os casos datadas de 1594, o que significa que os dois volumes se encontravam ao mesmo tempo em vias de impressão. Considera também a existência de elementos paratextuais reveladores da intervenção directa do autor, não só nas *Várias rimas*, em que surgem repetidamente informações do tipo «voltas minhas», ou «grosa minha», mas sobretudo em *O Lima*, com a presença do autor e a sua intervenção no ultimar do volume para a impressão bem assinaladas pela «Carta dedicatória» a D. Álvaro de Lencastre, duque de Aveiro; um texto em que o autor afirma que foi sua a escolha do título do volume bem como do dedicatário, tendo contado neste caso com a aprovação de seu irmão

licenças nesse mesmo ano, mas já não saiu então, por ter Bernardes morrido entretanto; as *Flores*, prontas também, mas depois das duas outras obras, a morte do seu autor já não permitiu sequer que fossem apresentadas a solicitar as licenças» (J. Gonçalo Chorão de Carvalho, «Sobre o texto da lírica camonianana», in *Revista da Faculdade de Letras*, tomo 15, n.º 1 e 2, 1949, p. 70).

⁴ Diogo Bernardes, *Rimas várias. Flores do Lima*. Reprodução facsimilada da edição de 1597. Nota introdutória de Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, INCM, 1985, p. 11.

⁵ Luís de Sá Fardilha, «As *Várias Rimas ao Bom Jesus*, de Diogo Bernardes, e os seus contextos», in *Via Spiritus*, n.º 5, Porto, 1998, pp. 53-74.

⁶ L. de Sá Fardilha, art. cit., p. 54.

Fr. Agostinho da Cruz, expressa «nesse soneto seu que aqui fiz imprimir» colocado imediatamente a seguir à dedicatória.

Perante este texto preambular e as informações que veicula, bem como a cuidada organização do volume revelada na homogeneidade genológica do seu conteúdo – apenas écloas e cartas, devidamente separadas e seriadas –, Luís de Sá Fardilha é levado a considerar que, «provavelmente, Diogo Bernardes teria pensado publicar em primeiro lugar *O Lima*, um conjunto de textos claramente orientados para satisfazer as expectativas de um público áulico, a cuja protecção o autor tivera de recorrer, nomeadamente depois do seu regresso do cativeiro marroquino»⁷. Mas a morte do poeta teria levado à alteração deste plano e deixado campo livre à iniciativa do editor e à sua decisão de dar prioridade à publicação das *Várias rimas ao Bom Jesus* que «poderiam atingir um público mais numeroso e satisfariam expectativas mais prementes»⁸.

A intervenção do editor teria ido ainda mais longe, fazendo-se sentir de forma marcante na organização do volume de poesia religiosa. Esta hipótese baseia-a o autor do artigo em diversos aspectos do livro. Em primeiro lugar, o «Soneto dedicatório» em que Bernardes apresenta a sua obra como uma colectânea de «pias rimas» dedicadas a Jesus e à Virgem sua Mãe, não fazendo qualquer referência aos poemas a santos e a outros assuntos. As rimas anunciadas naquele soneto, e que correspondem às duas primeiras partes do livro, seriam as únicas cuja inclusão teria sido planeada pelo poeta? Note-se que é só aqui que aparecem as indicações paratextuais referindo o poeta na primeira pessoa («voltas minhas», «grosa minha»).

Na parte restante do volume, à heterogeneidade temática e formal junta-se outro factor de estranheza – a inclusão de poemas que aparecem insertos nas outras

⁷ L. de Sá Fardilha, art. cit., p. 59.

⁸ L. de Sá Fardilha, art. cit., p. 60.

obras de Bernardes: a «Écloga deploratória ao Senhor D. Duarte no tempo do mal», que é a Écloga XII de *O Lima*, bem como a «Ode ao Conde das Idanhas» e os sonetos ao Cardeal Alberto e «aos cabelos da barba de D. João de Castro», que reaparecem nas *Flores do Lima*.

Perante estes dados, justifica-se a observação de Luís de Sá Fardilha: «Custa-nos a admitir que Diogo Bernardes possa ser responsabilizado por estas repetições e pelas incongruências que atrás apontamos. Preferimos atribuí-las aos primeiros editores da sua obra, os quais terão tido acesso aos materiais reunidos pelo autor para os volumes das *Rimas ao Bom Jesus* e das *Flores do Lima* num estado ainda longe da perfeição»⁹.

Hipóteses originais mas prudentes, porque baseadas sempre na análise e interpretação de dados objectivos.

Outro dado objectivo é o relativo êxito editorial alcançado por este volume de *Várias rimas ao Bom Jesus*, reeditado várias vezes no início do século XVII, ao contrário do que sucedeu com as outras duas obras¹⁰. Um sucesso editorial que «talvez possa explicar-se por esta obra se inserir de modo muito profundo nas correntes de sensibilidade religiosa dominantes na viragem do século XVI para o século XVII»¹¹, como escreve Sá Fardilha, que parte desta hipótese de explicação para ler as «pias rimas» de Bernardes no contexto da literatura de espiritualidade do tempo.

Com efeito, o leitor familiarizado com a literatura religiosa destes anos finais de Quinhentos na Península Ibérica não pode deixar de notar a sintonia desta obra de Bernardes com os traços mais relevantes dessa religiosidade, desde os temas abordados e as atitudes espirituais assumidas, até formas de expressão recebidas de textos consagrados na época. Nesta perspectiva se situa o essencial do trabalho

⁹ L. de Sá Fardilha, art. cit., p. 58.

¹⁰ Depois da edição de 1594, as *Várias rimas* terão tido quatro reedições nas primeiras décadas do século XVII (1601, 1608, 1616 e 1622).

¹¹ L. de Sá Fardilha, art. cit., p. 60.

de Sá Fardilha que temos vindo a seguir, analisando dois dos vectores dominantes das *Várias rimas*: a meditação da humanidade de Cristo, em que detecta marcas dos *Divinos exercícius* de Nicolau Êsquio, e o tom penitencial de muitos dos poemas, em que nota a existência de ecos de alguns dos chamados salmos penitenciais.

Prosseguindo esta linha de investigação, destaquemos nesta obra de Bernardes a presença dominante do tema da Paixão de Cristo. A ocorrência de textos referentes a outros episódios evangélicos é muito rara: limita-se ao Nascimento (tratado ao modo tradicional em poemas de redondilhas), à Ascensão (a que é dedicado um poema de duas oitavas) e à descida da Espírito Santo sobre os apóstolos (um soneto). De resto, é a imagem de Cristo crucificado que domina o universo espiritual representado nestes poemas. E não apenas na secção do livro constituída por «rimas ao Bom Jesus»: também a Virgem Maria é representada como a *Mater Dolorosa* chorando junto à cruz, e os santos tratados com maior relevo – S. Pedro e S. João Evangelista – são focados em momentos que os relacionam com a Paixão do Mestre.

Esta concepção da vida espiritual centrada na Paixão é um dos aspectos mais relevantes da religiosidade epocal. Pode considerar-se decorrente de orientações assumidas por ordens religiosas cuja influência se fazia por então sentir na sociedade portuguesa, nomeadamente o ramo capucho da ordem franciscana¹², com a recém-criada Província da Arrábida¹³ (a que pertenceu Fr. Agostinho da Cruz); mas

¹² Acerca desta influência, escreve J. S. da Silva Dias. «A influência capucha foi enorme em toda a segunda metade do século XVI. Alcançou não só as massas populares (...), mas a própria classe dirigente, através das Casas de Bragança e de Aveiro e de personagens destacadas do meio político ou intelectual, como Lourenço Pires de Távora, Francisco de Sousa Tavares, D. Álvaro de Castro, Diogo de Paiva de Andrade, etc.» (*Correntes do sentimento religioso em Portugal*, Coimbra, 1960, p. 155).

¹³ Sobre a criação da Província da Arrábida, vd. Fr. António da Piedade, *Espelho de penitentes e crónica da província de Santa Maria*

também a reforma de outras ordens, como a dos Eremitas de Santo Agostinho; sem esquecer, obviamente, a acção determinante da Companhia de Jesus e o cunho que imprimiu à religiosidade católica, sobretudo através da difusão dos *Exercícios espirituais* de Santo Inácio de Loyola.

Refira-se também a influência de obras de espiritualidade que então circulavam e orientavam a prática da vida religiosa. De entre elas destacamos os *Exercitia super vita et passione Salvatoris*, publicados com a atribuição de autoria, falsa mas prestigiada, de Johannes Tauler (ou João Taulero, como era correntemente designado). Desta obra temos, na segunda metade do século XVI, quatro edições em tradução portuguesa: *Meditações da paixão de Cristo* (1554), traduzido provavelmente pelo franciscano Fr. Bernardino de Aveiro; *Exercício e muito devota meditação da vida e paixão de N. S. Jesus Cristo* (1562), traduzido por outro franciscano, provavelmente Fr. Marcos de Lisboa; *Devotos exercícios e meditações da vida e paixão de N. S. Jesus Cristo*, que teve em 1571 duas edições, uma em Coimbra, outra em Viseu¹⁴. À influência destas edições portuguesas acresce a das edições que circulavam em latim, bem como a influência indirecta resultante da assimilação do texto pseudo-tauleriano por autores cujas obras tiveram ampla difusão por estes anos. É o caso de um Fr. Luís de Granada¹⁵,

da Arrábida, tomo I, Lisboa, 1728.

¹⁴ Sobre estas edições, vd. *Bibliografia cronológica da literatura de espiritualidade em Portugal (1501-1700)*, Instituto de Cultura Portuguesa, Porto, 1988 e J. S. da Silva Dias, *op. cit.*, pp. 553-556.

¹⁵ «Y por qué, al parecer, no referirá nunca [Fray Luis de Granada] sus lecturas de Tauler – mejor, los *Exercitia super vita et passione Salvatoris* que corrían bajo su nombre –, autor que larga y hábilmente utilizó?» (José A. de Freitas Carvalho, *Lectura espiritual en la Península Ibérica (siglos XVI – XVII)*, Salamanca, 2007, p. 64). Sobre a presença dos *Exercitia* de Taulero na obra de Frei Luís de Granada, veja-se Maria Idalina Resina Rodrigues, *Fray Luis de Granada y la literatura de espiritualidad en Portugal (1554-1632)*,

ou de um Fr. Tomé de Jesus¹⁶, para referir só dois exemplos bem conhecidos. O que caracteriza estes «exercícios e meditações» é a rememoração dos passos da Paixão com a participação emotiva daquele que medita. A afectividade domina estes textos, manifestando-se em colóquios que dão largas à expressão das emoções provocadas pela contemplação do sofrimento de Cristo.

A produção poética da época mergulha neste clima espiritual e reflecte estas vivências e práticas religiosas, abordando com frequência a temática relacionada com a Paixão. No seu estudo intitulado *La poésie religieuse espagnole, des Rois Catholiques à Philippe II*, Michel Darbord traça um panorama poético que surge dominado «par la contemplation de la sainte Agonie et des mystères de la Rédemption»; uma contemplação que assume na obra de vários autores a forma de *Pasión trobada* em metros castelhanos tradicionais¹⁷. Se muitas das observações desta obra são aplicáveis à poesia religiosa portuguesa, nomeadamente o motivo da contemplação do sofrimento redentor de Cristo, pode dizer-se, no entanto, que a narrativa metrificada da Paixão foi uma forma poética praticamente ignorada pelos nossos poetas¹⁸.

No *mare magnum* desta produção poética, que mergulha raízes nas mesmas fontes de inspiração, que exprime

Universidad Pontificia de Salamanca, Fundación Universitaria Española, Madrid, 1988, pp. 675-681.

¹⁶ Vd. Mário Martins, «O pseudo-Taulero e Frei Tomé de Jesus», in *Brotéria*, vol. 42, fasc. 1, Lisboa, 1946, pp. 21-30.

¹⁷ Michel Darbord, *La poésie religieuse espagnole, des Rois Catholiques à Philippe II*, Centre de Recherches de l'Institut d'Études Hispaniques, Paris, 1965.

¹⁸ Uma excepção a esta situação (a única que conhecemos) encontra-se na obra de D. Francisco da Costa. No seu cativo marroquino este poeta compôs em verso decassílabo uma versão da narrativa da Paixão de Cristo segundo S. João, intercalando os passos narrativos (em estrofes irregulares), com a expressão emotiva (em oitavas) dos sentimentos do poeta (Cf. «*Passio Joannis*», in *Cancioneiro chamado de D. Maria Henriques*, Lisboa, 1956, pp. 265-290).

idênticas reacções afectivas, que aspectos poderão conferir uma ressonância individualizadora a estas «pias rimas» de Diogo Bernardes, tão profundamente sintonizadas com a sensibilidade religiosa do seu tempo?

2. «Rios de pranto»

Nesta obra de Diogo Bernardes a cada passo deparamos com «rios de pranto», «rios de lágrimas», permeando os diversos temas tratados, tanto em textos sacros como em textos profanos. Por isso a presença das lágrimas, e seus equivalentes semânticos, pode ser tomada como linha centralizadora da análise destes poemas.

2.1. Começando por analisar as causas do pranto que inunda esta obra, verificamos que, assim como na religiosidade da época se destaca a meditação da Paixão de Cristo, assim nestes poemas sobressaem as lágrimas decorrentes da dor motivada pela contemplação de Cristo crucificado e do seu sofrimento redentor. Paradigma deste tipo de lágrimas são as figuras da Virgem, sobretudo no poema «A Nossa Senhora da Piedade», e o apóstolo S. João no longo poema intitulado «Lágrimas de S. João Evangelista». Lágrimas de compaixão são também as que derrama este pecador que *vê* aquele corpo torturado e os múltiplos tormentos que lhe foram infligidos. Sublinhe-se a dimensão visual desta meditação, «o dramatismo e visualismo patético» que Aguiar e Silva destaca em composições poéticas do período maneirista¹⁹, que o poeta acentua desde o primeiro poema (Elegia I):

¹⁹ Vítor Aguiar e Silva, *Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa*, Centro de Estudos Românicos, Coimbra, 1971, pp. 344-345.

Aqui, ó Rei dos reis, onde vos vejo
que numa cruz morreis por meu amor,
aqui por vosso amor morrer desejo.
(...)

Não deixarão meus olhos de chorar
a pena que vos deu essa coroa
que vos deram por rir e por zombar.

Qual espinho verei que me não doa
vendo como de todos sois ferido
com ponta que té os ossos não perdoa?

Qual golpe em vosso corpo recebido
me não magoará, inda que eu seja
mais que pedra ou que ferro endurecido?

Às lágrimas de compaixão pelo sofrimento de Cristo associa-se um outro motivo de pranto – a consciência que atormenta o poeta-pecador de, com o seu pecado, ter sido o causador desse sofrimento:

Eu vos crucifiquei, eu vos vendi,
eu vos neguei mil vezes, que não três,
eu fui o que esse lado vos abri.

Um sentimento de culpa que leva ao arrependimento e à necessidade de conversão. Vemos assim desenhado um percurso espiritual frequente na época, tanto em livros de espiritualidade como em textos poéticos, pois os temas do arrependimento e da conversão são comuns a quase todos os poetas deste período.

Mas o que mais avulta na expressão dos afectos inerentes ao tratamento desses temas na obra de Diogo Bernardes é a intensidade dos sentimentos – de compaixão, de dor, de arrependimento – transmitida pela presença redundante e hiperbólica do pranto acrescida ainda pela auto-acusação da sua insuficiência. Ou seja: perante a consciência da enormidade da culpa e do conseqüente sofrimento redentor

de Cristo, este pecador reconhece o carácter limitado da expressão do seu arrependimento.

2.2. Esta atitude do poeta encontra como que um *alter ego* nessa verdadeira *imago* do arrependimento que é o apóstolo S. Pedro chorando amargamente depois de ter negado a Cristo. Detenhamo-nos, pois, nesse longo poema intitulado «Lágrimas de S. Pedro».

O episódio evangélico da negação de Cristo por S. Pedro e o seu subsequente arrependimento expresso em lágrimas amargas (episódio narrado por todos os evangelistas, mas que assume particular dramatismo no relato de S. Lucas) foi tema frequente na literatura do final do século XVI e todo o século XVII, principalmente na oratória e na poesia.

A figura do apóstolo arrependido chorando amargamente (*flevit amare*, diz S. Lucas) está em sintonia com a sensibilidade religiosa das décadas finais de quinhentos, uma época que intensamente viveu (e expressou literariamente) a consciência do pecado, a renúncia a um passado de erros e desvarios, a necessidade de conversão. Daí a sua presença frequente, ao lado de outras figuras paradigmáticas do arrependimento, como Maria Madalena, na obra de vários poetas desta época. Recorde-se o poema de Fr. Agostinho da Cruz «Sobre o *Flevit amare*»²⁰, uma série de trinta oitavas em que ora se ouve em solilóquio a voz de Pedro exprimindo com veemência o remorso do pecado cometido, ora se faz ouvir a voz do poeta interpelando o apóstolo em atitude de compreensão perante a sua dor. Miguel Leitão de Andrada inclui na sua *Miscelânea* um soneto às lágrimas de S. Pedro²¹. Também no *Jardim do*

²⁰ Fr. Agostinho da Cruz, *Obras*. Com prefácio e notas de Mendes dos Remédios. Coimbra, França Amado, 1918, pp. 151-158. Encontra-se também no códice 7691 da Biblioteca Nacional de Portugal, fol. 74v-78r.

²¹ Miguel Leitão de Andrada, *Miscelânea*. Edição em fac-simile da 2ª edição publicada pela Imprensa Nacional em 1867. Lisboa,

céu, de Elói de Sá Sotto Maior²², se encontra um soneto intitulado «Às lágrimas do Santo», tendo por epígrafe a frase de S. Lucas *Et egressus foras Petrus, flevit amare*.

Mas o poeta que maior relevo deu ao tratamento deste tema foi sem dúvida Diogo Bernardes com as quarenta e uma oitavas do seu poema «Lágrimas de S. Pedro».

Faria e Sousa, sempre pronto a menosprezar Bernardes por considerá-lo usurpador de poemas de Camões, reconhece neste caso que estas oitavas «realmente son suas», mas que não passam de tradução de *Le lagrime di San Pietro* de Luigi Tansillo (cf. *Rimas várias de Luis de Camoens*, 2.^a parte, p. 135).

Será de facto o poema de Bernardes mera tradução do texto do poeta italiano?

Esta obra de Tansillo (1510-1568) tem uma complexa história editorial. É publicada pela primeira vez em 1560 (reeditada em 1571), numa versão constituída por 42 oitavas. Depois da sua morte é publicada, em 1585, uma edição muito ampliada, constituída por 910 oitavas divididas em 13 «prantos», que teve numerosas reedições. Em 1606 aparece nova edição, preparada por Tommaso Costo, constituída por 1276 oitavas divididas em 15 cantos. Segundo J. G. González Miguel, esta edição teve menor difusão, mas apresenta um texto mais perfeito que a anterior²³.

INCM, 1993, p. 7.

²² Elói de Sá Sotto Maior, *Jardim do céu, dirigido a Deus Nosso Senhor*, Lisboa, por Vicente Álvares, 1607, soneto 17.

²³ J. Graciliano González Miguel, *Luigi Tansillo y España* (tesis doctoral), Salamanca, 1975, p. 25.

^Tendo em conta as alterações sofridas pela obra de Tansillo nas suas várias edições, e na impossibilidade de conhecer a versão que Bernardes terá utilizado, devo fazer notar que para o cotejo dos dois

Não terá sido muito relevante a difusão desta obra em Portugal²⁴, mas sabemos da sua notável divulgação na época, não só em Itália, mas também em Espanha, onde o poema teve várias traduções ainda no século XVI²⁵. Para esta difusão da sua obra em Espanha terá contribuído o facto de o poeta ter vivido num reino de Nápoles integrado na monarquia espanhola e regido por governantes espanhóis «a cuyo servicio [Tansillo] puso toda su actividad de hombre y de poeta»²⁶. Testemunho significativo da difusão da sua obra poética em terras espanholas, nomeadamente de *Le lagrime di San Pietro*, é ainda o facto de Cervantes citar uma estrofe deste poema no *Quijote* (capítulo XXXIII da primeira parte).

Embora nada de semelhante se tenha passado em Portugal, bastaria a sua difusão em Espanha para que a obra aqui chegasse às classes cultas (quer o texto original, quer alguma das traduções em castelhano) em tempos de tão estreita ligação entre os dois países ibéricos. No caso do poema de Diogo Bernardes, parece-nos de excluir a

poemas utilizei a seguinte edição: Luigi Tansillo, *Le lagrime di San Pietro*, Venetia, presso Giovanni Battista Bonsadino, 1598.

²⁴ Joseph G. Fucilla, em artigo intitulado «On the vogue of Tansillo's *Lagrime di S. Pietro* in Spain and Portugal» (Estratto da *La Rinascente*, n. 5, Feb. 1939), apenas refere o poema de Bernardes como testemunho da voga da obra do poeta italiano em Portugal.

²⁵ Sobre as traduções e imitações deste poema em Espanha, veja-se a obra de J. Graciliano González Miguel referida na nota anterior.

Sobre a tradução, que ficou inédita, de Gregorio Hernández de Velasco, provavelmente a primeira a ser realizada, vd. José López de Toro, «Gregorio Hernández de Velasco traductor del Tansillo», in *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, tomo VII, vol. I, Madrid, CSIC, 1957, pp. 331-349).

²⁶ J. G. González Miguel, op. cit., p. 10.

hipótese de um contacto com tradução espanhola da obra de Tansillo, pois a única por então publicada era a de Luis Gálvez de Montalvo (Toledo, 1583) que resolveu verter para versos de redondilha organizados em décimas as oitavas decassilábicas do poeta italiano²⁷. O que parece poder concluir-se com segurança é que o poema de Bernardes, com as suas quarenta e uma oitavas, segue a primeira edição do texto italiano.

Comparando os dois textos, verifica-se que, embora em muitos passos do poema Bernardes se fique pela tradução (poeticamente conseguida, note-se) do texto de Tansillo, em muitos outros momentos procede a uma reelaboração do original e, na senda da imitação do seu modelo, explora caminhos que lhe são próprios.

Como não se justifica proceder aqui a um confronto pormenorizado dos dois poemas, apontamos apenas alguns passos exemplificativos desta dependência do texto de Diogo Bernardes em relação ao de Luigi Tansillo.

Come falda di neve ch'aggiciata
il verno in chiusa valle ascosa giacque,
a primavera poi dal sol trovata
tutta sisface, se discioglie in acque,
così la tema ch'entro al cor gelata
stette di Pietro mentre il vero tacque,
quando Christo ver lui gli occhi rivolve
tutta sisfece, e 'n pianto si disciolse.

E non fù il pianto rivo ò torrente
che per calda stagion giamai secasse,
che benche il Rè del cielo immantimente

²⁷ Desta tradução foi publicada uma edição em Lisboa: «El llanto de San Pedro. Compuesto en estancias italianas por Luis Tansillo y traducido en redondillas por Luis Galvez de Montalvo», publicado in *Tesoro de divina poesia (...) recopilado por Estevan de Villalobos*, Lisboa, por Jorge Ribeiro, 1598.

a la perduta gratia il rivocasse
de la sua vita tutto il rimanente
non fu mai notte, ch' ei non si destasse,
udendo il gallo, a dir quanto fù iniquo
dando lagrime nove al fallo antiquo.
(fols. 8v-9r)

Confrontem-se estas duas estrofes com as do texto de Diogo Bernardes:

Como neve que deixa congelada
chuvoso inverno, e em lugar sombrio,
que sendo no verão do sol tratada
se derrete em licor de claro rio,
assi a covardia, que coalhada
tinha Pedro em seu peito fraco e frio,
em pranto logo ali se converteu
quando ele ao Senhor olhos volveu.

Não foi o pranto seu lago ou corrente
ribeira que por calma se secasse,
que posto que o Senhor amigamente
da culpa à graça de antes o chamasse,
sempre chorou depois amargamente:
nunca noute passou que não chorasse;
chorava ouvindo o galo só consigo,
lágrimas novas dando ao erro antigo.

Confrontem-se as violentas apóstrofes à vida, que o remorso e o desprezo de si próprio obrigam a odiar, apóstrofes que Bernardes amplifica em relação ao modelo italiano, prolongando-as por várias estrofes, mas de que suprime as referências à tentação do suicídio presentes no original.

Vejam-se ainda, na sequência da diatribe contra a vida, o louvor dos que morreram em tenra idade, evitando assim a ocasião de pecado, destacando-se em ambos os poemas o louvor dos Santos Inocentes massacrados por ordem de

Herodes. Também aqui Bernardes dá a este tema um maior desenvolvimento, encontrando-se contudo a cada passo nas suas estrofes ressonâncias dos versos de Tansillo:

O quanto denno à l'alta gratia lode
quei fanciulleti che moriron santi,
quando la crueltà del fiero Herode
per ucciderne un sol, n'uccise tanti! (fol. 11r)

Louvor vos podem dar contino,
meninos que morrestes entre prantos,
quando do cruel rei o desatino
mandou, por matar um, matar a tantos.

Quant'utile fù lor l'età novella,
tanto à me lasso la matura noce.
Essi non negar Dio con la favella,
come fic'io per tema de la croce. (fol. 11r)

Quanto vós na infância aproveitastes
tanto a mi a velhice foi nociva;
não sabendo falar, Deus não negastes
como triste fiz eu com fala esquiva.

O troppo rara sorte (se pur sorte
a noi dir lice) senza saper come
si pugna, eterne palme havran di guerra,
e andran nel ciel senza calcar la terra.

Ah soberana sorte (se a isto sorte
é lícito chamar), meninos belos,
sem saber pelejar vencer a guerra,
pisar o céu sem pisar nunca a terra.

Também a parte final do poema de Bernardes, partindo de uma situação narrativa colhida em Tansillo – Pedro regressa ao Jardim das Oliveiras onde vê ainda vestígios

do sangue que Cristo ali suou –, amplifica a expressão exacerbada da dor do apóstolo.

Pode pois afirmar-se que, para lá da estreita relação entre os dois poemas, da submissão de Bernardes ao texto italiano, há um trabalho poético que não se reduz a uma tradução literal, mas se distingue por uma intensificação, uma hiperbolização do pranto como expressão do remorso.

2.3. Muitas das lágrimas que marcam este universo poético são motivadas por circunstâncias dolorosas vividas pelo poeta, sobretudo a dramática experiência do cativo em Marrocos.

Os poemas compostos quando cativo são talvez os mais comoventes dos que integram a obra. Nesse conjunto de poemas, que pode ser designado de «cancioneiro do cativo» embora não constitua uma unidade na organização do volume, deparamos com as mais veementes expressões de dor, com os mais impressionantes processos de superlativação do pranto, com a mais eficaz comunicação de um sofrimento que parece não caber no vaso estreito das palavras. A estes poemas se refere o cronista Fr. Bernardo da Cruz, também ele participante na «jornada de África», ao rematar assim a sua descrição do desastre de Alcácer-Quibir: «(...) cujo pranto o excelente poeta Diogo Bernardes, em suave e doloroso verso o tem cantado com lágrimas e gemidos que fazem o sentimento mais lamentável e as lágrimas mais frescas»²⁸.

O poeta chora nestes poemas, nomeadamente nas duas elegias compostas «estando cativo», a trágica derrota, a morte do rei, a perda dos companheiros, a desgraça da pátria mergulhada em luto geral; chora o sofrimento inerente à sua condição de cativo e a crueldade com que é tratado;

²⁸ Fr. Bernardo da Cruz, *Crónica de d'El-rei D. Sebastião*, Biblioteca de Clássicos Portugueses, Lisboa, 1903, vol. II, p. 95.

chora sobretudo a saudade da pátria, do seu caro Lima, do tempo em que, livre, cantava ao som das suas águas.

Além do assumir da dor colectiva («Ai triste Lusitânia, triste chora,/que nunca para choro eterno e triste/tanta causa tiveste como agora»), do comungar dessa situação em que «abriu a comum dor correntes rios/de triste, lagrimoso, eterno pranto», há a sua situação pessoal, «a dor deste desterro/que vai roendo a vida como traça», esse deserto «onde cativo choro o noite e o dia,/onde me dão por cama a terra fria,/onde me tolvem ver o ar aberto».

Como exprimir adequadamente tal sofrimento?

Apesar da acumulação de vocábulos que remetem para a expressão da dor (suspiros, choro, pranto, lágrimas, gritos), apesar das hipérboles recorrentes (fontes, ribeiros, rios de lágrimas), o poeta luta com a incapacidade das palavras para exprimirem tanta dor, desespera com a insuficiência do seu pranto. Nesse esforço em busca da palavra poética capaz de dizer o que parece indizível, encontram-se por vezes expressões conseguidas, como esta reformulação da estereotipada imagem do rio de lágrimas: «Ah triste rio Lima, ah triste Tejo,/ quem vos tivera dentro no meu peito/ pera poder chorar quanto desejo!»

2.4. Abundam também nesta obra as lágrimas motivadas pela morte de pessoas ilustres ou, pelo menos, de elevado nível social – o príncipe D. João, o rei D. João III, D. João de Lima, D. Ângela de Noronha, D. Diogo da Silveira e uma filha do duque de Bragança. Se nos dois primeiros casos o lamento poético se justifica pela importância política das personagens e pela repercussão nacional da sua morte (recorde-se como a morte do príncipe D. João foi chorada por todos os poetas relevantes da época), nos restantes casos estamos perante textos motivadas pelas relações do poeta com as famílias enlutadas que pretende homenagear.

São poemas que podemos considerar na confluência do «pranto» medieval, de que recebem vários elementos tópicos, com formas de expressão de cunho renascentista

transformadas já em material poético estereotipado, a que acresce o reforço da visão cristã da morte e a meditação desolada acerca da miséria e efemeridade da vida.

O mais interessante destes poemas parece-nos ser a «Elegia à morte de El-rei D. João III», não tanto pelo valor estético, como pela sua clara inserção na tradição do pranto poético²⁹ e pelas preocupações políticas a que dá forma. Depois de referir a sua dor individual e a dor comum do reino (ampliada poeticamente pela dor de toda a natureza), tece o panegírico do monarca falecido. Denomina-o pilar da paz, administrador da «direita justiça», muro da «santíssima fé» que difundiu pelas suas conquistas, protector de artes e letras; enumera as suas muitas virtudes: «a pura fortaleza, a grã clemência,/ a mansidão, a liberalidade,/ e sobretudo em tudo a grã prudência», acrescidas ainda de humildade «em tanta alteza». A apóstrofe tópica à morte, censurando-a por ter vindo tão cedo, tem aqui motivo político: devia ter esperado o crescimento da «tenra flor», isto é, o neto que lhe sucedeu no trono e que tinha então apenas três anos. A morte do rei é vista como castigo pelos pecados do reino, por isso apela à sua conversão: «Ingrato Reino a quantos benefícios/do céu tens recebido, Reino triste,/deixa teus erros já, chora teus vícios». E o poema termina com uma súplica à alma do rei: que interceda junto de Deus para que proteja o reino e o novo rei, esse D. Sebastião «em dor erguido rei, nascido em dor».

No conjunto destes poemas a expressão da dor assume formas standardizadas pela poesia do tempo: choram as ninfas dos rios (explora-se uma geografia fluvial metonimicamente associada às pessoas choradas e que engloba o Minho, o Lima, o Douro e o Tejo, mas também os pequenos Vez e Neiva); choram nereides, náiades e napeias;

²⁹ Só neste poema Bernardes usa o termo «pranto» como designação de uma composição poética, neste caso a sua elegia: «Ah musas, inspirai neste meu pranto/tão magoado som, versos tão tristes,/ que o sol se cubra de um escuro manto».

evoca-se, por comparação, o pranto das Helíades chorando Faetonte; e até Apolo, «el señor de Delo», é chamado a chorar uma destas mortes.

São lágrimas literárias de um poeta áulico que faz destes poemas gestos de homenagem a ilustres protectores.

2.5. Se a manifestação de uma vassalagem literária e social parece ser a única função do choro nesses poemas motivados pela morte de destacadas personagens, analisemos agora as funções que as lágrimas assumem nos poemas de carácter religioso.

Deparamos por vezes com uma identificação de pranto e canto, na medida em que ambos, ou seja, o canto poético enquanto expressão de sentimentos ditos também através das lágrimas, são preito prestado à divindade, geralmente a Cristo crucificado. É sobretudo nos poemas em louvor das chagas de Cristo que encontramos esta identificação das lágrimas de compaixão pelo seu sofrimento com o poema que as louva: «E lágrimas darei às cinco flores/que em mãos e pés e lado vejo estar» (Elegia I); «Aquela dor imensa que sentiram/convosco os membros seus, chagas serenas,/fazei que chore, e cante, escreva e sinta» (Soneto II às chagas); «Enfim, primeiro deixe tudo quanto/de vós, meu Deus, me aparta e me desvia/de dar a vós meu choro, a vós meu canto» (Elegia IV, no tempo do mal).

Mas as lágrimas derramadas por este pecador consciente das suas culpas, quer sejam lágrimas de compaixão perante o sofrimento redentor de Cristo, quer sejam expressão de arrependimento pelos seus pecados que provocaram tal sofrimento, aspiram sobretudo a uma função purificadora. Aproveitando o valor simbólico da água como agente lustral presente na liturgia católica, o poeta insiste na necessidade de um pranto tão intenso, que consiga lavar as nódoas da culpa que lhe mancham a alma: «Entanto os olhos façam seu ofício,/ em pranto perenal as nódoas lavem/que na minha alma pôs o sujo vício» (Elegia I); «Como tão seca está [a minha alma] que não derrama/lágrimas noite e dia em que se lave?» (Elegia IV); «Correi,

lágrimas minhas (...)/Correi em modo que deixeis lavadas/
feias nódoas que tem minha alma feia» (Soneto «Lágrimas
minhas que com larga veia»).

Lágrimas de dor ... Lágrimas de arrependimento...
Lágrimas purificadoras? Note-se que esta função aparece
referida sempre num modo optativo, expressão de um
anelo, aspiração a uma purificação inatingida.

3. O Canto poético

A reflexão em torno de questões atinentes à natureza
e funções da poesia assume notável desenvolvimento ao
longo do século XVI, sobretudo em Itália, num labor
teórico cujas repercussões, de forma nem sempre directa,
acabam por se fazer sentir em Portugal. Sendo embora
muito escassos entre nós os textos de teorização literária, é
no entanto legível o debate em torno de conceitos e cami-
nhos da actividade poética em textos literários de carácter
meta-poético. Um dos lugares mais relevantes desse debate
na literatura portuguesa quinhentista é a carta em verso³⁰,
que frequentemente se apresenta como forma de diálogo
entre poetas (e Bernardes é um destacado participante nesse
diálogo), ou de lição de poetas fazendo a apologia da sua
arte. Aí deparamos com a afirmação da poesia como forma
superior de conhecimento, como meio capaz de vencer o
tempo perpetuando nomes e memórias, como instrumento
de elevado valor pedagógico de efeito moral e cívico. Tal
acção pedagógica exerce-a o poeta, não apenas através do
discurso didáctico do conselho, mas sobretudo por meio

³⁰ Sobre a carta em verso e seus conteúdos temáticos, veja-se Isabel
Almeida, *Doces, brandos, graves, doutos versos: para um estudo da
épistola poética no século XVI*. Dissertação de Mestrado, Lisboa,
Faculdade de Letras, 1989, e Saulo Neiva, *Au nom du loisir et de
l'amitié: rhétorique et morale dans l'épître en vers en langue portu-
gaise au XVI.^e siècle*, Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian,
1999.

do discurso epidíctico: louvor (de virtudes; de personagens que as cultivaram; de acções em que se concretizaram), que tem por vezes como contraponto a correspondente censura de vícios que desviam o homem do recto caminho e afectam a sociedade.

Nesta obra de Diogo Bernardes, em que coexistem «versos ao divino» e poemas de tema profano, está subjacente essa visão da poesia, da sua natureza e funções .

Começemos pelos poemas de carácter religioso. Pode dizer-se que há aqui uma harmoniosa identificação da prática poética com concepções teóricas expostas por autores como Tomé Correia, D. António de Ataíde ou Miguel Sánchez de Lima, que sublinhavam a natureza sacral da poesia e a sua função primeira de linguagem de louvor da divindade³¹. Por isso Bernardes frequentemente identifica estes seus poemas com hinos e salmos («Que salmos ou que versos cantaremos/ em teu louvor, ó Luz imensa e pura?»³²), ou os faz corresponder a outros gestos de culto, como a oferta de flores ou de ex-votos. Vejam-se, por exemplo, os sonetos «às cinco chagas de Jesus», em que rimas, flores, choro e canto, «as palavras que digo e tenho ditas», as metáforas enaltecedoras, os instrumentos da escrita, a confissão da insuficiência do seu canto, tudo é assumido como atitude de louvor e adoração. Veja-se também a identificação dos poemas com ex-votos no primeiro dos sonetos «a Nossa Senhora estando cativo», onde, depois de manifestar confiança na sua libertação por intercessão da Senhora, promete: «Logo mil brandos versos pendurados/deixarei em lugar do grilhão duro/diante da sagrada imagem vossa».

Nestes poemas que assim se assumem como cantos de louvor a Deus não faltam ecos de textos poéticos bíblicos,

³¹ Sobre a teorização acerca da poesia exposta por autores portugueses nesta época, veja-se a excelente introdução de Isabel Almeida na antologia *Poesia maneirista* (Lisboa, Comunicação, 1998, pp. 17-65).

³² Cf. «Estâncias a Deus Nosso Senhor»

nomeadamente do livro dos Salmos. Ao contrário do que se verifica na obra de outros poetas portugueses da época³³, não há propriamente paráfrases de textos dos Salmos, como já demonstrou Luís da Sá Fardilha ao analisar a relação de alguns destes poemas com os salmos penitenciais³⁴. Mas há o frequente recurso a expressões usadas pelo salmista, numa identificação de atitudes do poeta; atitudes que vão do lamento e da súplica confiante ao agradecimento das mercês recebidas e glorificação do Deus onnipotente e protector. Um Deus perante o qual o poeta expõe a sua miséria e sofrimento, como o do duro cativo, «onde com pão de dor lágrimas bebo» (Elegia II), verso em que ressoam lamentos do salmista: «Dia e noite as lágrimas são o meu alimento» (Sl. 42, 4); «Em vez de pão como cinza,/ e misturo a minha bebida com lágrimas» (Sl. 102, 10). Um Deus a quem o poeta pede protecção e ajuda, envolvendo-o numa causa contra inimigos comuns – «Farão os teus imigos de nós jogo/ se nos virem de ti desamparados» (Écloga deploratória) –, uma ideia tão insistentemente repetida pelo salmista. Um Deus a quem tudo é patente, a cuja visão o homem se não pode furtar, a quem o poeta, tal como o salmista (Sl. 139, 7-12), dirige esta interrogação retórica: «Em que alta serra, em que profundo mar/ pode [o homem] de vossos olhos esconder-se?» (Elegia IV, no tempo do mal). Um Deus em quem o poeta põe toda a sua confiança, pois sabe que só dele lhe pode vir a salvação;

³³ Sobre algumas paráfrases de salmos no século XVI em Portugal, veja-se José Adriano de Freitas Carvalho, «No texto do Cancioneiro de Corte e de Magnates: os *Salmos penitenciais* de D. Jorge de Soto Mayor», separata de *Annali dell'Istituto Universitario Orientale*, Napoli, 1976; id., «D. António, Prior do Crato, príncipe penitente. Os *Psalmi Confessionales*: do *exemplum* à devoção», in *Via Spiritus*, n.º 2, Porto, 1995, pp. 67-129. Quanto a repercussões do Salmo 137 (salmo 136 da *Vulgata*), vd. Maria de Lourdes Belchior, «As glosas do salmo 136 e a saudade portuguesa», in *Os homens e os livros - séculos XVI e XVII*, Lisboa, Verbo, 1971, pp. 17-28.

³⁴ Luís de Sá Fardilha, op. cit., pp. 68-74.

uma confiança que se exprime por vezes através de imagens colhidas nos salmos – confrontem-se, por exemplo, estes versos da Elegia I «Como cervo nos montes perseguido,/ venho buscar a fonte de água viva» com o salmo 42 –, mas que na poesia de Diogo Bernardes assume a expressão neo-testamentária de busca de refúgio nas chagas redentoras de Cristo.

Pode dizer-se que as funções consignadas pelo autor aos poemas religiosos contidos nestas *Várias rimas ao Bom Jesus* (e recorde-se a hipótese de que o seu plano inicial limitasse o volume a esses poemas...) estão expostas no «soneto dedicatório». Com esta obra pretende o poeta, antes de mais, louvar a Cristo e à Virgem. Mas visa também exercer uma influência transformadora sobre os leitores: levá-los ao arrependimento e à conversão. Não se trata apenas de desenhar um percurso espiritual de carácter individual, de meditar sobre a efemeridade da vida terrena («Oh vida humana, folha em seco estio,/ levada pelo ar de qualquer vento!/ Oh flor de primavera, num momento/ chamuscada do sol, murcha do frio!»³⁵), de escrever lágrimas de arrependimento ou mesmo a palinódia de anteriores versos profanos «que soía/doudamente cantar ao som do Lima»³⁶, mas também de fazer destes poemas uma espécie de prédica que possa, com o favor divino, levar outros pecadores a assumirem idêntica atitude, para salvação do homem e glória de Deus.

Num mundo católico que vivia por então um reacendimento de fervor religioso decorrente da renovação doutrinária tridentina e da acção militante de novas ordens religiosas e de ordens antigas reformadas, e num país em que se sucederam lutos políticos e tragédias colectivas ao longo de meio século, compreende-se a supremacia que a produção poética de carácter religioso apresenta nesta

³⁵ Vd. Soneto «Se toda nossa vida é desafio».

³⁶ Vd. «Soneto a um pintassirgo».

época³⁷ e os temas que predominantemente aborda³⁸: a consciência da culpa, do pecado como causa dos castigos sofridos, e o conseqüente arrependimento e desejo de conversão; a busca de salvação no sofrimento redentor de Cristo que faz da Paixão o centro da concepção e vivência religiosas; a devoção a santos vistos como paradigmas das atitudes preconizadas. Esta obra de Diogo Bernardes é claro reflexo desse universo histórico-religioso e espiritual.

Os poemas de carácter profano incluídos neste volume têm quase todos uma dimensão áulica. O que obriga a focar outros aspectos do debate da época acerca da poesia e das suas funções.

Se o louvor era, indiscutivelmente, uma das principais funções da poesia, quais as fronteiras entre o justo elogio e a mera lisonja? Se a poesia era instrumento de celebração e perpetuação da memória (de heróis, de feitos, de homens virtuosos), quais os limites a esse poder de imortalização concedido ao poeta?

Camões traça, no final do canto VII d' *Os Lusíadas*, uma separação nítida entre os heróis que canta – «Aqueles sós direi que aventuraram/por seu Deus, por seu Rei, a amada vida» (VII, est. 87, vv. 1-2) – e aqueles que exclui do seu canto por serem indignos dele (VII, est. 83-86). E os critérios éticos em que fundamenta a sua decisão são claros

³⁷ Neste contexto histórico-cultural justifica-se plenamente a hipótese formulada por Luís Fardilha: «O editor parece ter tido outras prioridades. Talvez Simão Lopes tenha julgado que as *Rimas ao Bom Jesus* poderiam atingir um público mais numeroso e satisfariam expectativas mais prementes. Aparentemente, a sua sensibilidade de «mercador de livros» não o enganou, uma vez que as *Várias Rimas ao Bom Jesus* foram reeditadas por quatro vezes nos começos do século XVII (...), enquanto quer *O Lima* quer as *Flores do Lima* apenas tiveram uma segunda edição, em 1633» (L. Sá Fardilha, op. cit., p 60).

³⁸ Para a análise da temática da poesia lírica desta época, veja-se a obra fundamental de Vítor Aguiar e Silva, *Maneirismo e Barroco na poesia lírica portuguesa*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1971.

e inquestionáveis. Mas esta imagem do poeta justiceiro distribuindo com o seu talento o prémio da imortalidade poética só a quem o merecer é por vezes ofuscada pela referência à instrumentalização da poesia, reduzida à função servil de louvor de poderosos sem mérito, ou a meio de subsistência do poeta.

Embora nos poemas panegíricos incluídos neste volume não haja vestígios desta questão, a sua leitura não pode deixar de trazer à memória do leitor ecos de outros textos de Diogo Bernardes, sobretudo cartas, em que a poesia é veículo de pedidos muito concretos de ajuda material³⁹, ou em que chega a confessar: «já mui largamente/adulei por palavras e por escrito,/mas *no per ciò o gadañato niente*»⁴⁰. Mas aqui, os poemas laudatórios incluídos nas «outras [rimas] de honesta e proveitosa lição» anunciadas no título da obra mantêm o estilo hierático de celebração de heróis, de virtudes, de figuras exemplares dignas de admiração e louvor. São gestos de homenagem a importantes personagens a quem o poeta se sente ligado por relações de dependência pessoal ou política. Gestos desenhados de acordo com os códigos sociais e literários da época.

Critérios da edição

– O texto-base desta edição é, naturalmente, o da primeira (1594), corrigindo-se os erros evidentes e registando-se em nota essa correcção.

– Modernizou-se a pontuação sempre que considerado necessário e sem que tal afectasse o sentido do texto.

³⁹ Vd., por exemplo, *O Lima*, carta XVI, a -eFrancisco de Sá de Meneses, a quem pede: «A mão, Senhor, me dai pera que saia/do pego da miséria onde me vejo,/antes que sem remédio ó fundo caia»; ou a carta XXIX, a D. Cristóvão de Moura: «Confesso que muito já me tendes dado,/mas confesso também que inda me vejo/ao peso da miséria estar atado».

⁴⁰ Cf. *O Lima*, Carta XXIII, a D. Fernando Álvares de Castro.

– Modernizou-se igualmente a acentuação, ressaltando no entanto alguns aspectos próprios da língua da época.

– Procedeu-se às seguintes alterações ortográficas:

- separação de palavras de acordo com a norma actual, incluindo supressão de apóstrofe (*d'alguns* ou *dalguns* / *de alguns*);
- supressão de *h* inicial de acordo com norma ortográfica actual (*he* / *ê*);
- supressão de consoantes etimológicas não usadas pela ortografia actual (*sancto* / *santo*);
- substituição de *y* por *i*, e de *u* e *i* com valor consonântico por *v* e *j* respectivamente (*suaue* / *suave*, *Iesus* / *Jesus*);
- representação dos sons nasais, vogais e ditongos, de acordo com a norma actual (*bós* / *bons*, *virgē* / *virgem*, *tam* / *tão*);
- substituição da terminação *-ea* por *-eia* (*lea* / *leia*), uma vez que por esta época o hiato tinha já dado lugar à ditongação⁴¹; manteve-se contudo a forma com hiato em palavras como *ũa* e *algũa*⁴², devido à incerteza sobre se o til seria então representação gráfica da nasalidade da vogal ou da consoante nasal *m*; manteve-se igualmente a grafia *lũa*, que ocorre de forma sistemática, embora muito provavelmente a nasalidade do *u* já não se verificasse na época;
- redução de consoantes duplas (excepto *-ss-* e *-rr-*);

⁴¹ ũIvo Castro, *Curso de História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1991, p. 245.

⁴² Escreve Paul Teyssier: «Permanecerão ainda na língua [no século XVI] algumas sequências de vogais em hiato que serão eliminadas posteriormente», e exemplifica com a forma *ũa*, cuja grafia *uma* só se generalizará no século XVIII. (P. Teyssier, *História da Língua Portuguesa*, 4ª ed., tradução de Celso Cunha, Lisboa, Sá da Costa, 1990, p. 45)

- substituição do apóstrofe por *e* propeico em palavras iniciadas pelo grupo *sp-* (*‘spirito / espírito, ‘sperar / esperar*);
- manutenção de formas diferentes da mesma palavra que ocorrem no texto (*‘piadosa / piadosa, Jesus / Jesu; nascer / nacer*); manteve-se também a alternância *digno / dino*, embora a utilização destas formas em posição de rima (p. ex. *digno* rimando com *divino*) permita concluir que à grafia diferente não correspondia necessariamente diferente realização fônica;
- substituição de parênteses por vírgulas quando tal foi considerado necessário;
- utilização de [] para sinalizar qualquer eventual aditamento ao texto.

Anteriores edições desta obra:

Varias rimas ao Bom Iesus, e a Virgem Gloriosa sua May, e a Sanctos particulares. Com outras mais de honesta & proueitosa lição. Dirigidas ao mesmo Iesus, Senhor e Salvador nosso. Por Dioguo Bernardez. Com licença da S. Inquisição. Em Lisboa. Em casa de Simão Lopez. M.D.XCIV.

Varias rimas ao Bom Jesus (...), Lisboa, por Jorge Rodrigues, 1601

Não conseguimos localizar qualquer exemplar desta edição. Inocêncio Francisco da Silva, no seu *Dicionário bibliográfico*, refere-se a um exemplar comprado por José da Silva Costa.

Varias rimas ao Bom Iesus, e à Virgem Gloriosa sua May, e a Santos particulares. Com outras mais de honesta, & proveitosa liçam. Dirigidas ao mesmo Iesus, Senhor, & Salvador nosso. Por Diogo Bernardes, natural de Ponte de

Lyma. Com licença da S. Inquisição. Em Lisboa, por Pedro Crasbeeck, 1608.

Varias rimas ao Bom Jesus (...), Lisboa, por Pedro Crasbeeck, 1616.

Outra edição de que não encontramos qualquer exemplar. Barbosa Machado, que não refere nenhuma das edições anteriores, indica apenas esta e a de 1622 (cf. *Biblioteca Lusitana*, tomo I, Lisboa, 1741, p. 638).

Varias rimas ao Bom Jesus, e a Virgem Gloriosa sua Mãe, e a Sanctos particulares: com outras mais de honesta, e proveitosa lição (...). Por Diogo Bernardes. Ano de 1622. Em Lisboa. Com as licenças necessárias. Por António Álvares, & à sua custa.

Varias rimas ao Bom Jesus e à Virgem Gloriosa sua Mãe e a Santos particulares: com outras mais de honesta, e proveitosa lição (...). Por Diogo Bernardes. Lisboa, na oficina de Miguel Rodrigues, 1770.

Diogo Bernardes, *Várias rimas ao Bom Jesus*, com prefácio e notas do Prof. Marques Braga, Lisboa, Sá da Costa, 1946.

*VÁRIAS RIMAS AO BOM JESUS
E À VIRGEM GLORIOSA SUA MÃE
E A SANTOS PARTICULARES,
COM OUTRAS MAIS DE HONESTA
E PROVEITOSA LIÇÃO.
DIRIGIDAS AO MESMO JESUS,
SENHOR E SALVADOR NOSSO,
POR DIOGO BERNARDES*

Licença

Vi por mandado de S. A. este livro; contém-se nele muitos louvores de Jesus e das suas chagas, e da gloriosa Virgem e de alguns santos, com outras cousas várias e curiosas, em estilo poético, grave e eloquente, onde o autor mostra muita erudição e devação, e não vai aqui coisa contra nossa sagrada religião e bons costumes, antes tudo é de edificação e muito digno que se leia e imprima.

F. Bertolameu Ferreira.

Vista a informação, pode-se imprimir este livro, e depois de impresso torne a esta Mesa pera se conferir com o original e se dar licença pera correr. Em Lisboa, 22 de Agosto de 94.

O bispo d'Elvas.

Diogo de Sousa.

Licença do Ordinário

Pode-se imprimir. A 9 de Setembro de 94.

João de Lucena Homem.

Licença de Sua Majestade

Foi este livro visto na Mesa. Pode-se imprimir, vista a licença do Santo Ofício da Inquisição que apresenta. Em Lisboa, a 3 de Novembro de 94.

P. D. D'Aguiar.

D. Lameira.

Tabuada do que contém o presente livro per ordem do ABC⁴³

Sonetos

A

Ainda, ó bom Jesu, que em ofender-vos	fol. 5
A vida, ó bom Jesu, que defendeste	12
Al cielo quejas da natureza	102
Alma felice y rara que del cielo	104

B

Busca (segun se escribe) el ciervo herido	12
Banhada em vivas lágrimas Maria	56
Brando Senhor Jesus, as pias rimas	1

C

Consolador Esprito que inflamado	13
Con funebre cipres y negro velo	103
Cortó la muerte con rigor temprano	103
Cinco fontes de graças infinitas	9

D

Dos vossos olhos sempre piadosos	29
Ditosa estrela que os tres Reis guiaste	53
De noute a Madanela vai segura	55
Do grande Carlos Quinto o peito aberto	100
Despojos do mais forte e valeroso	108

E

Erguei, Senhor, o meu entendimento	9
El cielo con la tierra han contratado	71
Eu fiz (como já disse o Mantuano)	58

F

⁴³ Mantém-se esta «Tabuada» com a numeração dos fólhos tal como aparece na primeira edição.

Fermosa Virgem que do sol vestida	24
Fermosa Virgem mais que o sol fermosa	31
Fermosa penitente que lavaste	56
Fermoso moço que no céu descansas	99

I

Imagem em tudo rara e pelegrina	30
Junto do rio Lima Délio estava	99

L

Lourenço, que de louro coroado	51
Lágrimas minhas que com larga veia	100

N

Não seja hoje o sol de luz avaro	30
--	----

O

Ó bom Jesu donde piedade chove	3
Ó frescas rosas cinco, ó cinco estrelas	7
Ó chagas de Jesu, doce memória	7
Ó do meu doce amor doce cuidado	28
Ó Virgem bela e branda, quem já vira	29
Ó Virgem, já que fostes verdadeiro	31
Ó santo cavaleiro, em cujo dia	51
Ó noite santa e clara inda que escura	52
Ó jacinto entre pedras preciosas	57
Ó venturosas manos que cogistes	72
Os olhos onde o casto amor ardia	80
Os meus alegres venturosos dias	89

P

Pois vem amanhecendo o santo dia	50
Polónia deu ao mundo e deu ao céu	57
Poi chi il desio chi m'infama il core	71
Pois armar-se por Cristo não duvida	80
Pequenino cantor grande em estima	89

Q	
Que flores vos darei tão pelegrinas	8
Qual naufrágio do mar ou qual perigo	27
Quanto o remédio humano mais incerto	28
Quanto menos, ó Virgem, vos mereço	32
Qual Atlante ao céu tal te mostraste	101
Quando no mor furor Marte movia	101

R	
Relíquias santas de almas santas dignas	70

S	
Sacratíssimas chagas, neste escuro	8
Se toda nossa vida é desafio	10
Sobre um corrente lago na verdura	88

V	
Virgem, de quem com lágrimas e ais	32

Tabuada das elegias

A Jesu	
Aqui, ó Rei dos reis, onde vos vejo	1
A ti, meu bom Jesu, que ofendi tanto	5
A Dona Maria de Vilhena	
Alma merecedora de mil palmas	72
À morte de D. João, filho de D. Fernando, visconde de Vila Nova de Cerveira	
Ah triste rio Lima, ah cruel rio	97
A Nossa Senhora da Piedade	
Eu de vós que direi, Virgem sagrada	22
Estando o autor cativo	
Eu que livre cantei ao som das águas	81
À morte de El-rei D. João	
Pois não tenho palavras com que possa	93
A Jesu	
Que coração tão duro, que vontade	4
Em o tempo do mal	

Quem, ó Senhor do céu, de tanta culpa	10
Estando o autor cativo	
Sobre um alto rochedo em Berberia	83
À morte do príncipe D. João	
Si la causa del lloro te lastima	91

Epigramas

Com qual amor, ó sumo Amador nosso	6
Fermosa Virgem clara, inda mais clara	70
Jacinto, digo o que sinto	57
Jacinto, o que já sinto	57
No mar profundo as aves farão ninho	54
Santíssimo Agostinho que inflamado	54

Estâncias

Lágrimas de S. João Evangelista	
Aquele a quem amava o mesmo Amor	43
A Santo António	
Aqui nasceste, António, e não somente	53
Ascensão de Nosso Senhor	
Depois que triunfou no alto madeiro	14
Lágrimas de S. Pedro	
Depois que Pedro viu como negara	36
História de Santa Úrsula	
De ùa fermosa virgem e esposada	58
A Deus Nosso Senhor	
Que salmos ou que versos cantaremos	13
Hino de S. João	
Quem poderá formar tão alto canto	49
A S. João de Porta Latina	
Juan que ardor siente	52

Endechas

Alma minha, ó alma	90
Grandes esperanças	91

Nesta vida escassa	90
Virgem soberana	34
Sextinas	
Cansado tenho já com largo pranto	87
Já não tem para mi prazer os dias	14
Éclogas	
No tempo do mal, ao Senhor Dom Duarte Príncipe soberano, não vos seja	73
Oda	
Ao conde das Idanhas Senhor, não me atrevia	104
Trovas e motes glosados	
Por engrandecernos	21
<i>Volts</i>	
Alabado sea	21
Tanto agradastes a Dios	55
<i>Volts</i>	
Donde a vuestros labios tal	55
Ay Dios, que haré	18
<i>Volts</i>	
Es sin ti la vida	18
Di, pues vienes de Belén	16
<i>Volts</i>	
Mi fe, vi! Pues de los dos	16
Un suspiro dió Maria	18
<i>Volts</i>	
Mas que digo que uno dió	18
Niño tan bonito	20
<i>Volts</i>	
Muy dulce contento	20
Pensamientos, a do vais	107

<i>Glosa</i>	
Mis pensamientos levianos	107
Nació el Sol de la Luna	17
O Madre de Dios	34
<i>Voltas</i>	
Os vossos louvores	34
Santas llagas si la culpa	15
<i>Glosa</i>	
Puso Dios nel paraíso	15
Di, Pascoal, viste a Maria	19
<i>Voltas</i>	
Pues dime de que manera	20
Como estais temblando	16
<i>Voltas</i>	
Vos que calor dais	16
Ai! Ai! Meu amor, como vos vai	19
<i>Voltas</i>	
Vejo-vos estar chorando	19
No se, vida, quién te alaba	21
<i>Voltas</i>	
Vengan males, vengan bienes	22
No cupo la culpa en vos	33
<i>Voltas</i>	
Virgen de Dios escogida	33

Canções

À morte de Dona Ângela	
Ângela, que dos anjos rodeada	77
A Nossa Senhora	
Ó Virgem sobre todas soberana	25

Soneto dedicatório

Brando Senhor Jesus, as pias rimas
no discurso dos anos derramadas,
a ti, à Virgem Madre dedicadas
em várias ocasiões, em vários climas,

aqui, para que tal favor lhe imprimas
que sejam dos teus servos estimadas,
juntas te são de novo apresentadas
com fé e puro amor que mais estimas.

E se nelas achar o pecador
coisa de que se tanto satisfaça
que chore arrependido a culpa sua,

disso graças te dê, dê-te o louvor
a ti, de quem os bens, de quem a graça
procedem por bem nosso e glória tua.

Elegia I

A Jesu

Aqui, ó Rei dos reis, onde vos vejo
que numa cruz morreis por meu amor,
aqui por vosso amor morrer desejo.

Que moura aqui por vós, meu Redentor,
muito fica devendo esta alma minha,
que muito vai do servo a seu senhor.

Ai de mim, que na culpa me detinha!
Apartado de vós, meu bom Jesus,
andava cego e luz buscar não vinha.

Não vos vinha buscar, divina luz,
que tanto tempo há que me esperais
com os braços abertos nessa cruz!

Mágoas de tal descuido, que não dais
a meus olhos de lágrimas um rio?
Por quê frios suspiros derramais?

Senhor, sem quem de mim nada confio,
vós o pranto me dai, vós acendei
em vosso ardente amor meu amor frio.

De mi, por quem vós sois, me defendei,
e do mais que de vós minha alma aparta.
Dentro no vosso lado a recolhei,

onde dos olhos dela não se parta
Jesu crucificado; esta lembrança
comigo nova dor sempre reparta.

Ó Redentor da vida, ó esperança
de um pecador de vós tão esquecido,
de piedade usai, não de vingança.

Como cervo nos montes perseguido,
venho buscar a fonte de água viva,
de tanto vos fugir arrependido.

A vossa condição a quem esquiva?
a quem negou amor? a quem brandura?
a quem de graves culpas não aliva?

Ó resplendor divino, ó fermosura
dos anjos, luz do sol, eu vos cobri
nessa cruz onde estais de sombra escura.

Eu vos crucifiquei, eu vos vendi,
eu vos neguei mil vezes, que não três,
eu fui o que esse lado vos abri.

Que castigo merece quem tal fez?
Vós o sabeis, Senhor, mas eu bem sei
que mais perdoais vós de cada vez;

de cada vez que com dizer «pequei»
se converter a vós quem vos errou.
De bondade tamanha que direi?

Que direi do extremo a que chegou
a força do vosso amor brando e suave⁴⁴
que nessa dura cruz vos encravou?

Amor que tanto pode, ele me encrave
a vossos santos pés esta alma triste,
e dela em vossas mãos entregue a chave.

Ali se vencerá quem lhe resiste,
ali me vencerei com favor vosso,
que o vencimento meu em vós consiste.

Confesso, bom Jesu, remédio nosso,
mil culpas em que estou inda enlaçado.
Se vós me não valeis, eu só que posso?

Por vós me veja delas desatado,
e de cuidados vãos, enganoso certos
que me trazem a mi de vós roubado.

Nas cidades, nas vilas, nos desertos,
sempre vos cantarei novos louvores,
quer em pública voz, quer encobertos.

⁴⁴ Verso hipermétrico, irregularidade muito rara na poesia de Diogo Bernardes.

E lágrimas darei às cinco flores
que em mãos e pés e lado vejo estar,
e a todas as mais chagas e mais dores.

Não deixarão meus olhos de chorar
a pena que vos deu essa coroa
que vos deram por rir e por zombar.

Qual espinho verei que me não doa
vendo como de todos sois ferido
com ponta que té os ossos não perdoa?

Qual golpe em vosso corpo recebido
me não magoará, inda que eu seja
mais que pedra ou que ferro endurecido?

Permiti vós, Senhor, que cedo veja
o que de vós espero, o que desejo,
pois nisso vosso gosto se deseja.

Falem por mim as penas que em vós vejo,
sirva meu coração de sacrifício
per onde a vós me chegue mais sem pejo.

Entanto os olhos façam seu ofício,
em pranto perenal as nódoas lavem
que na minha alma pôs o sujo vício.

Inda que tantas são que já não cabem,
em lágrimas delidas saiam fora,
por que menos meus erros vos agravem.

Negue tão de verdade desde agora
do mundo os gostos vãos, que nunca os olhe,
nem cuide neles mais ponto nem hora.

Outros, que meu amor de novo escolhe,
veja de vós, amando, merecidos,
pois deles melhor fruto se recolhe.

É tempo de chorar tempos perdidos,
é tempo de sentir que vos perdia
dando a mil vaidades meus sentidos.

Agora vejo bem qual andaria
quem andava de inimigos rodeado
e seus falsos enganos não sentia.

Se vos buscar queria, desviado
me faziam cuidar que vos achasse,
e tinha-vos aqui crucificado.

E quem vos não achou que vos buscase,
resplandecendo vós em toda parte,
fermoso sol que para todos nasce?

Qual ingenho sutil, aviso e arte
poderá declarar tal piedade
que diga de cem mil a menos parte?

Enfim, meu bom Jesu, suma bondade,
a vossos pés me rendo oferecido
a tudo quanto for vossa vontade.

Se me desemparais, eis-me perdido,
eis-me tornado logo ao cego Egipto
donde tão pouco há tenho saído.

Portanto, renovai o meu espirito,
a vós juntai minha alma arrependida
do mal que tem cuidado, feito e dito.
Comece, por ter vida, nova vida.

Soneto

Ao mesmo Jesu

Ó bom Jesu, donde piedade chove,
dela comigo usai, isto vos peço,
e, posto que tal graça não mereço,
a vossa na minha alma se renove.

Se com seu rogo o pecador vos move
(de cuja liberdade fostes preço),
o meu, em culpas minhas que conheço,
o vosso brando amor, não ira, prove.

Com ver qual nessa cruz estais por nós
inda me põem meus erros em receios.
Deles que menos pena esperar posso?

Senhor, pois os tomastes sobre vós,
não os vejais em mi, que em mi são feios;
lavados os olhai no sangue vosso.

Elegia II

A Jesu

Que coração tão duro, que vontade
tão seca e desumana pode ser
que negue a vossas dores piedade?

Quais olhos, bom Jesu, vos podem ver
cravado nessa cruz onde expirais
sem piadosas lágrimas verter,

senão os meus, enxutos muito mais
em chorar vossa morte e meu pecado
que de Líbia os ardentes areais?

Ah, brando Senhor meu, quão maltratado
vos vejo se em vós ponho o pensamento!
Quão aflito por mi, quão desprezado!

Tantas penas, Senhor, tal sofrimento,
tal brandura com gente endurecida
outra dor pedem, outro sentimento.

Mor mágoa a tão grão mágoa era devida,
mais encendido amor a tal amor,
comprardes pela vossa a nossa vida.

Trabalho não ficou, não ficou dor
de quantas inventou a crueldade
que se não visse em vós, meu Redentor.

Pois quem será que sinta de verdade
quanto por nós sentistes e sofrestes
que negue a vossas dores piedade?

Por nos subir ao céu do céu decestes,
por nos livrar da pena à cruz subistes,
pecámos contra vós, vós padecestes.

Ah, Cordeiro sem mágoa, em nós que vistes,
que para ser por nós oferecido
da nossa humanidade vos vestistes?

Não fostes vós, Senhor, o ofendido?
Não fomos nós os que vos ofendemos?
Oh extremo de amor mal conhecido!

Não um extremo só, mas mil extremos,
todos cheios de amor. Mercês tamanhas
quando ou por que modo as serviremos?

Amor vos faz sofrer penas estranhas,
amor vos pôs na cruz, ele vos tem
trespassadas as mãos e as entranhas.

Ah, poderosas mãos, as mãos a quem
vós destes força e ser, contra vós cruas
foram para seu mal e nosso bem!

Mostraram vossas carnes ao sol nuas
que de dó se escurece; o sangue vosso
derramaram por casas e por ruas.

Morreis, meu Deus, por nós! Ah que não posso,
inda que por vós moura, pagar nada,
porque nada sou eu, vós sois Deus nosso!

Desta tal troca, desta desusada
e nunca vista liberalidade
nunca minha alma seja descuidada.

Não permita, Senhor, vossa bondade
que nela persevere tal dureza
que negue a vossas dores piedade.

Abrande vosso amor sua aspereza
e sinta de vos ter errado tanto
grande arrependimento, grão tristeza,
de vós amor de si, dos olhos pranto.

Soneto

Ao mesmo Jesu

Ainda, ó bom Jesu, que em ofender-vos
tanto tempo gastei tão mal gastado,
tão cego em culpas já, tão descuidado
que não via perder-me com perder-vos,

olhai como por mim oferecer-vos
quisestes nessa cruz crucificado,
e dai-me arrepender-me do passado
e no porvir em tudo obedecer-vos.

Vivo, como culpado, com temor
ouvindo contra mi minha maldade
gritar diante vós, Senhor, vingança.

Mas eu perdão espero e piedade,
pois tenho o sangue vosso em meu favor,
açoutes, cravos, cruz, coroa e lança.

Elegia III

A Jesu

A ti, meu bom Jesu, que ofendi tanto⁴⁵,
a ti, repouso dos atribulados,
a ti, glória do céu, do inferno espanto,

a ti peço perdão dos meus pecados,
mui dignos de temer e de chorar,
de mi pouco temidos e chorados.

Por eles, meu Senhor, te vejo estar
crucificado nesse duro lenho;
por eles tardei tanto em te buscar.

Não me enjeites, meu Deus, se tarde venho;
a culpa de temor me está cercando,
segura-me a esperança que em ti tenho.

Se te vejo, Senhor, que estás rogando
a teu eterno Padre por perdão
daqueles que te estão crucificando;

⁴⁵ Esta elegia, em versão com algumas variantes, aparece atribuída a Fr. Agostinho da Cruz em manuscrito transcrito por Mendes dos Remédios na sua edição da obra poética do frade franciscano (Fr. Agostinho da Cruz, *Obras*, Coimbra, França Amado, 1918, pp. 308-311), mas não se encontra na edição preparada por José Caetano de Mesquita (*Várias poesias do Venerável Padre Fr. Agostinho da Cruz*, Lisboa, na oficina de Miguel Rodrigues, 1771).

se dizes com voz doce ao bom ladrão
«Comigo hoje serás no paraíso»,
os meus temores como se não vão?

Mercês tamanhas feitas de improviso
me fazem ter mui certa confiança
de não ser condenado em teu juízo.

Se te meus erros movem a vingança,
lembre-te que por mim puseste a vida,
abrandando teu furor nesta lembrança.

Ó alma minha, ó alma endurecida,
como te não abrandando o grande amor
com que por quem te fez foste remida?

As dores de Jesu dem-te mor dor.
Olha que por dar vida à creatura
tão pouco estima a sua o Criador.

E tu, meu coração de pedra dura,
se vês quebrar as pedras com tristeza,
como não quebras de tristeza pura?

Porque encerras em ti maior dureza?
Por ventura não é teu natural
mais brando do que é sua natureza?

Entranhas de ferro, ah camanho⁴⁶ mal!
Em tantas mágoas sentimento duro
de mui pequeno amor dão grão sinal.

Ah que sem ti, Senhor, é tudo escuro,
tudo são sombras vãs e tudo sonho,
e cego o entendimento mais seguro!

⁴⁶ *Camanho* – forma arcaica de *tamanho*.

Quando meus olhos nessas chagas ponho
e não me vejo em lágrimas banhado,
corrido fico, todo me envergonho.

Ah, chagas amorosas, sacro lado,
este meu peito frio em vosso amor⁴⁷
quem o sentisse já todo abrasado!

Um novo coração me dá, Senhor,
o qual a ti só tema, a ti só ame,
a ti, meu Deus, meu Pai, meu Redentor.

Por ti suspire sempre, por ti chame,
por ti me negue a mi e tudo negue,
por ti saudosas lágrimas derrame.

A ti busque, a ti ache, a ti me entregue
com tão intenso amor, com tal vontade
que nunca mais de ti me desapegue.

Ó bom Jesu, por tua piedade
não te escondas de mi, isto te peço,
que sem ti tudo enfim é vaidade.

Muito pedi, Senhor, pouco mereço;
tão pouco que te não mereço nada
se o teu muito ao meu nada não dá preço.

Esta alma tantas vezes desviada
do caminho do céu tu encaminha,

⁴⁷ Na 1.^a edição, bem como na de 1608 e na de 1622, lê-se aqui a palavra «lado», o que é lapso evidente, resultante da repetição da última palavra do verso anterior. Como o sistema rimático exige neste verso uma rima em *-or*, adoptamos a solução apresentada na edição de 1770 e na de 1946, substituindo a palavra repetida pela palavra *amor*, a mais adequada simultaneamente às exigências da rima e ao contexto.

que se por ti não vai, vai mui errada,
doce Jesu, doce esperança minha.

Epigrama

Com qual amor, ó sumo amador nosso,
com qual sangue que tenha derramado,
vosso amor, vosso sangue pagar posso,
um aceso por mim, outro esgotado,
senão com vosso amor, c' o sangue vosso,
pois para vo-lo dar mo tendes dado?
Por tal razão vos dou, meu Redentor,
por meu o vosso sangue, o vosso amor.

Cinco sonetos que o autor fez estando cativo *Às cinco chagas de JESU*

Ó frescas rosas cinco, ó cinco estrelas
sempre cheias de luz, sempre fermosas,
mais próprio cinco pedras preciosas
em que se pôs do mundo o preço nelas!

Portas por onde espero entrar naquelas
altíssimas moradas gloriosas;
não pedras, não estrelas, menos rosas,
mas chagas de Jesu muito mais belas!

Quem ao rouco som do grave ferro⁴⁸
vos cantará louvores de alegria,
ó chagas, redenção do antigo erro?

⁴⁸ Verso hipométrico que aparece corrigido para «Ah! quem ao rouco som do grave ferro» nas edições posteriores, logo a partir da de 1608. No entanto, pode admitir-se a realização de diérese em *ao*, o que estabeleceria a medida correcta do verso e que ocorre noutros poemas.

Tornado à liberdade em que me via,
enxuto o pranto já deste desterro,
ledo vos cantarei a noute e o dia.

Outro soneto às chagas

Ó chagas de Jesu, doce memória
de sua sacratíssima Paixão!
Ó nossa copiosa redenção,
certo penhor do céu, chaves da glória!

Ó insígnias da mais alta vitória
que se no mundo viu depois que Adão
ao defeso pomo ergueu a mão⁴⁹,
pena que pagou culpa tão notória!

Aquela dor imensa que sentiram
convosco os membros seus, chagas serenas,
fazei que chore e cante, escreva e sinta.

Papel seja a minha alma, sejam penas
os três cravos cruéis que vos abriram,
tinteiro o lado seja, o sangue tinta.

Outro soneto às chagas

Que flores vos darei tão peregrinas,
de tão suave cheiro, de tais cores,
que fiquem junto delas baixas flores
os lírios, as violas, as boninas?

⁴⁹ Este verso falta nas edições de 1608, 1770 e 1946. Na edição de 1622 foi substituído por «deixou a toda a humana geração».

Que rimas cantarei que sejam dinas
de receber em si vossos louvores,
ó um só amor meu, ó cinco amores,
ó chagas de Jesu, chagas divinas?

Em lugar destas flores que não tenho,
em lugar destas rimas que não canto,
um puro amor vos dou que dar-vos posso.

Nele mui confiado a vós me venho,
que sei que pode amor convosco tanto,
que destes por amor o sangue vosso.

Outro às mesmas chagas

Sacratíssimas chagas, neste escuro,
tempestuoso mar da humana vida,
qual alma dos seus ventos combatida
não se recolhe em vós, porto seguro?

Em vós tem dia claro, o ar tem puro,
sem névoa que do sol a vista impida,
firme quietação, com gosto unida,
livre de tal naufrágio bravo e duro.

Se eu isto sei, que tardo um só momento
em recolher-me (ah vãos impedimentos!)
em vós, que por salvar-me estais abertas?

Ah santas chagas, chegue a salvamento,
rompendo inchadas undas, bravos ventos,
quem tem em vós as esperanças certas.

Outro soneto às chagas

Cinco fontes de graças infinitas,
ó chagas cheias de alta fermosura,
aceitai a tenção humilde e pura
das palavras que digo e tenho ditas.

E quantas na minha alma tem escritas
mil culpas feias com mão feia e dura
curai com vossa graça e com brandura,
ó chagas de meu Senhor, chagas benditas.

No sacro sangue que de vós correu
se cure, e lave, e gaste, e purifique
as nódoas que com dor nela estou vendo.

Por vós, que belas sois, fermosa fique;
por vós resplandecente entre no céu,
onde vos veja estar resplandecendo.

Outro soneto

Erguei, Senhor, o meu entendimento,
despertai a memória adormecida,
abrandai a vontade endurecida
no seu descuido vão e cego intento.

Dai grande dor, grande arrependimento
de minha mal gastada larga vida
nesta alma que vossa lei tem⁵⁰ ofendida
por obra, por palavra e pensamento.

Renovai nela a bela imagem vossa
na qual fez minha culpa tal estrago
que té de fora mostra fealdade.

⁵⁰ Corrigiu-se a forma *tam* que ocorre na 1.^a edição.

Tornai-lhe a dar a graça com que possa
o caminho deixar do estígio lago
e seguir pelo vosso da verdade.

Outro soneto

Se toda nossa vida é desafio,
se sobre nada tem seu fundamento,
que descuido este meu? Que errado intento?
Que pretendo? Que espero? Em que me fio?

Oh vida humana, folha em seco estio
levada pelo ar de qualquer vento!
Oh flor de primavera, num momento
chamuscada do sol, murcha do frio!

Quando cuido no tempo atrás passado,
o que passei me espanta, o porvir temo,
no presente não sei que me embaraça.

Mas ainda que de ti tão alongado,
ordena tu que torne, ó Pai supremo,
este pródigo filho a tua graça.

Elegia no tempo do mal⁵¹

Quem, ó Senhor do céu, de tanta culpa
se vê que está cercado, que não tem
em cem mil erros ãa só desculpa,

⁵¹ Tendo em conta os múltiplos surtos de peste ocorridos no século XVI, não é fácil datar a composição desta elegia. No entanto, talvez possa aventar-se a data de 1569, ano da chamada «peste grande». Veja-se a descrição dramática da situação vivida em Lisboa durante esta epidemia no *Memorial de Pero Roiz Soares*, Coimbra, 1953, pp. 19-38.

onde se acolherá, Senhor, ou a quem,
se a vós, de quem se teme, não tornar?
No mundo poder-lhe-á valer alguém?

Em que alta serra, em que profundo mar
pode dos vossos olhos esconder-se?
Onde de vossas mãos pode escapar?

Se quer fugir de vós para valer-se,
não lhe sinto lugar melhor guardado
que dentro em vossas chagas recolher-se.

Esconda-se de vós no vosso lado,
não cure de buscar outro deserto
nem outro mais seguro povoado.

Da vossa ira, Senhor, tudo está perto,
só dela longe está ãa alma pura
que não sofre na vida desconcerto.

Nos mores medos anda mais segura,
pondo os olhos em vós despreza a vida,
vós sua vida sois, outra não cura.

Mas a minha, na culpa endurecida,
que tanto de contino vos ofende,
íngnata a vosso amor, desconhecida,
vendo por quantas partes já se estende
deste fogo mortal a mortal chama,
de vós tão apartada, que pretende?

Como tão seca está que não derrama
lágrimas noite e dia em que se lave?
Como de vós amada vos não ama?

Ah! lance já de si o jugo grave
dos graves erros seus, o vosso tome;
o vosso, ó bom Jesu, leve e suave.

Quebrante no poder do vosso nome
do seu mortal imigo a fortaleza.
Com vossa graça sua malícia dome,

que sem ela, Senhor, tudo é fraqueza,
e basta a nos vencer sem vossa ajuda
a nossa, inda que fraca, natureza;

a qual nunca granjeia, nunca estuda
senão em comprazer ao vão desejo
que de um em outro mal mil vezes muda.

Se eu isto de mi sei, se entre nós vejo
da morte um e outro arrebatado,
porque deixando a vós por mi me rejo?

Quem seguro me dá que em tal estado
primeiro não acabe a fraca vida
que deixe de seguir seu curso errado?

Ah! Senhor, pois a vossa oferecida
por mim foi num madeiro entre vil gente,
não me deixeis de mi ser homicida.

Não permitais que corte de repente
a dura Parca o fio de meus dias
gastado atègora inutilmente.
Primeiro estas entranhas, que tão frias
em vosso amor estão, nele se inflamem;
primeiro de outro fuja as tiranias.

Primeiro tantas lágrimas derramem
meus olhos por vos ter errado tanto,
que fontes e não já olhos se chamem.

Enfim, primeiro deixe tudo quanto
de vós, meu Deus, me aparta, e me desvia
de dar a vós meu choro, a vós meu canto.

Torne da noute escura ao claro dia
primeiro que de todo me anouteça
e se torne esta terra à terra fria.

Nesta alma que anda em trevas amanheça
vossa divina luz, onde sem fim
diante de vossos olhos resplandeça,⁵²
por vós cobrando o que perdi por mim.

Soneto a Jesu

A vida, ó bom Jesu, que defendeste,
que não se defendeu humanamente,
co'a alma te ofereço juntamente,
co'a alma por quem tu tua vida deste.

Foi tão grande a mercê que me fezeste,
que vi (não vendo luz) mui claramente
como da fera Parca ali presente
o golpe que decia deteveste.

Mas nisto que te dou, ah! bom Deus, que
de novo que meu seja te ofereço
estando dantes já tudo devendo?

Ó bondade sem fim, amor sem preço,
aceita, por quem és, o que teu é,
e ficarei pagando e merecendo.

⁵² Verso hipermétrico que manteve esta forma nas edições de 1608 e 1622, mas que as edições de 1770 e 1946 corrigem para «diante vossos olhos resplandeça».

Soneto ao Santíssimo Sacramento

Busca, según se escribe, el ciervo herido
la hierba que es de él solo conocida,
que le puede sacar de su herida
el hierro en las entrañas escondido.

Y yo, por la razón mas entendido
y mas llagado de mi torpe vida,
no sé buscar tu gracia que despida
el veneno en las venas esparzido.

Mas tu, oh pan de vida y buen Dios mío,
a ti me guía y lleva, y con amor
obre salud en mi tu larga mano;

para que sano yo con tu favor
restaurar pueda en mi invierno frío
lo mucho que estragué en mi verano.

Soneto ao Espírito Santo

Consolador Espírito, que inflamado
em línguas do teu fogo descendeste
sobre os varões sagrados que escolheste
para deixar o mundo alumiado,

do teu amor em chamas derramado,
que dentro nos seus peitos acendeste,
acende agora ãa fásca neste,
neste meu duro sempre e congelado.

E nela como fénix me renova,
e novo ser me dá, e me consola
nas minhas mais intensas aflições.

Os meus vícios consume; arranca e assola
quanto tua bondade em mi reprova,
e planta em mi os teus divinos dões.

Estâncias a Deus Nosso Senhor

Que salmos ou que versos cantaremos
em teu louvor, ó Luz imensa e pura,
luz de quem o sol claro e quanto vemos
recebe luz e graça e fermosura?
Que louvores tão novos te daremos,
ó Creador de toda creatura,
que nunca ouvidos fossem, nunca ditos
em palavras, em cantos, em escritos?

Falta o sentido, fica a língua muda
se tratar teus louvores imagina;
então diz menos quando mais estuda,
e mais se abate quando mais se empina.
A ciência humana mais aguda
é ignorância cega ante a divina.
Só o amor te louva, só te obriga,
ó Beleza tão nova e tão antiga.

Beleza donde nace e se deriva
quanta beleza tem as cousas belas.
Ó Beleza increada, eterna, altiva,
invisível em ti, visível nelas,
a ti só louve toda cousa viva,
a terra, o céu, o sol, lũa e estrelas;
e quem te quiser dar maior louvor,
maior parte te dê do seu amor.

Amor queres de nós, amor pretendes
em paga desse amor com que nos amas.
Oh corações ditosos onde acendes
do teu divino amor divinas chamas!

Descende amor em nós; se não descendes,
derrama o fogo teu; se o não derramas
em nossos peitos, nossas almas frias
ardam em teu amor noites e dias.

Estâncias à Ascensão do Senhor

Depois que triunfou no alto madeiro
da morte e do inferno que venceu,
o nosso bom Jesus, manso cordeiro
que por nós nele a vida ofereceu,
levou cativo o nosso cativo
subindo pera o céu donde deceu.
Em pago de nos dar a liberdade,
dêmos-lhe nós a nossa saudade.

Imitemos aqueles seus mimosos
na sua saudosa despedida,
que dele, que subia, saudosos,
não lhes lembrava já cousa da vida.
Dêmos-lhe com suspiros amorosos
em doce pranto a alma derretida.
Pois ele no-la pôs em liberdade,
dêmos-lhe nós a nossa saudade.

Sextina

Já não tem para mim prazer os dias,
nem brando sono tem as negras noutes
que me foram alegres noutro tempo,
quando se recreavam os meus olhos
na beleza de Cíntia e das estrelas,
ornamento do céu, lumes da terra.

Quem não se espantará na baixa terra
da grão presteza do correr dos dias,

do variar da lãa e das estrelas,
das manhãs e das tardes e das noutes,
e de ver tudo o mais que alegre os olhos
mudar-se de um ser noutro em breve tempo?

Ai de mi, que deixei passar o tempo
buscando sempre vãos gostos na terra
sem nunca alevantar ao céu os olhos,
como se não tiveram fim os dias!
Que conta darei deles, e das noutes,
a ti, Senhor, que reges as estrelas?

Não mostra o alto céu tantas estrelas
em noute que mais claro esteja o tempo,
nem com orvalho de serenas noutes
tantas flores nos abre a fértil terra,
quantas culpas no curso de meus dias
cometi incitado dos meus olhos.

Agora paguem em lágrimas meus olhos
quanto mal me fizeram; as estrelas
chorar me vejam, e chorar os dias,
arrependido do passado tempo.
Aspire a bens do céu, deixe os da terra,
que tiram o gosto à vida, o sono às noutes.

Com dor, em vez do sono, passe as noutes
pondo maldades minhas ante os olhos,
delas perdão pedindo a quem à terra
deceu por nós de cima das estrelas,
antes que traga o apressado tempo
o fim para que correm os meus dias.

Senhor dos dias, volve às minhas noutes
benignos, das estrelas, os teus olhos,
que vai tornando o tempo a terra à terra.

Trova alheia

*Santas llagas, si la culpa
fué contra Dios cometida,
esa sangre que vertida
teneis da a Dios la desculpa.*

Grosa minha

Puso Dios nel paraíso
al hombre hecho de lodo,
de todo señor lo hizo,
mandóle comer de todo,
de solo un árbol no quiso.

Comió el, y al Criador
con la mujer se desculpa,
y no sé si fué peor
tal desculpa en tal error,
santas llagas, si la culpa.

No se dolió del pecado
y tentó culpar a Dios;
mas el quedó tan culpado
que, si no fuera por vos,
fuera mal remediado.

Su culpa fué sin medida,
el remedio inmenso fué,
que para ser redemida
convenia así, porque
fué contra Dios cometida.

Mas, llagas, quando sentistes
el rigor del duro hierro,
de cinco fuentes que abristes
para lavar solo un yerro,
como tanta sangre distes?

Que bien se deja entender
que en vos junta y recogida
no tiene menos poder
para limpios nos hacer
esa sangre que vertida.

Toda la derraman fuera
manos de amor liberales,
y una gota pudiera
lavar de mil yerros tales
mil mundos, si mil hubiera.

Mas siendo abiertas por nos,
cerrais la puerta a la culpa,
porque la sangre de Dios,
que derramada de vos
teneis, da a Dios la desculpa.

Mote alheio

*Di, pues vienes de Belén,
así, Mingo, Dios te vala,
viste el Niño y la Zagala?*

Voltas minhas

– Mi fe, vi! – Pues de los dos
que nos dices, por tu vida?
– Della, ser virgen parida,
y dél, ser hombre y ser Dios.
– Porque tal se hizo por nos?
– Por sanar la llaga mala
que nos hizo otra zagala.

Mote alheio

*Como estais temblando
al frío,
oh Dios mío!*

Voltas minhas

Vos, que calor dais
al sol y al fuego,
en naciendo luego
de frío temblais?
Como no templais
el rigor del frío,
oh dulce Dios mío?

Veo os desnudo
temblando en el heno,
al aire y sereno
del invierno crudo.
Oh cuanto amor pudo,
amor ya, mas frío
en vos, amor mío!

Pues temblais, mi Dios,
por mi pecador,
arda yo por vos
en llamas de amor.
Sienta nuevo ardor
el mi pecho frío,
vuestro que no mío.

Minha

Nació el sol de la luna,
sola ella, él dos en uno.

Nunca tal nació ninguno,
nunca tal parió ninguna.

Él del cielo al mundo vino,
en su seno ella lo cierra;
salió dél, gozó la tierra
de su resplandor divino.
Cristo sol, Maria luna,
ella sola, el dos en uno;
nunca tal nació ninguno,
nunca tal parió ninguna.

Estava el mundo eclipsado
por el pecado primero;
de la luz sale el lucero,
todo lo deja aclarado.
Claro sol, hermosa luna,
ella sola, el dos en uno,
nunca tal nació ninguno,
nunca tal parió ninguna.

Mote alheio

*Ay, Dios, que haré,
que por ti muero,
por ti moriré!*

Voltas minhas

Es sin ti la vida
contino dolor,
ganase perdida
por tu dulce amor.
Mi Dios, mi Señor,
bien sabes, bien sé
que por ti muero,
por ti moriré.

Mi vivir consiste
en ti, no en mí;
muera yo por ti,
pues por mí moriste.
Tu amor me diste,
yo te doy mi fe
que por ti muero,
por ti moriré.

Alheio

*Un suspiro dió María
por ver su niño llorando.
Quien tras el fuera volando
para ver donde le envia!*

Voltas minhas

Mas que digo que uno dió
si tantos María dava
como lágrimas llorava
el niño que la crió?
Mil suspiros despedia
viendo el hijo estar llorando.
Quien tras de un fuera volando
para ver donde le envia!

Fuera tan extraño el vuelo
si tras tal suspiro fuera
que aunque al cielo subiera
se quedara acá nel suelo,
que el suspiro de María
alli parava volando
sobre el niño que llorando
en el pesebre yacía.

De su pecho enternecido
la madre suspira y llora;
llora el hijo a quien adora
con tierno llanto y gemido.
Que no lloras, alma mia,
tal prueba de amor mirando,
el niño por nos llorando,
por él suspirar María?

Alheio

*Ai, ai,
meu amor, como vos vai?*

Voltas minhas

Vejo-vos estar chorando,
algũa dor deve ser.
Cedo vos is costumando
a penar e a sofrer.
Pois cá quisestes decer
do seio do Eterno Pai,
meu amor, como vos vai?

Este mundo onde deceis
para de culpa o remir
nesta noute em que naceis
vos começa a perseguir.
Como vos posso cobrir,
meu bem, ai,
do vento e frio que vai?

Abrandai vós o rigor
do frio que padeceis
no fogo do vosso amor
onde, meu amor, ardeis.
Ai, que chorais e gemeis!

Ai, amor, ai!
Meu amor, como vos vai?

Alheio

– Di, Pascoal, viste a María?
– Vi, mas no le hablé en ti.
– Porque?
– Porque quando tal la vi
pensé yo que no me vía.

Volts minhas

– Pues dime, de que manera
viste a la sin mancilla?
– Si yo decirlo supiera,
pasmaras de maravilla.
En llegando a ver María
el tino luego perdi.
– Porque? – Porque tal la vi
que a mí mismo no me vía.

Relumbrava de tal modo
que, a pesar de noche oscura,
con lumbre y con hermosura
aclarava el aire todo.

– Enfn, que viste María?
– Sí, vi, mas emudeci.
– Porque? – Porque tal la vi
que en sus brazos Dios tenía.

Alheio

*Niño tan bonito,
hijo de tal madre,
placer es mirarle.*

Voltas minhas

Muy dulce contento
siente quién le mira;
alegre se admira
todo entendimiento.

En pobre aposento
lo parió su madre;
placer es mirarle.

Hinche de alegría
el cielo y la tierra;
la noche destierra,
traenos el día.

Dichosa María
que tal hijo pare;
placer es mirarle.

De su lumbre pura
toma el sol la lumbre,
toma el valle y cumbre
flores y verdura.

Viene con blandura
del seno del Padre;
placer es mirarle.

Cuitas y enojos,
ansias y tormento
vanse por el viento
delante sus ojos.

De pobres despojos
le cubre su madre;
placer es mirarle.

Mote próprio

*Por engrandecernos
nace Dios chiquito.
Él sea bendito!*

Voltas

Alabado sea
de todos por todo,
pues nos remedea
por tan alto modo.
Vistese de lodo,
muestrese chiquito.
Él sea bendito!

Desde el paraiso
descendió al suelo
por subir al cielo
quién de tierra hizo.
Bien mostrarnos quiso
amor infinito.
Él sea bendito!

Por satisfacer
por nos a su Padre
de la Virgen madre
hoy quiso nacer.
Viene a padecer
por nuestro delito.
Él sea bendito!

Alheia

*No sé, vida, quien te alaba,
que en ti no hay cosa segura:*

*no quiero bien que no dura,
ni temo mal que se acaba.*

Voltas próprias

Vengan males, vengan bienes,
ni los temo ni los quiero;
lo que temo, quiero y espero
tú, vida, en ti no lo tienes.
Temo el mal que no se acaba,
quiero el bien que siempre dura;
fuera desto es gran locura
lo que en ti se teme o alaba.

Tiene mal conocimiento
de ti quien de ti se agrada;
no advierte que eres viento,
o menos, pues eres nada.
Vitupero el que te alaba
y busca en ti su ventura,
olvidando el bien que dura
por el mal que no se acaba.

Seguem-se as rimas em louvor de Nossa Senhora

Elegia

A Nossa Senhora da Piedade

Eu de vós que direi, Virgem sagrada?
De vós, que ao pé da cruz de espada aguda
vejo c'os olhos da alma trespassada?

Nada posso dizer sem vossa ajuda.
Pois vós nunca a negais a pecadores,
soltai a minha língua atada e muda.

Por ver que sempre fui o mor dos mores,
jamais pude de mi presumir tanto
que tentasse cantar vossos louvores.

Agora vos dou choro em vez do canto,
que grande razão é, Virgem sem mágoa⁵³,
que com pranto acompanhe o vosso pranto.

Os vossos olhos vejo fontes de água
vendo sua luz morta em vossos braços.
Que fazem estes meus em tão grão mágoa?

Ah! quanto são de lágrimas escassos,
quanto mostra de amor pequeno efeito
ũa alma a quem a dor não faz pedaços!

Mas, Virgem, supri vós este defeito,
que para suprimimento vos criou
esse que se criou a vosso peito.

Esse que por amor tal se tornou,
o qual, por emparar gente perdida,
em certo modo vos desemprou.

Se tínheis na sua posta a vossa vida,
tínhamos nós a nossa em sua morte,
que por ela nos foi restituída.

Por isso tende, Virgem, peito forte;
não vos conturbe a dor, tão clara em vós,
que não tem parte sã por onde corte.

Reparti dessas ânsias entre nós,
causa que em pena tal, tal estreiteza,
o bom Jesu por nos salvar se pôs.

⁵³ O termo *mágoa* é usado aqui no seu sentido etimológico de *mácula*.

Ó Virgem liberal, usai largueza,
participai comigo vossas dores,
não seja vossa só toda a tristeza.

Ah cegos, descuidados pecadores,
pobres de piedade e de sentido,
não vemos de que somos causadores?

Não vemos o Senhor da cruz decido,
que tal está no colo da Senhora
que não sei como dela é conhecido?

Abri-vos, olhos meus, e vede agora
em qual forma se mostra, em qual estado,
aquele a quem a terra e céu adora.

Vede como no seu corpo sagrado,
des a planta do pé té a cabeça,
não tem onde não seja maltratado.

Cruelíssimas mãos, gente perversa,
quem para executar tal crueldade
vos deu tamanha força, quem tal pressa?

Como vos não movia a piedade
de um cordeiro sem mágoa a mansidão,
da sua fala a grão suavidade?

Como vos consentia o coração
pagar com tal crueza tal brandura?
Ah gente cega, gente sem razão!

Porque tratastes mal tal fermosura?
Bem tínheis corações de ferro duro
quando desfigurastes tal figura.

Aquele sol sereno, claro e puro
do seu divino rosto, ah! quão asinha
cobriu a luz e se mostrou escuro!

Que fará a triste mãe, que por vós tinha
gosto da pobre vida e vida amando,
ó bom Jesu, glória desta alma minha?

Vejo que sobre vós está chorando,
e com o licor triste que derrama
as santas chagas vos está lavando.

Ouço quanto por vós suspira e chama,
e não lhe respondeis, sabendo certo
que inda assi mais que a si mesma vos ama:

assi nu como estais, assi coberto
do sangue que por nós foi derramado,
assi ferido, assi c'o lado aberto;

assi de espinhos duros coroadado,
cruel nova invenção, honra penosa,
tormento só em vós executado.

Que fará senão pranto, lastimosa
de ver que falta em nós conhecimento
de morte tão cruel, tão afrontosa?

Ah grão frieza minha! Ah pouco tento!
Quanto, sem custar muito, valeria
ter de quanto sentistes sentimento!

Ah! quem da noute escura, quem do dia
me desse não gastar hora nem ponto
que na dor vos não tenha companhia!

Quem lágrimas me desse tão sem conto,
que chorando tal morte juntamente
de minha vida má fossem desconto!

Quem no porvir me desse e no presente
a vós, meu Deus, me dar tão de verdade
que de mi vos não visse nunca absente!

Quem me dará enfim ùa vontade
que sempre a vossa siga sem errar,
havendo tudo o mais por vaidade?

Quem senão vós, meu Deus, me pode dar
das cousas que desejo cumprimento?
Destes a vida, que podeis negar?

Mas, Virgem, dai vós já consentimento
que dem a vosso filho sepultura;
tende, pois assi cumpre, sofrimento.

Abrandai vosso pranto, Virgem pura,
porque o vereis primeiro e mais fermoso,
antes de ver três vezes noute escura;

imortal, impassível, glorioso,
ornado dos despojos da vitória,
do reino dos tormentos temeroso
tornando com triunfo a sua glória.

Soneto

*A Nossa Senhora*⁵⁴

Fermosa Virgem, que do sol vestida,
de estrelas coroada, ao Sol puro
tanto aprouvestes neste vale escuro,
que sua luz em vós trouxe escondida;

Virgem das virgens flor, fonte de vida,
deste mundano mar porto seguro,

⁵⁴ A primeira quadra deste soneto é tradução dos versos iniciais da canção à Virgem, poema final do *Canzoniere* de Petrarca: «Vergine bella, che di sol vestita,/ coronata di stelle, al sommo Sole/ piacesti sí, che 'n te Sua luce ascose».

rodeado jardim de forte muro,
antes do mundo ser já escolhida;

Virgem cheia de graça e de humildade,
por cuja intercessão, por cujo meio
perdão o pecador contrito alcança;

posto que me vejais de culpas cheio,
ponde⁵⁵ os olhos em mi com piedade,
vereis que sempre em vós tive esperança.

Canção a Nossa Senhora
*que o autor fez estando cativo*⁵⁶

Ó Virgem sobre todas soberana,
de resplendor vestida e luz divina,
de lúcidas estrelas coroada,
se logo a dar remédio vos inclina
qualquer extremo de miséria humana
em que se vê a vida atribulada,
a minha, tantas vezes desmaiada
nesta desventura,
espera ser por vós remediada.
Esta grão fé que tenho, esta me valha,
pois esta me valeu,
ó Rainha do céu, na grão batalha.

⁵⁵ Corrigiu-se a forma *pondo* que ocorre na primeira edição.

⁵⁶ Tal como já fizera Sá de Miranda, Diogo Bernardes compõe esta canção tomando por modelo a de Petrarca, tanto no aspecto prosódico (estrofes de treze versos, dos quais dez decassílabos e apenas três 8.º, 9.º e 12.º hexassílabos; o mesmo esquema rimático, incluindo a rima interior entre o 12.º verso e a sexta sílaba do 13.º), como no aspecto temático (louvores à Virgem sob a forma de ladainha e pedido de socorro para a sua situação). Nesta comovida oração, que remete para circunstâncias muito concretas da sua condição de cativo, ecoam a cada passo versos do poema italiano.

Ó Virgem sempre virgem, do Pai vosso
sacratíssima mãe, filha e esposa,
alegria do céu, da terra emparo,
a lã, por que fosse mais fermosa,
por chapins vo-la deu o Filho vosso,
o qual vos escolheu como sol claro.
Aquele eterno amor, a vós tão claro,
do vosso amor dino,
aquele amor divino
que já nos libertou do reino avaro,
tenha conta comigo à vossa conta
antes que mais descaia,
para que livre saia desta afronta.

Ó Virgem, das mais santas a mais santa,
do inconstante mar fiel estrela,
porta do paraíso, estrada e guia,
volvei os olhos belos, Virgem bela;
vede tanta estreiteza, mágoa tanta
quanta com mágoa choro a noute e o dia.
Não me deixeis sumir, doce Maria,
neste profundo pego,
por que povo tão cego,
como se ri de mi, de vós não ria,
e saiba que deixastes castigar-me
por grão pecador ser,
e não por não poder do seu livrar-me.

Ó Virgem, de humildade e graça cheia,
que converteis em riso o triste pranto
da triste, miserável vida nossa,
como vos cantarei alegre canto
cativo, sem repouso, em terra alheia,
entre bárbara gente imiga vossa?
Desatai vós esta cadeia grossa
que meus erros sem fim
forjaram para mim,
por que solto por vós cantar-vos possa

na ribeira do Lima sem receio,
ó Madre de Jesus,
não do turvo Lucos⁵⁷, de sangue cheio.

Ó Virgem milagrosa, Virgem branda,
amor do sumo Amor, prazer dos santos,
ouvi, Senhora, lá suspiros tantos
quantos meu triste peito de cá manda,
pois vedes que em vós só tenho esperança.
Pesai as minhas culpas na balança
de vossa piedade,
que doutra qualidade
mal pode em tal fortuna haver bonança.
Vede que tal me vejo, vede qual
tão pouco há me vi,
e com tempo acudi a tanto mal.

Virgem, por cuja mão são repartidas
mil graças que Deus faz na terra e céu,
que o mesmo céu e terra encheis de graça,
essa mão, que das mãos me defendeu
que deram cruel fim a tantas vidas,
de ajuda me não seja agora escassa
por que a dilação em mi não faça
[o] que não fez o ferro,
e a dor deste desterro
que vai roendo a vida como traça.
Antes de ser de todo consumida,
levai-me, pois podeis,
onde de mi sereis melhor servida.

Ó Virgem singular, pura, sem mágoa,
sem sombra de erro algum, por cujo rogo
se conserva no mundo o ser humano;

⁵⁷ *Lucos* – rio que corre pela zona em que se travou a batalha de Alcácer-Quibir; o poeta apresenta-o «de sangue cheio» como forma de expressão do morticínio da batalha.

ó sarça de Moisés verde no fogo⁵⁸,
ó plátano fermoso junto de água,
esperança do povo lusitano,
por vosso amor acuda a tanto dano
o poder infinito
que já no duro Egipto
outro povo livrou doutro tirano⁵⁹.
Não olhe o clementíssimo Jesus
a nossos erros sós,
mas olhe que por nós se pôs na cruz.

Ó Virgem, Imperatriz do céu empíreo,
preservada de culpa e escolhida,
quem vos pode louvar, quem entender?
Ditosos os que sofrem nesta vida
tribulação por Deus, cruel martírio,
pois a ele e a vós merecem ver.
Se com penar aqui, se com sofrer
as penas em que vivo,
se com morrer cativo
tão alto bem se pode merecer,
tal vida tenha aqui, tal morte tenha,
daqui não saia mais,
por que por meios tais a tal fim venha.

Neste mal que me rouba o sentimento
a que valer não posso,
Virgem, o Filho vosso
algum remédio dê ou sofrimento.
Aquilo que mais for sua vontade
pode fazer de mi,
que tudo o mais, enfim, é vaidade.

⁵⁸ Alusão ao episódio bíblico narrado no livro do *Êxodo*, III, 2-4. Aquela sarça que ardia e não se consumia foi interpretada pela Igreja como figura da Virgem Maria.

⁵⁹ Referência à libertação do povo hebreu do cativo do Egipto e da opressão do Faraó narrada no livro do *Êxodo*.

Soneto

A Nossa Senhora, estando cativo

Qual naufrágio no mar ou qual perigo
na terra tem sem vós por mim passado?
Quando me vi, Senhora, atribulado
que vos não visse logo ali comigo?

A certa experiência do que digo
me tem nesta miséria confiado
que cedo me verei desapresado
dos ferros deste vosso e meu imigo.

Logo mil brandos versos pendurados
deixarei em lugar do grilhão duro
diante da sagrada imagem vossa,

por que vejam os mais desemparedados
que sois emparo certo, bem seguro
em quantos males tem a vida nossa.

Soneto

À mesma Senhora, estando cativo

Quanto o remédio humano mais incerto
estou vendo, ó santíssima Maria,
quanto mais dele a vida desconfia,
tanto o divino em vós está mais certo.

Bem vedes qual estou neste deserto
onde cativo choro a noute e o dia,
onde me dão por cama a terra fria,
onde me tolhem ver o ar aberto.

Este meu desamparo, estas cãs tristes,
que mais alvas se fazem com meu pranto,
vos inclinem, Senhora, a socorrer-me.

Pois sempre em minhas pressas acudistes,
Virgem, não tardeis mais, não tardeis tanto,
que se tardais, quem poderá valer-me?

Soneto

À mesma Senhora, estando cativo

Ó do meu doce amor doce cuidado,
ó defensora minha em paz e em guerra,
em cuja mão todo o poder se encerra,
em cujo ventre andou Deus encerrado,

abri um dia já alvo e dourado
em que, deixando atrás esta alta serra,
passando o bravo mar abrace a terra
onde nele se crê crucificado.

Mereça-vos, Senhora, isto que peço
um coração contrito, humilde e pronto
a vos servir, podendo, com mil vidas.

Ou seja, se por mi o não mereço,
à conta das mercês que não tem conto
que tendes para todos merecidas.

Soneto

A Nossa Senhora, em ùa grã tormenta

Dos vossos olhos sempre piedosos,
sempre cheios de graça e de brandura,
de luz divina sempre clara e pura,
humildes, belos, graves, amorosos,

volvei, Senhora, a mi os lumiosos
divinos raios nesta noute escura;
guiai-me nestes mares furiosos
a vós, que sois do mar praia segura.

Logo vos fixarei no santo templo
a roupa inda molhada, onde se veja
com novo louvor vosso a maravilha.

Ó do Eterno Pai esposa e filha,
valei-me em tal naufrágio, por que seja
nas grandes tempestades grande exemplo.

Soneto

A Nossa Senhora

Ó Virgem bela e branda, quem já vira
este coração meu tão inflamado
em vosso doce amor, que outro cuidado,
outro querer em si não consentira?

Oh! quem asas me dera que subira,
das afeições humanas desatado,
a tão seguro e venturoso estado,
onde em vão não se chora nem suspira!

Entanto, como pode desejar-vos
sem culpa quem reparte o seu desejo
todo devido a vós sem faltar nada?

Tal vos vejo, Senhora, e tal me vejo,
que sei de mi que não mereço amar-vos,
merecendo vós só de ser amada.

Soneto

À Natividade de Nossa Senhora

Não seja hoje o sol de luz avaro,
mostre mor resplendor, mor fermosura,
pois nasceu hoje aquela Virgem pura
da qual outro nasceu mais puro e claro.

Com gosto espiritual, com prazer raro
celebre toda humana criatura
o parto que deu luz à noute escura,
rainha deu ao céu, à terra emparo.

Felice parto que o inferno espanta,
enche o céu de beleza e maravilha,
restaura-nos a graça que perdemos.

Com tal filha te alegre, ó Ana santa;
com seu filho se alegre a santa filha,
e nós com todos três nos alegremos.

Soneto

A ãa imagem da Virgem

Imagem em tudo rara e peregrina,
retrato da beleza virginal,
se tão bela te fez a mão mortal,
que tal faria a própria mão divina?

Belezas nunca vistas imagina
quem bem te vê no próprio original,
mas serão sombras onde a sombra é tal
que a vista no conceito desatina.

Ficam os mais retratos sombra escura
diante ti, tu menos ante quem
tão branda representas, tão fermosa.

Se tanta luz uns cegos olhos tem,
se tal espírito morta fermosura,
qual sereis vós, ó Virgem piedosa?

Outro soneto

À mesma Senhora

Ó Virgem, já que fostes verdadeiro
meio por onde o Rei do empíreo céu
neste vale de lágrimas deceu
a nos livrar do grande erro primeiro;

o qual, como mansíssimo cordeiro,
à morte sua vida ofereceu,
e seus sagrados membros estendeu
num duro, para nós brando, madeiro;

sede, Virgem, agora o mesmo meio
entre mim e o mesmo Filho vosso.
Mostrai-lhe o brando peito de amor cheio,

que logo o piedoso Senhor nosso
verá como por mim à terra veio,
e que sem ele ao céu subir não posso.

Soneto

*À mesma, encomendando-lhe ãa nau da Índia a que se pôs
nome Nossa Senhora da Boa Viagem*

Fermosa Virgem, mais que o sol fermosa,
onde o Sol de justiça recolheu
sua divina luz, porta do céu,
do mar estrela firme e lumiosa,

em viagem tão larga e perigosa,
pois vedes como a vós se ofereceu
esta nau quando tal nome escolheu,
livre seja por vós, por vós ditosa.

Nem a fúria do mar, nem a do vento,
nem outros mil perigos sejam parte
para não ver o fim que ver deseja.

Vós a levai, Senhora, a salvamento;
salva a tornai, Senhora, a donde parte;
tudo nela conforme ao nome seja.

Soneto

A Nossa Senhora dos Remédios

Virgem, de quem com lágrimas e ais
a vós levanta a voz e o pensamento
não tenhais desusado esquecimento,
por que louvores meus sempre tenhais.

Se vós dos afligidos vos lembrais,
lembrai-vos do meu áspero tormento;
dai-me remédio nele ou sofrimento,
pois Virgem dos Remédios vos chamaís.

Logo no vosso templo, por memória
da mercê de que tenho confiança,
vos fixarei de cera ùa cabeça.

Ó branda Virgem, brando amor e glória
dos justos, dos injustos esperança,
valei-me, inda que mal vo-lo mereça.

Soneto

À mesma Senhora

Quanto menos, ó Virgem, vos mereço
o remédio que peço em minha dor,
tanto ele para mim será maior,
tanto a mercê mais alta e de mais preço.

Concedei-me, Senhora, o que vos peço;
apagai do meu fogo o vivo ardor

por que da vida o fim gaste melhor
do que no meio fiz⁶⁰ e no começo.

Se agora minhas culpas vos detém
essa mão para mim nunca encolhida
nos riscos que por mi passado tem,

eu protesto, Senhora, tendo vida
(e o que protesto a vós a mi convém),
que será tal que vós sereis servida.

Trova alheia

*No cupo la culpa en vos,
Virgen santa, bella y clara,
que si culpa en vos entrara,
en vos no cupiera Dios.*

Glosa própria

Virgen de Dios escogida,
del mismo Dios hija y madre,
reparo de la caída
que dió el primero padre
en la culpa cometida,
la providencia de Dios
de tal modo hacer os supo,
que para salir de vos
toda la gracia en vos cupo,
la culpa no cupo en vos.

Fuistes, Virgen, preservada
del pecado original,

⁶⁰ O texto tem *fez*, mas a frase parece exigir a forma da primeira pessoa.

antes del mundo formada
en la mente divinal
para de Dios ser morada;
el sol no se os compara
en pureza y hermosura;
sola sois (que poco es rara)
sobre toda criatura,
Virgen santa, bella y clara.

Sois clemente, dulce y pia,
y porque presto concluía,
sois en fin qual convenia.
Hizo os Dios madre suya:
Virgen, que os no haría?
Que fuera si no os criara
tal para nuestro remedio?
Que, si no nos otorgara
la gracia por vuestro medio?
Que, si culpa en vos entrara?

El que todo lo ha criado
y todo no cabe en todo,
no hallando en vos pecado,
cupo por divino modo
en vuestro ventre humanado.
Apiedóse de nos
su bondad suma y sincera
que, Virgen, bien sabeis vos
que si culpa en vos cupiera,
en vos no cupiera Dios.

Cantiga

a Nossa Senhora

*Ó Madre de Deus,
neste nome acabo,
que não há mais gabo
na terra e nos céus.*

Volts

Os vossos louvores
não tem fim nem conto,
mas o mor dos mores
está neste ponto.
Ser madre de Deus
é louvor sem cabo;
não há maior gabo
na terra e nos céus.

Ó sumo louvor,
ó glória segura
ser a criatura
mãe do Criador.
Sois Madre de Deus;
só com isto acabo,
pois não há mor gabo
na terra e nos céus.

Endechas

Virgem soberana,
doutros cantos digna,
falta a voz humana,
cante a voz divina.

Estrelas e flores,
areias do mar
podem-se contar,
não vossos louvores.

De tal maravilha
não me maravilho,
pois sois mãe e filha
de Deus vosso Filho.

Sois templo divino
do Espírito Santo.
Quem é só e trino
a vós só quis tanto.

Sois cedro em Líbano,
em Cades sois palma,
remédio do dano,
vida da nossa alma.

Sois jardim cheiroso,
plátano em ribeira,
em campo fermoso
fermosa oliveira.

Sois esquadrão forte,
torre em alto erguida,
escudo da morte,
doçura da vida,

entre espinhas, rosa,
lírio junto de água.
Toda sois fermosa,
em vós não há mágoa.

Fostes escolhida
por nossa desculpa,
sem culpa nacida,
remédio da culpa.

Quanto Eva perdeu
por vós se cobrou.
Quem de vós naceu
tal vos fabricou.

O Verbo nacido
deu-vos, por Mãe sua,

o sol por vestido,
por chapins a lã.

Deu-vos a Trindade
coroa de estrelas,
mas a claridade
vós lha dais a elas.

Sois fonte suave,
alívio de tristes;
sois do céu a chave:
vós o céu abristes.

Quanto o sol rodeia,
quanto o mar abraça,
tudo encheis de graça:
sois de graça cheia.

Lágrimas de S. Pedro⁶¹

Depois que Pedro viu como negara
três vezes a seu Mestre e a seu Senhor
que do barco e das redes o chamara
e de homens o fezera pescador,
a quem tão pouco havia que afirmara
(cheio de esforço antão, cheio de amor)
que sendo necessário morreria
com ele e que nunca o negaria;

vendo que de medroso tão vilmente
de tudo o que afirmando prometera
asinha se mostrou tão diferente
como se nunca o vira ou conhecera,

⁶¹ Sobre este poema e o tratamento do tema das lágrimas de S. Pedro por outros autores, veja-se a «Introdução» a esta edição.

cantar ouvindo o galo finalmente
(sinal que lhe na ceia o Senhor dera),
da culpa em que ele já tinha encorrido
vendo-se enfim perjuro e fementido;

tamanha dor sentiu, tamanha afronta,
o miserável velho em si tornado,
que não fez mais da sua vida conta
senão para chorar o seu pecado.
Feriu seu peito com aguda ponta,
à vista do Senhor viu-se culpado,
a vergonha de si e dele a mágoa
abriram nos seus olhos fontes de água.

Como neve que deixa congelada
chuvoso inverno e em lugar sombrio
que sendo no verão do sol tratada
se derrete em licor de claro rio,
assi a covardia, que coalhada
tinha Pedro em seu peito fraco e frio,
em pranto logo ali se converteu
quando ele ao Senhor olhos volveu.

Não foi o pranto seu lago ou corrente
ribeira que por calma se secasse,
que posto que o Senhor amigamente
da culpa à graça de antes o chamasse,
sempre chorou depois amargamente:
nunca noute passou que não chorasse;
chorava, ouvindo o galo, só consigo,
lágrimas novas dando ao erro antigo.

Encontrado que foi dos olhos santos,
qual o triste de Pedro antão ficou
não o podem contar prosas nem cantos,
nunca língua mortal tal dor contou.
Neles lhe pareceu que de entre tantos
imigos seus e sem os seus que amou,

lhe dizia o Senhor: «Disse verdade,
discípulo cruel, sem lealdade.

Mais cruel para mi que as mãos destes
duríssimos algozes foi a tua
língua medrosa, em me negar mais prestes
que os mesmos em me dar a morte crua.
Vós, discípulos meus, vós me prendestes,
vós me levais à cruz, que não a sua
malícia infernal, inveja cega.
Mata-me quem me vende e quem me nega.

Fugiras tu também, Pedro, fugiras!
De que te serviu, Pedro, acompanhar-me?
Se me desampararas, não mentiras,
e fora menos culpa que negar-me.
Atado a esta coluna não me viras,
nem de agudos espinhos coroar-me,
o corpo denegrado em sangue tinto,
de ti ferido na alma, o que mais sinto.

Nenhum me foi fiel, nenhum amigo
em penas tão cruéis, em mágoas duras,
que tu, se vens aqui, não vens comigo:
assi o dizes tu, assi o juras.
Por evitar da vida um vão perigo,
de mi e da tua alma pouco curas.
Ah, Pedro, torna em ti, torna a quem eras!
Queres-me ver na cruz, ou por que esperas?»

Desta maneira a Pedro parecia
que o Redentor do mundo lhe falava,
ora que duramente o reprimia,
ora que brandamente o consolava;
mil cousas na memória revolvia,
em todas a si mesmo se culpava;
e sobre todas mais culpava a vida
que da sua alma o fez ser homicida.

Tanto que se receio de mor dano
as mãos lhe não atara, porventura
nela, que lhe ordenou tamanho engano,
tomara de pura dor vingança dura.
Houvera por partido soberano
sofrer mil e mil vezes morte escura,
não ser ouvido nunca, nunca visto,
por ùa só não ter negado a Cristo.

Nunca fermosa virgem em claro espelho
tão claro viu seu rosto figurado
como naquele ponto o triste velho
nos olhos de seu Deus viu seu pecado.
Sem mais discurso antão, sem mais conselho,
em puras, vivas lágrimas banhado,
da casa aborrecida saiu fora,
da casa onde infiel a seu Deus fora.

Chorando se saiu amargamente
da casa onde o Senhor preso ficava,
sem esperar se fera, se clemente
sentença o mau juiz pronunciava.
Não lhe sofreu vergonha estar presente
de quem tanto ofendera e tanto amava.
Pelo silêncio vai da noute escura
onde o leva sua dor, onde a ventura.

Por ásperos caminhos desusados
corrido e só se vai sem saber onde;
os já sabidos dele, os já tratados,
a noute escura e triste lhos esconde.
Escondem-lhos seus olhos ocupados
em pranto perenal que à dor responde,
que nunca menos pranto lhe pediu
a dor que de negar seu Deus sentiu.

Geme, suspira e chora; o céu atroa
com dolorosos gritos que vai dando;

bate no triste peito, o vale soa,
tudo por onde vai vai magoando;
a seus cansados pés nada perdoa,
as suas crespas cãs vai arrancando.
Contra a vida que mais aborrecia
com magoada voz assi dizia:

«Deixa-me, vida, já! Deixa-me, vida!
Fuge de quem te foge e te despreza!
Que esperas de quem és aborrecida
nesta alma, exemplo raro de tristeza?
Nesta alma, a quem tu tens tanto ofendida
com tua covardia e vil fraqueza,
que gosto podes ter? Nenhum esperes,
se consumir-te em lágrimas não queres.

Vai-te, vida, de mil! Vai-te onde sejas
como vida tratada, que comigo
jamais nunca o serás, para que vejas
quão bem comigo estou, quão bem contigo.
Se ver-me inda outra vez errar desejas,
se cuidas que com laço ou ferro imigo
de ti me vingarei, não hajas medo:
a dor me vingará, ou tarde ou cedo.

E se conforme for esta dor minha
à causa de que vês que se me ordena,
espero que de ti me vingue asinha,
inda que a morte seja leve pena.
Mas dor que já não fez o que convinha
bem mostra não ser grande, mas piquena,
que se com meu pecado se igualara,
junto, não pouco a pouco, me matara.

Por ti, medrosa vida, um peito forte,
um peito a morrer já oferecido
(ah que grande vergonha! ah baixa sorte!)
de ùa fraca mulher ficou vencido.

Se tamanho temor tinhas da morte
depois de tanto tempo ter vivido,
houveras de atentar que defender-te
era perder-me a mi e a ti perder-te.

Perdi-te, ó vida minha (o que alma chora)
quando neguei meu Deus, que não devera.
De não morrer por ele mouro agora,
e se morrera antão, sempre vivera.
Ele, que é vida minha, vida fora;
ele, depois de morto bem pudera
(como a muitos fez já) ressuscitar-me,
e vida humana e vida eterna dar-me.

A quantos ditosos já em mocidade
foste com largo ser largo tormento,
que se antes de chegar a muita idade
tiveram de ti feito apartamento,
não viram ùa e outra adversidade
roubar-lhes todo seu contentamento,
como agora a mi fez o viver muito,
do qual negar a Deus colhi por fruto.

Foi-me teu longo curso um fero imigo:
a memória, o saber, a fortaleza
me foi roubando, e só deixou comigo
descuido, pouco siso, grão fraqueza;
e assi não me lembrei no mor perigo
de quantas obras sobre natureza
vi já fazer aquelas mãos sagradas
que vi tão cruelmente agora atadas.

Qual lei, ó triste velho, qual estudo
ensina a quebrar fé? ou que sentidos
negam a um Senhor senhor de tudo,
vendo tantos milagres conhecidos?
Quem dava olhos ao cego, língua ao mudo?
Quem dava ao coxo pés, ao surdo ouvidos?

Quem as almas dos corpos já saídas
fazia tornar de novo a novas vidas?

Se tu, mísero velho, isto sentiras,
se te não descuidaras do que viste,
tão néscia e fracamente não caíras
na gravíssima culpa em que caíste.
Se teu descuido choras, se suspiras,
sobeja-te razão para ser triste.
Correi, lágrimas minhas, correi tanto,
que onde a língua faltou sobeje o pranto.

Não se veja de vós meu rosto enxuto,
correi em fio, nunca esteis em calma;
pagai à dor seu natural tributo
para que a dor o pague à mágoa da alma.
Colhei da planta amarga doce fruto,
vossa seja a vitória, vossa a palma.
Vós restaurai a culpa em que caí,
vós me tornai a graça que perdi.

Louvor vos podem dar, louvor contino,
meninos que morrestes entre prantos⁶²,
quando do cruel rei o desatino
mandou, por matar um, matar a tantos,
pois antes (por decreto alto e divino)
que pudésseis pecar, vos vistes santos,
e tais do limbo ao céu, que vos espera,
como flores ireis na primavera.

Quanto vós na infância aproveitastes,
tanto a mi a velhice foi nociva;
não sabendo falar, Deus não negastes
como triste fiz eu com fala esquiva;
antes de um certo modo o confessastes,

⁶² Referência ao massacre das crianças ordenado pelo rei Herodes, como narra o texto evangélico (Mat, 2, 16-18).

se com palavra não, formada e viva,
com sangue que por ele derramaram
as gargantas que falas não formaram.

Desconsoladas mães, inda que vistes
em vossos braços lobos carniceiros
degolar esses filhos que paristes
como pacientíssimos cordeiros,
deixai de prantear, não sejais tristes;
olhai que foram eles dos primeiros
que nos vagos assentos se subiram
donde os espritos maus por maus caíram.

Por essa, que chorais, sua dura morte
mereceram divinos escabelos,
e nas cabeças na celeste corte
primeiro ter coroas que cabelos.
Ah soberana sorte (se a isto sorte
é lícito chamar), mininos belos,
sem saber pelejar vencer a guerra,
pisar o céu sem pisar nunca a terra!

Se soubésseis que fruto regar deve
a chuva desse seu sangue inocente,
desse sangue que em si a terra bebe
e no céu se conserva eternamente,
não vos seria só sua morte leve,
mas de vós festejada alegremente,
tendo-vos sobre todas por ditosas
por ser raiz de flores tão fermosas.

Eu só, por mais que chore toda a vida,
justo será meu pranto e não sobejo;
em magoar-me a sentirei comprida,
curta para chorar quanto desejo.
Irei lavando assi ùa ferida
que tão dura e tão feia na alma vejo,

que será cada vez mais feia e dura
se com meu pranto se não lava e cura.

Mas tu, alma covarde e de amor nua,
que me não deixas já? Pouca dor sentes.
Pide (não queiras ser contra ti crua)
a quantas almas vivem descontentes
que juntem suas dores à dor tua,
as passadas, por vir, e as presentes,
por que com dor tamanha enteire a dor
a firmeza quebrada a teu Senhor.

Mas que dor me darão, que nova mágoa
que seja de meu erro igual desconto,
inda que estes meus olhos fontes de água
derramem, sem cansar na vida um ponto;
inda que numa eterna, ardente frágua
ardendo sempre estê tempo sem conto;
que tudo não seja pouco a respeito
de ser contra meu Deus meu erro feito?

Negara-vos, Senhor, ùa só vez,
pois ùa só vos tinha confessado
por filho verdadeiro de quem fez
com só querer, sem mais, todo o creado.
Ùa vos confessei, neguei-vos três.
Ah discípulo mau, desatinado,
onde acharás perdão, onde piedade,
se três mentiras dás a ùa verdade?»

Desta maneira a si mesmo acusando
se ia o triste Pedro. Mas onde ia,
se não via por onde, aos pés deixando
e não aos olhos seus que fossem guia?
Depois que longo espaço andou errando,
ou fosse acaso ou Deus que assi queria,
tornou a dar no horto onde fugira
quando a seu Mestre nele prender vira.

E como pai que deixa sepultado
o caro filho morto em desafio,
a quem da tenra vida foi cortado
com duro e imigo ferro o fraco fio,
se passa pelo campo onde espalhado
o sangue dele vê já negro e frio,
mais altos gritos dá, sente mais dor,
mais se embravece contra o matador;

do mesmo modo Pedro, que só mais
amava (como bem depois mostrou)
que quantos no mundo houve amigos pais,
a dor naquela parte renovou.
Vendo nas verdes ervas os sinais
do sangue que o Senhor ali suou,
mais suspiros, mais lágrimas derrama,
mais tredor, mais cruel, mais mau se chama.

Geme, saluça⁶³, chora e desatina;
ali pasma, ali cai, ali esmorece;
de não morrer ali ali se fina,
ali por mais culpado se conhece.
Adora e beija a terra por divina
onde o sagrado sangue resplandece,
que lumizando o horto ali fazia
como mais claro ali seu erro via.

«Ó Senhor meu, que tens da vida a chave,
se tua bondade (disse) se não cerra
co'a malícia de minha culpa grave,
se vale arrepender-se a quem te erra,
sobre este sangue teu sacro e suave,
sobre esta dos teus pés pisada terra
me faz mercê da morte: acabarei
aqui, onde a temê-la comecei.

⁶³ *Saluça* – forma popular e antiga de *soluça*.

Mas se minha maldade impede e nega
que com efeito a meu querer respondas,
a ti, ó terra a quem meu pranto rega,
peço que vivo ou morto em ti me escondas
antes que a luz do sol, que já lá chega,
passe do rico Gange as claras ondas.
O dia para mim nunca amanheça,
a noite em que pequei só me conheça.

Porém, se o sol de ver-me se não peja
e de mi vai fugindo a noite escura,
esta cova que vejo, esta me veja
chorar em si a minha culpa dura.
Morada em toda a vida esta me seja,
seja depois da morte sepultura:
vivo, chorarei nela meu pecado;
morto, ficarei nela sepultado.»

Lágrimas de S. João Evangelista⁶⁴

Aquele a quem amava o mesmo Amor,
de quem foi puramente o Amor amado,
secretário do céu, alto escritor
do Verbo na Virgem pura encarnado;
aquele que na ceia do Senhor
dormiu sobre seu peito reclinado,
santíssimo João Evangelista,
anjo puro na vida, águia na vista;

⁶⁴ Ao contrário do que acontece com o tema das lágrimas de S. Pedro, não temos nas narrativas evangélicas qualquer referência a esta manifestação emotiva da parte de S. João. No entanto, e dada a sua estreita relação com Cristo, destacada pelo próprio no seu Evangelho, alguns autores conferiram a este «discípulo que Jesus amava» um maior protagonismo, colmatando com suposições lógicas o que consideram lacunas ou elipses nos relatos dos evangelistas. É o que se verifica, por exemplo, nos *Trabalhos de Jesus*, de Frei Tomé de Jesus (tal como Diogo Bernardes cativo em Marrocos após a batalha de Alcácer-Quibir). Escreve este autor: «A tudo isto [prisão e julgamento de Cristo] se achou S. João Evangelista, e soube que estava o Senhor no conselho dos Judeus condenado à morte, e ficava assentado que pela manhã o levassem a Pilatos, para confirmar a sentença de morte de cruz. Escrevem os Santos que também a este tempo se saiu S. João Evangelista da casa de Caifás, ou por ordem que para isto teria do Senhor, ou por interior inspiração sua, e se foi a casa de Nossa Senhora dar-lhe conta do que era passado, e da determinação dos Judeus. Os que disto escrevem, muitas lágrimas representam, que diriam a Senhora e o discípulo no contar e ouvir o que era passado até ali; porque tamanhas foram as dores, que tudo se pode cuidar, e tudo o que se diz é muito menos do que seria.» (*Trabalhos de Jesus*, vol. II, Lello & Irmão, Porto, 1951, p. 314).

Que autores teria Fr. Tomé de Jesus em mente ao usar as expressões «escrevem os Santos» e «os que disto escrevem» para conferir um fundamento de autoridade à evocação desta cena? A fonte deste trecho será muito provavelmente a *Tercera parte de la vida de Jesus* (Lisboa, por Manuel João, 1566, fol. 113v-116r) de seu mestre Fr. Luis de Montoya que destaca a actuação de S. João neste momento da Paixão, dando ampla expressão à manifestação da dor do apóstolo.

aquele, ó Musa minha, celebremos,
se for de tal sujeito o verso dino:
as suas mágoas, seu amor cantemos,
suas mágoas mortais, seu amor divino.
Antes com mais razão, Musa, choremos
com ele ao pé da cruz, a quem me inclino
e peço tal favor que este meu pranto
sirva a quem mo pediu⁶⁵, sirva a tal santo.

De que mágoa, João, de que agonia
levarias tua alma rodeada,
seguindo teu Senhor no triste dia,
depois da triste noute já passada?
Seguindo teu Senhor quando saía
da cidade cruel dele chorada
c'um madeiro em seus ombros duro e grave,
mas brando para nós, leve e suave.

Com que dor da tua alma irias vendo
a magoada Mãe, o Filho brando:
a Mãe a cada passo esmorecendo,
o Filho a cada passo ajoelhando
com o peso da cruz que foi sustendo,
para o monte Calvário caminhando,
onde foi nele posto, onde encravado,
onde com dois ladrões crucificado?

Aqueles duros cravos que encravaram
as mãos e pés de Cristo no madeiro,
ali teu coração atravessaram,
na morte ali lhe foste companheiro.
As fontes do sacro sangue que manaram
das veias do mansíssimo Cordeiro

⁶⁵ Terá este poema sido «encomendado» a Diogo Bernardes? É o que parece poder deduzir-se deste passo... O que, aliás, corresponderia a uma prática corrente na época.

abriram no teu peito outras de pranto
devido a quem por nós sofria tanto.

A quem darias tu, a quem darias
os teus húmidos olhos em tal hora:
ao Filho, que na cruz chagado vias,
ou à Mãe, que a seus pés suspira e chora?
Com ambos tua vista partirias
vendo tal o Senhor, tal a Senhora,
que não determinava quem os via
qual deles mais asinha expiraria.

A morte que seus rostos descorava
já de uma cor funebre⁶⁶ lhos cobria;
o lume dos seus olhos se apagava,
a voz cada vez mais enfraquecia.
Mas inda o bom Jesus a sua alçava
e por vós a seu Pai perdão pedia:
por vós, os que lhe dais morte sem culpa,
e com vossa ignorância vos desculpa.

Oh brandura, de nós mal merecida,
oh rara piedade, oh novo amor,
que chegue quem está perdendo a vida
a rogar por seu próprio matador!
Oh natureza humana endurecida,
que aviso aqui te dá teu Redentor
para não agravar quem te agravou,
para te não vingar de quem te errou!

Mais triste, se podias ser mais triste,
ficarias, João, se mal não entendo,
quando ao teu Senhor dizer ouviste,
olhos à triste Mãe da cruz volvendo:

⁶⁶ A acentuação do verso decassílabo exige que esta palavra seja lida como paroxítona.

«Mulher, vê*s* i o filho que pariste⁶⁷;
vê*s* i tua mãe», a ti também dizendo.
Ela te quis por filho, e dessa hora
a teveste por mãe e por senhora.

Não podia em tal tempo o Senhor dar-te
outro sinal de amor mais certo e claro
que na morte um penhor encomendar-te
qual na vida não deixa outro mais caro.
A sua doce Mãe quis entregar-te
tanto por que lhe fosses doce emparo,
quanto por te mostrar que o seu amor
contigo era de irmão, não de senhor.

Assi no mais sensível do teu peito
a força deste amor penetraria,
que em amorosas lágrimas desfeito
o tenro coração rebentaria.
Tolhendo a dor à língua o seu efeito
em tão penoso passo, supriria
o magoado espírito a sua minguia,
porque para com Deus o espírito é língua.

Com ele cuidado eu que lhe dirias:
«Vejo-vos, meu Senhor, estar morrendo,
e não acabo aqui meus tristes dias,
que morte me serão sem vós vivendo?
As penas que sentis, as agonias
podem estes meus olhos estar vendo,
e não os cerra a dor eternamente?
Quem não morre e tal vê*e*, pouca dor sente.

⁶⁷ Em todas as edições posteriores, logo a partir da de 1608, este verso, cuja ambiguidade poderia levar a uma interpretação contrária à fé católica por parecer atribuir à Virgem Maria outros filhos além de Cristo, foi modificado para «Vê*s* i teu filho; de chorar desiste».

Mas já que minha dor não pode tanto
(ó amor da minha alma, ó meu Senhor!)
que rompa desta vida o carnal manto,
como não mouro eu de puro amor?
Disto corrido estou, disto me espanto,
inda que de crer é, meu Redentor,
que com amor penando me detendes
por que mereça amando o que me tendes.

E se morrendo vós quereis que viva
à vida morto, vivo à saudade,
esta alma neste meu corpo cativa
não tenha, inda que pene, outra vontade.
Seja quanto quiser a vida esquiva,
trate-me com brandura ou crueldade,
que não devo querer nem querer posso
senão o que mais for do gosto vosso.

Contudo, nesta triste despedida,
a vida que de vós, Senhor, se parte
leva consigo o bem da minha vida,
e da minha alma leva a melhor parte;
a qual anda convosco tão unida
que vos seguirá sempre em toda a parte,
que não pode apartar tempo nem morte
o que juntou amor muito mais forte.

Alembra-me, Senhor, quão diferente
noutro monte vos vi há poucos dias⁶⁸,
em meio de mais branda e amiga gente,
em meio de Moisés e o bom Elias:
ali, mui mais que o sol resplandecente;
aqui, para cumprir as profecias,

⁶⁸ Referência ao episódio evangélico da transfiguração de Cristo no monte Tabor, narrado por Mateus (17, 1-9), Marcos (9, 2-10) e Lucas (9, 28-36).

sem aquele divino resplendor
de que mostra nos destes no Tabor.

Todo coberto estais de sombra escura,
todo tinto de sangue e denegrado.
Que foi daquela vossa fermosura
a quem espanto e amor era devido?
Para nossas feridas terem cura
quisestes ser o mestre e o ferido,
e por tão novo modo nos curais
que para nos sarar vós enfermais.

Este povo, Senhor, vosso mimoso,
que vós de cativo tão pesado
livrastes com processo milagroso
abrindo-lhe caminho desusado,
por não vos ser ingrato e odioso,
na cabeça, nos pés, nas mãos, no lado,
em todo o corpo, enfim, novos caminhos
com ferro vos abriu e com espinhos.

Esta gente, Senhor, a vós mais cara
que toda a que tèqui ao mundo veio,
para quem água branda, doce e clara
rompeu da pedra dura o duro seio,
por não vos ser ingrata vos prepara
de fel e de vinagre um vaso cheio.
Olhai com que vos quer matar a sede
que de salvar o mundo vos procede!

Os pais destes cruéis des que saíram
da dura sujeição de Egipcianos
falta, por mercê vossa, não sentiram.
Duraram-lhe os vestidos corenta anos,
e dos vossos os filhos vos despiram,
se filhos estes são de homens humanos.
Nessa cruz vos pregaram nu e pobre;
ũa toalha só nela vos cobre.

Corrido de um opróbio tão esquivo,
esconde o claro sol seus raios de ouro;
a terra, sem ter mais outro motivo,
tremeu; o leão urra, e brama o touro.
E eu, que vivo em vós e em mi não vivo,
morrendo vós assi, como não mouro?
Que maravilha é esta tão estranha?
Que vida sem a minha me acompanha?

Se vós, de piedade espiritos nus,
quereis que tanto mal vos agradeça,
encravai-me nas costas desta cruz,
onde com meu Senhor moura e padeça,
de maneira que possa o bom Jesus
em meu peito encostar sua cabeça,
pois a minha do seu fez almofada
na ceia tanto dele desejada.

Mas se dereitamente a conta lanço
em todo trabalhoso e triste transe,
nele tenho mui certo o meu descanso,
ele não tem em mi em que descanse.
Entre lobos cruéis cordeiro manso,
que lobo vos verá que não se amanse
daqueles que nos bosques sustentais,
não destes, carniceiros muito mais?

Contudo, inda que duros e malvados,
inda que em vós a morte executaram
de invejoso furor arrebatados,
não foram eles sós que vos mataram.
Mataram-vos, Senhor, nossos pecados
que nessa dura cruz vos encravaram;
matou-vos, meu Amor, o amor vosso:
isto com mais certeza afirmar posso.

Vejo que de tristeza as pedras duras
tópando ãas com outras se quebrantam;

revolvem-se pesadas sepulturas,
os que dormiam nelas se levantam;
todas as insensíveis criaturas
com novo sentimento nos espantam.
E eu, sendo obrigado a maior mágoa,
escassamente dou aos olhos água.

Porém de chorar pouco não me espanto,
nem se espante ninguém disto que digo,
pois o meu coração, fonte de pranto,
convosco está, meu Deus, e não comigo,
que pode o vosso amor co ele tanto
que nessa cruz o tem posto consigo.
Lá chora vossa dor e a sua chora
sem correrem as lágrimas de fora.

A ser doutra maneira, de crer era
que já vida tão triste se acabara,
porque mil corações, se mil tevera,
a dor em tristes lágrimas gastara.
Se de mi tal verdade não soubera,
a vós erguer os olhos não ousara,
de puro vergonhoso e de corrido
de não ser já em choro derretido.

Porém no peito meu mágoas esquivas,
a falta destes meus olhos suprindo,
de suspiros mortais lágrimas vivas
outras fontes de novo irão abrindo.
As horas no meu gosto fugitivas,
vagarosas no mal que estou sentindo,
não deixarão secar o licor triste
enquanto vosso amor ao meu resiste.

O fim, segundo vós estais penando,
verei de vossas penas mui asinha.
Vou-me por vossa parte consolando,
desconsolo-me muito pela minha,

porque qual ficarei sem vós ficando?
Sem vós, onde de mi o melhor tinha,
que lugar acharei onde respire?
Que gosto que do peito a dor me tire?

Já tudo me será sem vós pesado,
a noute sem repouso, o dia escuro.
Da vossa doce vista desterrado,
onde andarei quieto, onde seguro?
Sempre sereis de mi tão desejado,
ó Amor que morreis por amor puro,
que para a vós passar deste desterro
frio acharei o fogo e brando o ferro.

Não era eu, meu Senhor, o amado vosso
sobre todos os mais do vosso seio?
Pois quem divide agora o amor nosso?
Apartar-me de vós donde vos veio?
Ser aspereza vossa crer não posso;
ser grande culpa minha, isto mais creio.
E se culpa não foi, justo seria
não dividir agora a companhia.

Mas vós não tão somente me deixais
neste novo caminho que fazeis,
mas inda, por que sinta esta dor mais,
convosco um roubador levar quereis.
Se vós por companheiro o aceitais
sem embargo de ser qual vós sabeis,
a quem me aqueixarei dele, Senhor,
de me roubar em vós o meu amor?

Daí, donde com pena está pagando
a culpa de mil roubos que tem feito,
outras mores esteve acrescentando,
não sendo dos passados satisfeito.
Co desejo, das mãos já não usando,
os tisouros abriu do vosso peito;

junto meu coração ao vosso achou,
cuidando roubar um, ambos roubou.

Ó ditoso ladrão, em quem se encerra
sutileza tão alta, tal aviso,
que depois de roubar homens na terra,
roubar soubeste a Deus o paraíso,
com ele em paz te vai, fora da guerra
em que me deixa cá de mi diviso,
pois a teu novo amor tanto se entrega,
que te concede a ti o que a mi nega.

Eu partirei daqui desconsolado
com a triste Senhora com que vim,
que pois dele lhe fui por filho dado,
servida como mãe será de mi[m]».
Assi com língua muda e desmaiado,
correndo a[s] tristes lágrimas sem fim,
acompanhou seu Mestre à sepultura,
despois a sua casa a Virgem pura.

Hino a S. João Baptista

Quem poderá formar tão alto canto
que seja a tal matéria acomodado,
ó Santo, antes de ser nacido santo?

Se tu do Criador foste louvado,
tomar tão alta impresa a creatura
parece atrevimento mal tomado.

O coração humano que se apura
mais em teu puro amor mais te engrandece,
e menos a perder-te se aventura.

O mar de teu louvor que se oferece
veja que não tem fundo, nem tem praia
onde possa acabar, onde comece.

Ninguém em santidade pôs a raia
em mais alto lugar, nem foi mais dino:
quem não conceder isto, ao campo saia.

Ó espírito no mundo peregrino,
em tudo milagroso, em tudo puro,
mais próprio que mortal anjo divino,

tu foste anunciador do bem seguro,
testemunha do lume verdadeiro
que veio esclarecer o mundo escuro.

Tu nos mostraste aquele alvo Cordeiro
que lavou com seu sangue a nódoa feia
que em nossas almas pôs o pai primeiro.

Que gente vê o sol que nos rodeia
que não festeje o teu fermoso dia
e te não chame santo à boca cheia?

A terra antão se veste de alegria,
antão descobrem mais a graça sua
quantas flores o vale e o monte cria.

Antão o louro sol e a branca lua
parece celebrar teu nascimento.
Que nascimento o teu! Que vida a tua!

Dentro no teu materno encerramento,
vendo o Verbo encarnado te alegraste,
que ali te deu de si conhecimento.

O diamão⁶⁹ divino em humano engaste
(oh nova maravilha! oh louvor raro!),
logo de um ventre noutro o adoraste.

⁶⁹ *Diamão* – forma antiga de *diamante* que ocorre também noutros autores quinhentistas.

Por te comunicar seu raio claro
penetrou as puríssimas entranhas
da Virgem madre sua e nosso emparo.

E vós que nos direis, altas montanhas,
da sua áspera vida? Que direis
das mais virtudes suas tão estranhas?

Contai extremos seus, não vos caleis,
pois sua tenra idade possuistes,
e quanto obrou em vós, vós o sabeis.

Dizei-nos os vestidos que lhe vistes,
dizei-nos os manjares que gostava,
contai-nos os colóquios que lhe ouvistes.

Com Deus se deve crer que conversava
quem, fazendo a si mesmo cruel guerra,
os caminhos do céu lhe aparelhava.

Mas dece, ó voz divina, já da serra
a baptizar nas águas do Jordão
e pregar penitência em toda a terra,

pois aquele que tudo tem na mão
da tua quis ali ser baptizado.
De tamanha excelência que dirão?

E eu que mais direi, Santo sagrado,
se quando corro mais por teus louvores
muito menos caminho vejo andado?

Os grandes de Judeia e os menores
te quiseram por rei, se tu quiseras:
senão vejam os seus embaixadores,

a quem tu respondeste que tu eras
ũa voz que bradava no deserto,
entre duros rochedos, entre feras.

Quem te não louvará, ao longe e ao perto,
desprezo de tão alta dignidade,
confissão do Messias encoberto?

Por esta firme escada de humildade
subiste ao lugar donde deceu
o soberbo dragão, pai da maldade.

Qual vida maior prémio mereceu
do Senhor da verdade que ãa vida
que por falar verdade se perdeu?

Mas deixa o canto já, Musa atrevida,
que mal podem por ti ser referidas
graças que fim não tem, nem tem medida.

E vós, almas a Cristo oferecidas,
da glória do Baptista cobiçosas,
com obras o louvai, com santas vidas;

que por mais que de lírios e de rosas
de contino lhe deis frescas capelas,
não podem nos seus olhos ser fermosas
não indo o vosso amor tecido nelas.

Ao mesmo Baptista

Soneto

Pois vem amanhecendo o santo dia
daquele que por Deus foi enviado,
que no ventre da mãe inda encerrado
adorou seu Senhor no de Maria,

vinde colher capelas de alegria,
ninfas, com alva mão no verde prado
que Flora tem de flores matizado,
e de celeste aljofre a manhã fria.

Cantai louvores seus ao longe, ao perto,
nos bosques, e nos vales, e nos montes,
nas sombras e nas águas que lograis.

Alegrem-se convosco rios, fontes,
feras, aves e gente, e o deserto,
a quem mais deu de si, se alegre mais.

A S. Lourenço

Soneto

Lourenço, que de louro coroadado,
vestido de alva estola, apareceste
todo resplandecente na celeste
corte, de um coro de anjos rodeado,

teu prémio no teu nome está notado,
sinal é da batalha que venceste
quando posto no fogo ofereceste,
depois de assado de um, o outro lado.

Nesse fogo de amor que tão doce arde,
que fez, ardendo em ti, ãa fria neve
as vivas chamas de outro, e riso, e jogo,

por teu amor acenda (e não lhe tarde)
Cristo meu coração, pois brando e leve
se faz com tal ardor o ferro e o fogo.

A S. Sebastião no seu dia

Soneto

Ó santo cavaleiro, em cujo dia
naceu aquele rei, grão cavaleiro,
que por amor do culto verdadeiro
seu sangue derramou em Berberia,

a regra antiga da cavalaria,
que se guardou no bom tempo primeiro,
guarda comigo agora, ó bom guerreiro,
que por ti brado, posto em agonia.

Aquelas duras setas que imprimiram
nos teus atados membros tais feridas
que te deram em vez de morte, palma,

sinta em defender-me convertidas,
quebrem as invisíveis com que atiram
contino à minha os três imigos da alma.

A S. João de Porta Latina⁷⁰

Juan que ardor siente
de llama divina,
no siente en la tina
el óleo herviente.

Entra sin temor
en rojo metal:
el divino amor
vence al natural.

Sale salvo y sano
daquel fiero baño

⁷⁰ Segundo uma velha tradição, o apóstolo S. João teria sido conduzido a Roma, no tempo do imperador Domiciano, e aí torturado, perto da Porta Latina, num banho de azeite a ferver, de que todavia saiu incólume. A memória deste acontecimento é celebrada pela Igreja a 6 de Maio.

Além de Bernardes, outros poetas da época celebraram este episódio. Veja-se, por exemplo, na obra de Diogo Mendes Quintela, intitulada *Conversão e lágrimas da gloriosa Santa Maria Madalena e outras obras espirituais*, dois sonetos, um deles glosado em catorze oitavas, dedicados a S. João Evangelista «em a tina».

con dolor extraño
del cruel tirano.

Ah, Juan amado
del Hijo de Dios,
de martirios dos
debes ser loado.

Uno aqui sufriste,
otro con Jesus
moriendo en la cruz
do morir le viste.

Lágrimas y enojos
te fueran cuchilo⁷¹
corriendo en hilo
de tus tristes ojos.

El agua y el fuego,
elementos varios,
puestos en sosiego
fueron tus contrarios.

En el cielo empíreo
alcanzó tu alma
de virgen el lirio,
de mártir la palma.

À noite do Natal
Soneto

Ó noite santa e clara, inda que escura
te vê quem mais não ergue a fantasia,

⁷¹ Não se actualizou a ortografia desta palavra para não alterar a rima com o verso seguinte.

noite que mereceste, mais que o dia,
ver nascido Jesus da Virgem pura;

como se não tornou logo em brandura
tua grande aspereza, noite fria,
vendo teu Criador que padecia
teu frio como humana creatura?

Como vos desatais, ó ventos, tanto?
Porque vos derreteis, nuves⁷², em água?
Tempo, que te não tornas mais sereno?

Se não sentis do Filho o tenro pranto,
senti a dor da Mãe, senti a mágoa
de o guardar de vós com palha e feno.

À estrela dos Reis Magos

Soneto

Ditosa estrela, que os três reis guiaste
da praia oriental tão fielmente,
que o grande Rei dos reis onnipotente
menino em um presépio lhes mostraste,

um raio só de quantos derramaste
guie minha alma já dereitamente
ao mesmo bom Jesus que juntamente
ali também com eles adoraste;

onde posto nos braços de Maria,
ali fé, esperança e caridade
lhe ofereça, em vez de ouro, mirra, incenso;

⁷² *Nuves* – forma que ocorre igualmente em textos de outros autores da época.

despois, guiado do teu lume imenso,
de Herodes conhecendo a falsidade,
me torne a recolher por outra via.

A Santo António no seu dia

Aqui nasceste, António, e não somente
enriqueceste, ó milagroso Santo,
a tua cara pátria, a tua gente,
mas Itália também, que te ama tanto.
Despiste lá, vivendo santamente,
o que de cá levaste, o frágil manto.
Lisboa, a quem tu dás mais fermosura,
teu berço foi, foi Pádua a sepultura.

Ó Santo, a quem tal graça o céu influi
que cobra o que to pede o que perdeu,
tu mesmo a nós te torna e restitui,
pois natureza a nós te concedeu.
Ou, já que Ausónia o corpo te possui,
tua alma, que possui agora o céu,
jamais se nos aparte desta parte,
por que de ti nos dês a melhor parte.

António, aqui nascido, aqui criado,
cujá rara virtude e raro exemplo
mereceu que te fosse dedicado
este paterno hospício em sacro templo,
menos te sei louvar, varão sagrado,
quanto mais em ti cuido e te contemplo,
mas nunca faltarão a teus louvores
novas rimas aqui, versos milhores.

De milagres encheste o mundo enquanto
nele vivo moveste os mortais passos,
e pera glória tua e nosso espanto,
teveste o bom Jesus posto em teus braços.

Depois de morto, diga Pádua quanto
em louvores te dar somos escassos;
as maravilhas diga que Deus obra
por ti, santo por fé, santo por obra.

De ti se queixa, António, e sente dor
o teu e nosso Tejo lusitano,
dizendo que trocaste o seu amor
por amor que teveste ao Eridano⁷³.
Mas sem razão se queixa, que o Senhor
nisso te quis fazer mais soberano,
permitindo que em vida tão perfeita
não tevessem a pátria por suspeita.

Por mil e mil grandezas em mil partes
soando vai a nobre e grão Lisboa
em armas tanto quanto em boas artes,
em pureza de fé muito mais soa.
Mas o que mais realça as suas partes
e lhe concede a palma e dá coroa
sobre quantas no mundo a fama canta
é ser jardim onde nasceu tal planta.

A Santo Agostinho

Epigrama

Santíssimo Agostinho, que inflamado
de amor que com amor a amar obriga,
de amor que te fez ser tão namorado
daquela fermosura nova e antiga,
para que tu de mim sejas louvado,
de ti não sei que conte nem que diga,
se parte não disser do que disseste
daquele Amor a quem teu amor deste.

⁷³ Eridano é o nome de um rio mítico, geralmente identificado com o rio Pó.

Outro

No mar profundo as aves farão ninho,
os peixes pelo ar irão voando
quando língua mortal, divo Agostinho,
seu canto a teu louvor for igualando.
Tu abriste do céu novo caminho,
tu lá do Senhor dele estás gozando;
anjos alegre lá tua voz divina,
homens ensina cá tua doutrina.

A S. Bernardo Cantiga alheia

*Tanto agradastes a Dios,
divino y sacro Bernardo,
que la leche que ha gustado
vos la da su Madre a vos.*

Voltas próprias

Donde a vuestros labios tal
dulcedumbre y gracia vino,
que vuestro hablar fue divino
siendo la lengua mortal.

La Virgen que al hijo Dios
como madre leche ha dado,
como a grande enamorado
suyo, vos lo dió a vos.

Maravilloso favor
la madre y el hijo os han hecho,
pagando el materno pecho
del vuestro pecho el amor.

Yo no sé quien de los dos
fue jamás tan regalado
como vos, que habeis gustado
le leche que gustó Dios.

*À Magdalena*⁷⁴

Soneto

De noute a Magdalena vai segura,
passa per homens de armas sem temor;
tão enlevada vai no seu amor,
que lhe não lembra a quanto se aventura.

Indo buscar a vida à sepultura,
quando não achou nela o Redentor,
com suspiros, com lágrimas, com dor,
movia a piedade a pedra dura.

«Suave Esposo meu, ah meu só bem
(cos olhos no sepulcro começou),
levaram-vos daqui? Aqui vos tinha.

Quem vos levou, Senhor, onde vos tem?
Torne-me meu Senhor quem mo levou,
ou leve com seu corpo esta alma minha.»

⁷⁴ Este soneto foi posteriormente atribuído a outros autores, v. g. Fr. António das Chagas (vd. BNP, Cod.6216, fol. 145v), atribuição obviamente descabida, pois este poeta só viria a nascer em 1631, ou seja, quase quarenta anos depois da publicação da obra de Diogo Bernardes. Também na obra de Diogo Mendes Quintela aparece este soneto seguido de glosa em catorze oitavas (*Conversão e lágrimas da gloriosa Santa Maria Madalena*, 1615, fol. 134r-136v), sem indicação de alheia autoria, ao contrário do que acontece com outro (fol. 106v) que tem a indicação explícita «Soneto alheio a que fiz a glosa seguinte».

À mesma

Soneto

Banhada em vivas lágrimas Maria
já fora do sepulcro se tornava,
que vista de anjos não a consolava,
porquanto a do Rei deles pretendia.

Eis nisto o bom Jesus lhe aparecia
em trajos que hortelão representava.
– «Porque choras, mulher?» – lhe perguntava.
– «Tomaram meu Senhor» – lhe respondia.

E logo que na voz o conheceu,
a seus pés se arrojou; mas o Senhor
com dizer «Não me toques» a deteve,

e juntamente desapareceu.
Ah, que tão largo pranto e tanto amor
não vos pedem, Senhor, vista tão breve!

À mesma

Soneto

Fermosa penitente, que lavaste
co licor dos teus olhos cristalino
tua alma e pés de Cristo, e os enxugaste
com tranças derramadas de ouro fino,

quantos amores por um só divino
num ponto para sempre desprezaste!
Quantos suspiros deste de contino!
Quão bem por tal amor os empregaste!

Em santas esperanças as danosas
trocar soubeste, e mil desejos vários
num só desejo, em lágrimas o riso,

as cidades em ermos solitários,
rochedos toscos, lapas escabrosas,
num brando e deleitoso paraíso.

Soneto

*Em louvor do glorioso S. Jacinto, da Ordem dos Pregadores,
agora novamente canonizado*⁷⁵

Polónia deu ao mundo, e deu ao céu
Domingos, patriarca glorioso,
este Jacinto belo e precioso
que entre seus novos filhos floreceu.

Foi milagroso enquanto cá viveu,
des que vive no céu mais milagroso.
Vida por ele o Senhor piadoso
a trinta e nove mortos concedeu;

a mancos pés, vista a quem não via,
ouvir a surdos, fala a mudos deu;
a capa ponte fez de um bravo rio.

Fez passar, e passou, como Eliseu⁷⁶,
por ir pegar as chamas em que ardia
na fera gente daquele orbe frio.

⁷⁵ S. Jacinto, polaco de nascimento, ingressou na Ordem dos Pregadores que S. Domingos, com quem conviveu, acabara de criar. Dedicou-se à missão e difusão da Ordem Dominicana, não apenas na Polónia, mas também nos países nórdicos. Morreu em 1257 e foi canonizado em 1594, data da publicação desta obra de Diogo Bernardes. A canonização deste santo explica a frequência com que surgem poemas em seu louvor em poetas da época. A Igreja celebra a memória de S. Jacinto a 17 de Agosto.

⁷⁶ O texto bíblico narra como o profeta Eliseu atravessou o rio Jordão, cujas águas afastou batendo-lhes com o manto que pertencera a Elias (cf. *2 Reis*, 2, 13-14).

Epigrama

Jacinto, digo o que sinto,
o mais diga o que mais sente:
digo que nunca Oriente
criou mais rico jacinto.

Ao mesmo Santo

Soneto

O jacinto entre pedras preciosas
sempre, por seu valor, foi estimado;
outro jacinto em flor foi transformado
entre as flores do campo mais fermosas.

Mas este nosso, de celestes rosas,
de rubis e de perlas coroadado,
só deve ser no mundo celebrado:
dos mais os versos calem, calem prosas.

E de ambos o louvor a gente mude
neste mais rico, e belo, e peregrino;
nele, porque tal foi, mais acrecente.

Foi flor que deu a Deus fruto divino,
e foi pedra a quem Deus deu tal virtude
que curou almas, corpos não somente.

Epigrama

Jacinto, o que já sinto
é razão que o não cale:
sinto já que nunca o vale
criou mais lindo jacinto.

História de Santa Úrsula⁷⁷ *dirigida à Infante Dona Maria*

⁷⁷ João Franco Barreto, na sua *Biblioteca Lusitana*, escreve que esta obra, por ser tão perfeita, foi por muitos atribuída a Camões: «[Diogo Bernardes] compôs muitas obras em vulgar, português e castelhano, todas em verso, que andam impressas em três volumes, o 1.º contém várias rimas ao divino, entre elas a história de Santa Úrsula e onze mil virgens com tão perfeito estilo que a muitos parece excedia o seu ordinário de pastores e por isso fizeram esta obra por de Camões». Entre os que consideram tratar-se de uma obra de autoria camoniana conta-se, como seria de esperar, Faria e Sousa, que inclui este poema na sua edição das *Rimas várias de Luis de Camoens* (Segunda parte, pp. 134-158) e escreve: «Siempre fue opinion constante (...) de los que pudieron juzgar de estilos, que estas Octavas a Santa Ursula, fueron escritas por Luis de Camoens. Perdonenme todos, si digo que yo no avia menester sus juizios para assegurar que ellas son suyas» (p. 134). Com a sua habitual auto-suficiência, julga reconhecer, sem sombra de dúvida, o estilo perfeito de Camões.

Diogo Bernardes segue aqui a história de Santa Úrsula e suas companheiras tal como é narrada na *Légende dorée* de Jacques de Voragine, uma versão em que lenda e realidade histórica se não distinguem. Por estes anos preparava Pedro de Ribadeneyra a sua vasta *Flos Sanctorum* (Primeira parte, 1599; segunda parte, 1601), onde encontramos uma tentativa de, recorrendo a autores que considera de reconhecida autoridade, separar as águas entre o verdadeiro e o fictício: «El mismo día de los 21 de Octubre, celebra la Santa madre Yglesia el martyrio de santa Vrsula, y de las onze mil virgenes sus compañeras, en cuya historia ay algunas cosas ciertas, y otras apocrifas, y dudosas. Lo cierto es, que santa Vrsula, y todas sus santas cõpañeras fueron virgenes, y martyres, y que fuerõ onze mil. Porque aũque el martyrologio Romano no dize que fuerõ onze mil, ni la oracion que dellas rezamos; pero dizenlo Beda, y Adon en sus martyrologios, y Molano en las adiciones que hizo al martyrologio de Usuardo, y otros graues autores; y aũque no huuiese ninguno que lo dixesse; para creerlo bastaria la tradicion sola, y comun sentido de la Yglesia. Pero lo que es incierto y dudoso, es la manera de su martyrio: la ida destas virgenes à Roma con tan grande acompañamiento, y el venir con ellas quãdo tornauan el Papa Ciriaco, dexando el sumo Pontificado: y otras cosas como estas, que escriven algunos, y no tienen fundamento, ni autoridad, ni aun probabilidad, y contradizen à la verdad de la historia Ecclesiastica, y a toda buena razon.» (Pedro de Ribadeneyra, *Flos Sanctorum*, Parte segunda, Madrid, por Luis Sanchez, 1601, p. 471)

Soneto dedicatório

Eu fiz, como já disse o Mantuano,
os versos dessa virgem esposada
que foi com onze mil martirizada,
a honra me roubou um vil engano.

Estando a vosso nome soberano,
soberana Maria, dedicada,
caiu, para se ver pior tratada,
nas mãos, livre já de um, doutro tirano.

Se foi, indo roubada, tão aceita,
em partes inda feia e duvidosa,
não desmereça agora, alta Princesa,

que mais segura vai, vai mais fermosa,
não sofrendo razão cousa imperfeita
diante a perfeição de vossa Alteza.

Começa a história

De ùa fermosa virgem e esposada
que de outras onze mil, também fermosas,
entrou no céu empíreo acompanhada,
coroadada de lírios e de rosas,
de Cristo, esposo seu, tão namorada

A devoção a Santa Úrsula e suas onze mil companheiras em Portugal encontra-se documentada sobretudo pelo culto das suas relíquias. Sobre esta devoção em terras de missões portuguesas no século XVI, vd. Maria Cristina Osswald, «The Society of Jesus and the diffusion of the cult and iconography of Saint Ursula and the Eleven Thousand Virgins in the Portuguese Empire during the second half of the 16th century», in *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII - Espiritualidade e cultura*, Universidade do Porto, 2004, pp. 601-609.

que delas quis fazer todas esposas⁷⁸,
amor, vida e martírio cantar quero,
movido do favor que dela espero.

Alcança, Úrsula santa, que diante
de tão belo esquadrão foste por guia,
do teu suave Amor que de ti cante
o seu amor que no teu peito ardia.
Meu verso para vós mais se levante,
ó bela e a Jesus cara companhia;
tanto se mostre aqui mais soberano
quanto o divino amor excede o humano.

E vós, ó bela Mãe e Virgem pura,
pois sois das que tal ordem escolheram,
fostes sempre e sereis guarda segura
da pureza que a Deus ofereceram,
dai neste canto meu melhor ventura
do que tẽgora as vãs musas me deram:
vossas servas serãõ de mi servidas,
suas mortes cantadas, suas vidas.

Sereníssima Infante, produzida
do grãõ tronco real, sublime planta,
no título, nas obras e na vida
retrato natural de Úrsula santa,
desta virgem, também de reis nacida,
ouvi com ledõ rosto o que se canta;
dai o sentido um pouco a tal sujeito,
naõ tire o preço dele o meu defeito.

No tempo que Ciríaco se sentava
na cadeira de Pedro pescador,
quando com sã doutrina apascentava

⁷⁸ Corrigiu-se a versão da 1.ª edição em que se lê «que delas as quis fazer todas esposas».

as ovelhas de Cristo, bom pastor,
teve Bretanha um rei que professava
a lei que deu no mundo o Redentor,
justo, temente a Deus, pio e devoto,
chamado Mauro de uns, e de outros Noto.

De virtudes um novo exemplo e raro,
em idade e beleza florescia
Úrsula, por quem Noto era mais claro
que pelo reino seu que possuía,
a quem em nada o céu quis ser avaro,
com quem todas as graças repartia,
prudente, honesta e bela à maravilha,
de tão ditoso rei ditosa filha.

Aquela que no ar com ligeireza
as penas de mil asas abre e cerra,
e com nunca jamais vista presteza
com outros tantos pés corre por terra;
aquela que de sua natureza
não cuida no que diz se acerta ou erra,
e de ãa em outra boca se derrama;
aquela, enfim, a que chamamos fama,

ia por todo o mundo divulgando
extremos desta virgem soberana,
aquela fermosura celebrando
com que o cego amor olhos engana,
a de alma muito mais alevantando,
por ser cousa divina mais que humana.
Ûa e outra, enfim, subia tanto,
que nuns criava amor, noutros espanto.

Ouvindo seus louvores muitas vezes,
desejou desta virgem fazer nora
um rei que o ceptro tinha dos Ingreses,
idólatras antão, cegos agora.
Ó povo cego e leve, as sujas fezes

aparta do ouro puro e fino fora.
Torna ao teu pastor, perdido gado;
olha que vás sem ele mal guiado.

Um filho deste rei, de quem dizia
que ser de Úrsula sogro desejava,
movido já do que contar ouvia,
já dentro no seu peito a namorava.
Ali o seu amor lhe oferecia,
ali pelo seu dela suspirava.
Suspira ele por ela; ela suspira
por outro amor também que nunca vira.

Mandou o rei inglês embaixadores,
com real aparato e mui custoso,
do grande reino seu grandes senhores
a Noto, rei não tanto poderoso,
pedir a bela filha, que em amores
ardia toda do celeste Esposo,
para a casar co filho, que sabia
que por amores dela todo ardia.

Ficou el-rei bretão mui descontente
ouvindo esta embaixada de Inglaterra.
Receia que, se nela não consente,
o gentio lhe mova cruel guerra,
o qual, sendo mais rico e mais potente,
assi no largo mar como na terra,
quando o desprezo visse do seu rogo,
podia pôr Bretanha a ferro e a fogo.

E logo depois deste pensamento
e medo de perder seu senhorio,
novo discurso tinha, novo intento,
com que ficava mais medroso e frio:
como podia dar em casamento
sua filha cristã a um gentio,

que nem a lei de Cristo o permitia,
nem ela nunca tal consentiria.

Estando em tal angústia o bom rei posto,
Úrsula, divinamente inspirada,
lhe disse com sereno e alegre rosto
que consentir podia na embaixada,
contanto que, se o ingrês levava gosto
dela com seu herdeiro ser casada,
primeiro lhe mandasse dez donzelas,
do reino as mais ilustres e mais belas;

e desse mil a cada virgem destas,
e a ela outras mil também daria,
todas de claro sangue, em vida honestas,
com as quais de onze mil o conto enchia;
e por três anos dilação nas festas
além de tudo isto lhe pedia,
e naus e mantimentos para todas
irem com ela a Roma antes das vodas,

onde sua pureza e virgindade
queria com solene e sacro voto
consagrar a seu Deus, Deus da verdade,
que o céu e a terra fez de próprio moto,
e que deixasse a vã gentilidade
seu filho para ser genro de Noto,
e neste meio tempo doutrinado
fosse na fé de Cristo e baptizado.

Com estas condições Úrsula disse
que seu amado pai fosse contente,
e os embaixadores despedisse
usando em tal reposta de prudente,
por que ou ele mais a não pedisse
podendo-se cumprir difficilmente,
ou quando o que pedia concedesse,
por si a seu Senhor onze mil desse.

Ó divino saber, quão soberano
conselho é sempre o teu! Quão acertado!
Quão longe vai de ti saber humano,
por mais que de razões vá mais ornado!
Já dos ídolos deixa o cego engano
o príncipe da virgem namorado.
Rogando pede ao pai quanto ela pede;
o pai quanto lhe roga lhe concede.

Já para ti, ó virgem bela e branda,
com toda a diligência e brevidade
juntar se vem desta e daquela banda
da feminil nobreza a tenra idade.
As naus aparelhar el-rei te manda,
já nelas se recolhe a virgindade,
já dão para Bretanha ao vento velas;
o coração do noivo vai com elas.

Já vem a tomar porto onde as espera
Úrsula alvoroçada em grão maneira,
que para as receber ali viera
como senhora não, mas companheira.
Quão falsa, lhes pregou, sua lei era,
a de Cristo Jesus quão verdadeira.
Já vos baptizam, virgens estrangeiras,
já do reino do céu ficais herdeiras.

A fama, que não sabe repousar,
voou de reino em reino, de ilha em ilha.
A gente que se ajunta não tem par
por ver a nunca vista maravilha.
Vem outros por servir e acompanhar
a virgem de rei nora e de rei filha.
Movem-se muitos bispos de Bretanha:
Pantolo em vida e em morte as acompanha.

Deixa tua mãe por ti casa e família
e com quatro irmãs tuas se embarcou:

Juliana, Vitória, Áurea e Babília;
um filho tinha mais que mais levou.
Gerasina, rainha da Sicília,
a ti nesta jornada acompanhou.
É justo que contigo vão rainhas,
pois para o Rei dos reis, virgem, caminhas.

Já se partem as belas peregrinas
com as mãos para o céu alevantadas;
já rompem pelas ondas cristalinas
as naus de fermosura carregadas.
Quando, dissei, ó águas neptuninas,
fostes de tal beleza navegadas?
Nunca, depois que a terra descobristes,
a tal frota por vós caminho abristes.

Com vento sempre igual, com mar bonança,
sem perigo nenhum, sem nenhum pejo,
Cicla foram tomar, porto de França,
onde pouca demora fazer vejo.
O coração da virgem não descansa,
saudososa do fim de seu desejo:
manda que levem ferro, soltem linho
que leve pelo mar o negro pinho.

O vento nova posse vai tomando
das virgens que lhe são encomendadas;
com tanta ligeireza as vai levando,
que já deixam atrás águas salgadas.
Já nas doces do Reno vão entrando,
onde tem suas vidas limitadas.
Õa cidade vem à borda de água
que de as ver morrer não teve mágoa.

Ah Colónia cruel, que não te encobres
a tão fermosos olhos, que seguros
olham as altas torres que descobres,
lustrosos edifícios, fortes muros!

Permite o largo céu que fama cobres
de seres dura mãe de peitos duros;
peitos que tantos mil peitos sem erro
viram abrir sem dó ao duro ferro.

Estando neste porto a bela armada
tomando o necessário mantimento
para poder seguir sua jornada
e dar terceira vez velas ao vento,
sendo parte da noute já passada,
a virgem, dentro em seu retraimento,
dormindo toda a mais gente da frota,
a Cristo orou assi, branda e devota:

«Amor, divino Amor, Amor suave,
Amor após quem vou toda embebida,
por quem nenhum trabalho sinto grave,
sem quem não posso ter gosto da vida;
Amor, que do meu peito tens a chave,
Amor, de cujo amor ando ferida,
quando verei, Amor, o que desejo
para que veja, Amor, o que não vejo?»

Amor, que por amor te despuseste
a restaurar o mundo errado e triste,
Amor, que por amor do céu deceste,
Amor, que por amor à cruz subiste,
Amor, que por amor tua vida deste,
Amor, que por amor a glória abriste,
quando verei, Amor, o que desejo
para que veja, Amor, o que não vejo?»

Amor, que cada vez mais te acrescentas
no coração que lá contigo trazes,
Amor, que de amor puro te sustentas
no fogo em que tu mesmo arder me fazes,
Amor, que sem amor não te contentas,
de tudo com amor te satisfazes,

quando verei, Amor, o que desejo
para que veja, Amor, o que não vejo?

Amor, que com amor me cativaste
(se livre pode ser quem não cativas),
e com me ter cativa seguraste
as esperanças dantes fugitivas;
Amor, que suspirando me ensinaste
a derramar por ti lágrimas vivas,
quando verei, Amor, o que desejo
para que veja, Amor, o que não vejo?

Quando verei o dia em que ofereça
por ti este meu peito ao ferro forte,
e cercada de virgens apareça
na tua soberana e eterna corte,
onde lá cada ãa te mereça,
passando cá comigo a mesma morte,
todas vertendo sangue, juntas todas,
celebremos contigo eternas vodas?

Cumpre-me já, Senhor, esta vontade
que tenho de te ver, que sempre tive
des que me deu lugar a tenra idade
e lume de razão nesta alma vive.
Não permitas, meu Deus, que a saudade
sem elas a mi só da vida prive,
que se muito se alarga este desterro,
por ela irei a ti, não pelo ferro.

Desata meu espírito saudososo
do mortal nó em que se está detendo
primeiro que três vezes pressuroso
o sol os doze signos vá correndo,
espaço que tomei, meu doce Esposo,
para outro esposo meu ir entretendo,
confiando de ti que neste meio
acabes co'a vida o meu receio.»

Ainda no amoroso e justo rogo
a virgem suspirando procedia,
quando de um resplendor como de fogo
divina voz ouviu que lhe dizia:
«Ó virgem, que soubeste fazer jogo
do que no mundo tem maior valia,
sabe que da tornada que fezeres
aqui se cumprirá tudo o que queres.»

Tanto que tal reposta do céu teve,
não pode esperar mais dia nem hora:
comprida lhe parece a noute breve,
que muito se detém a nova aurora.
Em descobrindo o sol seu carro leve,
do porto de Colónia saiu fora;
a Basileia em breve tempo toma,
daí a pé se partem para Roma,

donde o sumo pastor Ciríaco santo
as sai a receber e as acompanha
com gozo espiritual, com grande espanto
de ver em tal idade fé tamanha.
Não se pode dizer nem cuidar quanto
se alegra o real sangue de Bretanha
aqueles santos templos visitando
daqueles que também foi imitando.

Naquela mesma noute após o dia
que Roma ver as virgens mereceu,
a quem de Pedro a barca antão regia
revelou o que rege a terra e o céu
que martírio também receberia
onde Úrsula co'as mais o recebeu,
o qual deixou o seu pontificado,
desejoso de ser martirizado.

Inda que todo o clero sofre mal
mover-se por aquelas estrangeiras,

movido da vontade divinal
o bom pastor se vai com as cordeiras.
Um arcebispo leva, um cardeal,
três bispos deixam vagas três cadeiras,
de Luca, Lavicana, de Ravena,
Maurício me ficava já na pena.

Depois de entrar no mar, donde saíram
com tão fermoso sol tantas estrelas,
as âncoras de baxo acima tiram,
de cima para baxo soltam velas.
Indo já navegando, outras naus viram
que fazendo-se vem na volta delas.
Conheceram-se logo as duas frotas:
ambas de um reino são, ambas devotas.

Ali, já rei erguido de Inglaterra,
vinha de Úrsula bela o belo esposo,
que não queria já reinar na terra,
namorado do céu e saudoso.
Do seu primeiro amor venceu a guerra
a força doutro amor mais poderoso:
amava em seu Deus já a esposa bela,
polo poder achar buscava a ela.

A mãe, já convertida, traz consigo;
o pai feito cristão já falecera,
per onde evitaria o grão castigo
a que, sendo gentio, obrigado era.
Ó divino amor, como aqui não digo
maravilhas de ti? Ah, quem pudera!
Por meio de uma virgem foste meio
per onde tanta gente a Cristo veio.

Vinha mais nesta nova companhia
Florença, irmã de el-rei, da mãe cuidado;
Florença, que em beleza florescia
como flor em jardim bem cultivado.

Dous bispos a real frota trazia,
um Marcelo, Clemente outro chamado:
o primeiro de Grécia o bago teve,
do segundo o bispado não se escreve.

Outra virgem viúva ali mais vinha,
a qual, sendo esposada em tenra idade,
antes de as vodas ver viuvado tinha,
e prometeu a Deus sua castidade.
Esta do mesmo rei era sobrinha,
filha da emperatriz da grão cidade
onde, por culpa nossa ou pouca dita,
agora tem seu trono o fero Cita.

Estes, de quem relata a sua história
que deixaram por Deus altos estados,
com outros de que faz menos memória,
foram divinamente amoestados
que todos, para entrar todos na glória,
fossem ao virginal coro ajuntados,
com quem na terra mártires seriam
e no céu para sempre reinariam.

Seria estranho o gosto que sentiram
aquelas bem nascidas almas santas
quando juntas ali todas se viram,
de partes tão remotas e de tantas.
Sem estorvos que dantes impediram,
as duas mais que todas belas plantas
ali se abraçariam sem ter pejo,
ambas conformes já num só desejo.

Ali faria el-rei acatamento
a quem deixou de Pedro o alto governo,
e ele, conforme a seu merecimento,
responderia com amor paterno.
Não faltaria em tal recebimento
prazer exterior, prazer interno:

inda que nos estados diferentes,
todos seriam uns em ser contentes.

O vento as brancas velas não enchia,
corria o frio Reno antão mais quedo,
antes para Colónia não corria
por não levar as virgens lá tão cedo.
Parece que já claro conhecia,
ó coro virginal, sereno e ledó,
que lá vos esperava a triste morte.
Agora canta, ó Musa, de que sorte.

Aquele que na forma de serpente
deixou os dous primeiros enganados,
envejoso de ver que tanta gente
se convertia à lei dos baptizados,
entrou no coração manhosamente
de dous gentios, príncipes malvados,
príncipes da romã cavalaria,
por encurtar a fé que se estendia;

os quais, como souberam de certeza
que por Colónia a virgem se tornava
com toda a juvenil casta beleza
que por amor do céu peregrinava,
mandaram avisar com grão presteza
a um parente seu, que se chamava
Júlio, capitão dos Hunos feros,
que todos para todas foram Neros.

Eis logo o fero príncipe gentio,
com gente inumerável de seu mando,
a praia vem tomar do mesmo rio
per onde as virgens vinham navegando.
Já descubrem a nau, já o navio
aqueles que estão de alto atalaiando.
Às armas corre logo o bruto povo
polas tingir de novo em sangue novo.

Vindo a frota surgir junto do muro
onde lhe parecia estar segura
(ó virgens, que buscais lugar seguro,
i tendes o da vossa sepultura),
entra com mão armada o povo duro
por meio da peregrina fermosura.
Começam de provar os aços fortes:
eis tudo sangue já, eis tudo mortes.

As virgens ali nu ofereciam
o delicado colo, o tenro peito.
Era, para caber quantas caíam,
a larga praia já lugar estreito.
Os ribeiros de sangue que corriam
já tinham outro mar vermelho feito.
Tu só, Cordula, à morte te escondeste,
mas depois a buscaste e recebeste.

Ali o bom pastor, em Deus constante,
o fim da vida espera sem espanto.
Caiu o rei ali morto diante
daqueles castos olhos que amou tanto.
Espera, brando esposo, um só instante;
espera tua doce esposa, entanto
que outro amor outro golpe lhe prepara,
e juntos entrareis na pátria cara.

Em que guerra, cruéis, em que cidade,
entre que feras gentes desalmadas
se não usou de amor e piedade
com donzelas fermosas desarmadas?
Como beleza tanta e tal idade
vos deixou arrancar vossas espadas?
Ah lobos carniceiros, tigres bravos,
filhos de crueldade, de ira escravos!

De quantos animais sustenta a terra,
jamais tão grão cruieza foi usada;

inda que tenham uns com outros guerra,
nunca do macho a fêmea é maltratada.
Anda a cerva co cervo pela serra,
a vaca vai do touro acompanhada,
do leão não se espanta a leonesa:
vós sós quebrais as leis da natureza.

Puderam outros olhos por ventura
de lágrimas devidas escusar-se
vendo, cobertos já de névoa escura,
a luz de tantos olhos apagar-se?
vendo a vermelha rosa e a neve pura
em tão fermosas faces descorar-se?
as tranças de ouro vendo espedaçadas
por debaixo dos pés andar pisadas?

No meio desta fúria acesa e brava,
o tirano cruel olhos ergueu
à virgem animosa que esforçava
as almas que juntara para o céu.
Assi envolto em sangue como andava
da sua fermosura se venceu,
e com doces razões que amor ensina
vencer a santa virgem determina.

Finge que se arrepende do passado,
arrependeu-se disso mui asinha.
A vida lhe oferece e seu estado,
não vê que estado e vida a perder vinha.
O seu amor lhe pede confiado,
o seu amor, que dado a seu Deus tinha.
O seu amor lhe pede, antes não seu,
que já o dera todo a quem lho deu.

Usa de mil lisonjas, mil enganos,
por conseguir o seu desejo bruto.
«Logra a flor, lhe dizia, dos teus anos;
colhe da tua beleza doce fruto.

Não dê matéria nova a novos danos,
não pagues ainda à morte o seu tributo.
Olha que tens em mi (não são cautelas)
outro reino, outro esposo, outras donzelas.

Não faças mentirosa a natureza
que dá de amor em ti grande esperança.
Que se pode esperar dessa beleza,
se piedade dela não se alcança?
A tigres e leões deixa a braveza,
a estes meus soldados a vingança.
Se por me ver cruel queres ser crua,
já te vingas de mi em cousa tua.

Volve os teus olhos já com mais brandura,
esses olhos de amor doce morada.
Ah, não faça em mi, não, tua fermosura
o que t'ègora fez a minha espada.
Se queres derribar minha ventura
que deles andar vejo pendurada,
acabarei de crer que pouca tenho,
pois onde vim matar a morrer venho.

Como do rogo meu não te aproveitas
quando teu mal a me rogar te obriga?
Ou tu não olhas bem a quem enjeitas,
ou não entendes cousa que te diga.
Em que cuidas, senhora, ou que suspeitas?
Mais próprio era chamar-te dura imiga;
mas não consente amor nome tão duro
em parecer tão brando e tão seguro.

Os raios dos teus olhos mais serenos
enxuguem do teu rosto as puras rosas;
os teus suspiros tristes soem menos
nestas concavidades saudosas.
Não façam grande mal males piquenos,
que não sofre esperanças vagarosas

quem anda costumado em seus amores
a medir por seu gosto seus favores.

Que gosto podes ter de maltratar-me,
vendo-me do que fiz arrependido?
Atenta que mais ganhas com ganhar-me
do que neste destroço tens perdido.
Se queres insistir em desprezar-me,
não sei se sairás bem do partido.
Não me declaro mais, porque não quero
que o medo faça o que de amor espero.»

Ah néscio amador, deixa teu erro!
Não vês quão enganado e cego andas?
Aquele a que não vence o duro ferro,
como a vencerão palavras brandas?
Manda sua alma já deste desterro
com essas que a seu doce esposo mandas.
Não a detenhas mais em vãos amores
se dobrar-lhe não queres suas dores.

Vendo o cruel, enfim, que o que dizia
tomava a bela virgem por afronta,
e que quanto ele mais se oferecia,
ela dele fazia menos conta,
num arco curvo que em sua mão trazia
ũa seta embebeu de aguda ponta:
o peito lhe passou de banda a banda,
e assi rendeu o espirito a virgem branda.

Vai-te, espirito gentil, desta baxeza,
abre tuas asas já, tua luz derrama;
voa com desusada ligeireza
onde teu bem te espera, onde te chama.
De lá verás do mundo a estreiteza,
verás que engana mais a quem mais ama,
e lá do teu amor cá suspirado
o fruto colherás tão desejado.

Em paz te vai, ó alma pura e bela,
mais bela inda no sangue que verteste.
Alegre te vai já gozar daquela
fermosa região alta e celeste.
Coroada de glória imortal, nela
com Cristo reinarás a quem te deste,
com tantas e tão bem nascidas almas,
fermosura do céu, onze mil palmas.

Epigrama

A Santa Clara

Fermosa virgem Clara, inda mais clara
que a luz ante quem foge a noute escura,
virgem em tudo santa, em tudo rara,
espelho de divina fermosura,
teu nome, ó virgem Clara, nos declara
seres pura no corpo e na alma pura,
em sangue clara, clara em vida e morte,
mais clara agora na celeste corte.

Daquela claridade, ó virgem branda,
da qual no céu empíreo estás vestida,
mande, por teu amor, quem tudo manda
um raio na minha alma escurecida,
para que possa ver que em trevas anda
metida nos enganos desta vida,
e volta dê ao céu alumiada,
seguindo por ti, Clara, a clara estrada.

*Às relíquias que D. João de Borja trouxe ao mosteiro de S. Roque de Lisboa dos Padres da Companhia de Jesus*⁷⁹

Soneto

Relíquias santas de almas santas, dinas⁸⁰
da glória que convosco mereceram,
por ferro e pelo fogo que sofreram,
por lágrimas, jejuns e disciplinas,

pois outras almas pias peregrinas
de peregrinas partes vos trouxeram,
repousai nesta enquanto vos esperam
as vossas nas cadeiras cristalinas.

Aqui vos criará o Tejo flores,
de ouro novas areias descobrindo,
fresca verdura o bosque, o vale e a serra.

⁷⁹ Sobre este acontecimento veja-se José Adriano de Freitas Carvalho, «Os recebimentos de relíquias em S. Roque (Lisboa 1588) e em Santa Clara (Coimbra 1595). Relíquias e espiritualidade. E alguma ideologia», *Via Spiritus*, n.º 8, FLUP, 2001, pp. 95-155.

A crónica do recebimento destas relíquias foi publicada pouco depois da sua realização por Manuel de Campos, com o título de *Relaçam do solenne recebimento que se fez em Lisboa às santas relíquias que se levaram à igreja de S. Roque da Companhia de Jesu aos 25 de Janeiro de 1588* (Lisboa, por António Ribeiro, 1588).

Além de Diogo Bernardes, muitos outros poetas participaram nesta celebração, destacando-se os nomes de Pero de Andrade Caminha (o que contribuiu com maior número de poemas), André Falcão de Resende, Fernão Rodrigues Lobo Soropita e Estêvão Rodrigues de Castro, este sob o pseudónimo de António de Ataíde (cf. Estêvão Rodrigues de Castro, *Obras poéticas*, ed. Giacinto Manuppella, Coimbra, 1967, pp. 217-218).

⁸⁰ A 1.ª edição apresenta aqui a forma *dignas*. No entanto, dado que, como indicámos ao expor os critérios de transcrição que adoptámos, as duas formas alternam na obra de modo aleatório, optámos neste caso pela forma exigida pela correspondência rimática. Na versão do poema incluída na *Relaçam do solene recebimento* referida na nota anterior também aparece a forma *dinas*.

Prefumes mandará o Gange e o Indo,
e cantará Lisboa altos louvores
a cujas sois no céu, e a vós na terra.

*Às mesmas relíquias*⁸¹

Soneto

El cielo con la tierra ha contratado,
oh despojos sagrados bien venidos,
que fuesedes muriendo divididos
entre los dos por tiempo limitado.

Él las almas que os dió ha las llevado
a los premios de gloria merecidos,
y a vos, dichosos miembros bien nacidos,
con vuestra madre tierra os ha dejado.

Ella, como hasta aqui os ha tenido,
por os dar la mayor de todo el suelo
a nuestra Lusitania os embia;

mas de creer es que vos la habeis movido,
porque tesoro que se debe al cielo
tal parte de la tierra merecía.

⁸¹ Este soneto, segundo informa a *Relaçam do solene recebimento*, ganhou o prémio atribuído às composições poéticas em castelhano no certame organizado para celebrar o recebimento das relíquias em S. Roque, certame que admitia composições em latim, português, castelhano e italiano. Como se vê pelos poemas aqui incluídos, Diogo Bernardes concorreu com um soneto em cada uma das línguas vulgares.

Às mesmas reliquias

Soneto Italiano

Poi ch'il desio che m'infiamma il core
no può spregar si degne lode e tante,
ó venerande spoglie de le sante
anime a cui il ciel à fatto honore,

che a pieno il mio stil, che langue e more
nel gran soggetto, vi celebre e cante.
Prendete voi da me, divine piante,
il medesimo desir, il caldo amore.

Questo volette voi, questo vi dono,
che degli vostri honori il sacro pondo
cerca piu dotte rime e piu pregiate.

In ciel vi cante il ciel in lietto sono,
in terra, questa (si famosa al mondo)
ch'adesso voi, con voi piu honorate.

*A D. João de Borja que trouxe as relíquias*⁸²

Soneto

Oh venturosas manos que cogistes,
en tierra llena de cizania y espinas,
flores no de la tierra, mas divinas,
y a tan divino templo las trujistes!

No solo en cogerlas merecistes
d'entre yerbas venenosas y malinas,
mas de fama y loor os haze dinas
el saberlas poner do las pusistes.

Que fructo cogereis de tales flores?
Que largo tiempo ya, qu'estrecha suerte
os puede consumir tan gran memoria?

En la vida tan llenas de loores,
sepultadas entr'ellas en la muerte,
en la gloria gozando de su gloria.

⁸² D. Juan de Borja, o generoso ofertante das relíquias à igreja de S. Roque, desempenhou em Portugal funções de embaixador de Filipe II de Espanha desde Dezembro de 1569 até finais de 1575. Era filho de S. Francisco de Borja, antigo duque de Gandía, que veio a ingressar na Companhia de Jeus e chegou a ser seu Superior Geral. A ligação de D. Juan de Borja a Portugal não se reduz, no entanto, às funções diplomáticas aqui exercidas, pois, além de ser filho de mãe portuguesa - D. Leonor de Castro -, casou com D. Francisca de Aragão, dama da rainha D. Catarina. Encontra-se sepultado precisamente na capela-mor da igreja de S. Roque. Segundo escreve o padre Baltasar Teles, «Esta Capela [a capela-mor] deu a Companhia a Dom João de Borja e a sua mulher Dona Francisca de Aragão e a seus herdeiros (...). Deu-lhes a Companhia esta Capela em título de gratidão pelo inestimável tesouro de relíquias que doaram a esta casa de S. Roque» (*Crónica da Companhia de Jesus da Província de Portugal*, Segunda parte, Lisboa, por Paulo Craesbeeck, 1647, pp. 113-114).

A Dona Maria de Vilhena quando se meteu freira

Alma merecedora de mil palmas,
de mil louvores digna, de mil cantos,
um doce amor das bem nascidas almas;

alma que só pudeste romper quantos
laços cá nos detém em prisão dura,
alegria do céu, prazer dos santos;

alma bela, alma branda, casta e pura,
toda cheia de amor, toda amorosa,
vestida doutra nova fermosura;

ah, que direi de ti, alma ditosa,
no mundo exemplo raro de beleza,
agora fora dele mais fermosa?

Ornada de um saber, de ùa grandeza
que soube desprezar em tenra idade
o que no mundo mais se busca e preza,

moveu-te por ventura essa vontade
a vontade do pai, ou te moveu
a força da cruel necessidade?

Quem não verá ser isso amor do céu,
amor daquele Deus crucificado
que para esposa sua te escolheu?

Ah soberano amor bem empregado
em quem o seu amor por amor puro
antes de o mundo ser te tinha dado!

Deixaste, alma fermosa, o vale escuro,
de lágrimas e dores sempre cheio,
tomaste em bravo mar porto seguro,

um direito caminho, um certo meio
para subir à pátria soberana,
onde sem dor se vive e sem receio.

Das aparências vãs da glória humana
a cega vaidade descobriste
que nos leva após si, que nos engana.

Cos olhos da razão dela fugiste,
e doutras cousas mais com que parece
que pode haver prazer na vida triste.

Para ti outro céu já resplandece,
outro sol, outra lûa, outras estrelas,
outras flores a terra te oferece.

Doutras com nova mão novas capelas
de mais suave cheiro dás agora
a teu suave amor, criador delas.

Nessa quietação onde Deus mora,
a ele só te dá, pois te chamou,
a ele canta só, por ele chora.

Com outra do teu nome⁸³, que lavou
com lágrimas os pés de seu Senhor
e com suas tranças de ouro os alimpou;

⁸³ Referência a Maria Madalena, aludindo-se nestas estrofes finais do poema, não só aos episódios evangélicos em que surge esta personagem, mas também ao que, segundo a tradição baseada em evangelhos apócrifos, teria sido a sua penitência nos últimos anos de vida, em que, como escreve Pedro de Ribadeneira, «se retiró a un desierto a llorar de nuevo sus pecados (como si nunca los hubiera llorado) y ocuparse de dia y de noche en la contemplación del Señor» (*Flos Sanctorum*, Parte segunda, Madrid, por Luis Sanchez, 1601, pp. 57-58). Sobre a figura de Madalena penitente, veja-se Maria Isabel Barbeito, «Mujeres eremitas y penitentes. Realidad y ficción», in *Via Spiritus*, n.º 9, FLUP, 2002, pp. 185-215.

com outra a quem da vida o Redentor,
porquanto muito amou, perdoou muito,
que nada nega Deus a muito amor;

com outra que colheu divino fruto,
tão de verdade triste e arrependida
que nunca teve mais o rosto enxu[i]to;

com outra que, na lapa recolhida,
na solidão da serra cavernosa
em amores do céu gastou a vida;

com outra que lá nele gloriosa,
da visão de seu Mestre não se parte,
de quem na terra foi tão saudosa;

com esta tal Maria a melhor parte
por Cristo com raro exemplo escolheste,
que seu amor não saberá negar-te,
pois tu, alma ditosa, o teu lhe deste.

Égloga deploratória
ao Senhor Dom Duarte⁸⁴ no tempo do mal

Príncipe soberano, não vos seja
pesado o pouco meu merecimento,
que se meu baxo verso se despeja,
de vós lhe nace o seu atrevimento,

⁸⁴ Trata-se do filho do infante D. Duarte (um dos filhos do rei D. Manuel) e de D. Isabel de Bragança, duque de Guimarães e condestável do Reino. Foi protector de homens de letras, nomeadamente do poeta Pero de Andrade Caminha (vd. D. António Caetano de Sousa, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo III, Coimbra, Atlântida, 1947, pp. 258-259). Esta égloga foi incluída também em *O Lima* (Écloga XII). Sobre a hipótese de datação deste «tempo do mal», vd. nota 9.

pois não há bom juízo que não veja
que sempre dar favor foi vosso intento
a quantos vão seguindo Apolo e Marte,
dos quais vos coube a vós a melhor parte.

Não tocarei contudo no vedado,
inda que esta verdade me segura
que para vós de mi serdes cantado
bem sei que me negou muito a ventura.
Alcido e Míncio, enquanto o manso gado
pascia a seu sabor pola verdura,
na ribeira do Lima isso cantaram
depois que também isso praticaram.

Correm os nossos tempos de maneira,
antes no mal parece que estão quedos.
Por mais que muda o sol sua carreira,
tantos os males são, tantos os medos,
que não há vale cá nem há ribeira
por onde soem já cantares ledos.
Dos tristes ouvi esses; entretanto
dará o céu matéria a melhor canto.

Alcido – Há tanto tempo já que não cantamos...
Não sei que para mi, ó Míncio, tenha:
parece que grão mal adivinhamos.

Míncio – Inda tu queres que outro mor nos venha?
Merecêmo-lo nós, mas Deus nos guarde,
e sua ira por seu amor detenha.
Não vês tu que tal fogo entre nós arde
que inda não pega bem na choça alheia
quando na sua não há quem mais aguarde?
Depois que se ateou na mor aldeia,
derramando-se foi por cada malha,

e ora aqui, ora acolá se atcia.
Se quem tudo governa não atalha
a mal tão sem remédio, ah triste terra,
quem cuida que te guarda em vão trabalha.
Os pastores mais ricos para a serra
com seu fato e cabana vão fugindo;
no mais seguro cada um se encerra,
sem dó de quantos fica⁸⁵ consumindo,
não digo esta peçonha, a fome digo,
que dela muitos mais estão caindo.
Quem isto vendo está, Alcido amigo,
como queres que cante e viva ledó?
Não consente o temor prazer consigo.

Alcido – Tudo quanto me dizes te concedo,
porém andando triste que aproveitás?
Não havemos nós de ir, ou tarde ou cedo?
Cada um traga as suas contas feitas
consigo, co vizinho e co estranho,
e fale o preto no branco às direitas.
Aquele que juntou grosso rebanho,
mui largas terras, grandes colmeais
(que o muito não se ajunta com bom ganho),
torne a seu dono o seu, doa-lhe mais
a perda da sua alma que a fazenda,
que cá nos fica o gado e os currais.
De siso, não de escárneo, se arrependa
de todo o mal passado e do presente,
e no porvir vigie e ponha emenda.
Satisfazendo em tudo inteiramente,
tenha esperança em Deus, e baile, e cante,
que não dana a ninguém viver contente;
antes, segundo disse um viandante
passando por aqui... ora qual dia?
foi quando casou Gil com Violante.

⁸⁵ Na 1.^a edição lê-se *ficam*, forma verbal cuja correção é imposta pela sintaxe dos versos.

Este mal, que chamou epidímia,
com nojos e tristezas se acrecenta,
e foge de prazer e de alegria.

Míncio – Tu queres que cantemos na tormenta,
como contam que fazem as sereias
quando com maior fúria o mar rebenta?
Os ussos nos destroem as colmeias,
os raposos, que à serra se acolheram,
decem já sem temor pelas aldeias.
Se vem famintos lobos porque esperam
que venham batalhar cos touros fortes,
que será quando sós tal cometeram?
Quanta perda de gado, quantas mortes
de rafeiros fiéis antão veremos!
Milhore o céu em tudo as nossas sortes.
Porém são horas já que nos mudemos
daqui para o abrigo; lá de espaço
nestas e noutras cousas falaremos.

Alcido – Enquanto as vacas vão seu passo a passo
matar a sede no corrente rio
(perdoa se te nisto agravo faço),
a tanger e cantar te desafio.
Não te pareça muito atrevimento,
que também eu de meu saber confio.

Míncio – Antes que tu me tenhas por isento,
ou inda, o que é pior, por tensoeiro,
satisfarei cantando a teu intento.
Porém havemos de deixar primeiro
que o sol nos deixe a nós o triste canto,
que bem triste há-de ser por derradeiro.

Alcido – Nisso e no mais te seguirei enquanto
tua vontade for; podes cantar,
que de cantares tristes não me espanto.
Ora escuta tu, e supre onde eu faltar.

«Se chega, ó Rei do céu, humano rogo
a teus ouvidos, ouve nossos brados:
apaga, por quem és, o vivo fogo
que acendem entre nós nossos pecados.
Farão os teus inimigos de nós jogo
se nos virem de ti desamparados.
Que somos pecadores conhecemos,
mas, inda que tais somos, em ti cremos.»

Míncio – «Lembre-te que de nada nos fizeste
e por teu próprio sangue nos remiste
quando à terra por nós do céu deceste,
quando da terra à cruz por nós subiste.
Destruí os ares maus desta má peste
como com tua morte destruiste
os pecados do mundo e o reino escuro,
rompendo com teu pé seu forte muro.»

Alcido – «Ó Virgem, a quem toda alma suspira,
de quem pede favor e espera ajuda,
abrandai do vosso Filho a justa ira;
volva aos inféis sua espada aguda,
pois nunca a vosso rogo o rosto vira,
pois nunca o vós chamais que não acuda.
Por isso, Virgem, não vos descuideis,
favorecei-nos já, já que podeis.»

Míncio – «Virgem toda fermosa, toda pura,
volvi a Lusitânia olhos beninos;
olhai nossa miséria dessa altura
e logo fugirão ares malinos,
que se este corrupção mais tempo dura,

quem vos pode cantar salmos, quem hinos?
quem visitar os vossos templos santos
com novas flores, com sagrados cantos?»

Alcido – «Ó tu, que por teu Deus foste assetado⁸⁶,
mártir e juntamente cavaleiro,
que do sinal da santa cruz armado
saíste contra o tirano ao terreiro,
se fores lá no céu nosso avogado
como na terra cá és padroeiro
erguendo com teu braço estes maus ares,
de novo te ergueremos mil altares;

Míncio – Onde tuas imagens visitadas
de nós sempre serão com mil ofertas,
de lírios e de rosas coroadas
e de ouro guarnecidas tuas setas,
com mais quieto espírito veneradas
de gentes que ora vês tão inquietas,
primeiro do grão Rei que tem teu nome,
para que o povo dele exemplo tome.»

Alcido – «Pastores que morais no monte santo
por graça do Pastor dos bons pastores
que neste baxo vale amastes tanto
que fostes de tal bem merecedores,
alcance vosso rogo e nosso pranto
outros tempos mais são, ares melhores;
logo sereis de nós mais visitados
nos dias que vos somos obrigados.»

⁸⁶ Súplica a S. Sebastião, habitualmente representado na forma como foi martirizado com o corpo cravado de setas, e considerado pelos fiéis, juntamente com S. Roque, protector contra os males de peste.

Míncio – «Valei-nos em tamanho desamparo
como cá entre nós vedes que vai,
deixando a tenra mãe o filho caro,
desemparrando o filho o velho pai.
Oh de crueza grande exemplo raro!
Oh campos lusitanos, suspirai!
Abri-vos de piedade, pedras duras,
e dai a tantos mortos sepulturas!»

Alcido – Não posso mais cantar, que me cortaram
tanto essas tuas palavras derradeiras,
que as minhas na garganta se pegaram.
Míncio, a vitória é tua, não a queiras
atribuir a quem já tem sabido
que és mestre de cantigas estrangeiras.
E com isto por ora me despido,
que o gado não espera, e já me espera
ó pé daquele outeiro o nosso Alcido.

Míncio – Eu me fora contigo se estivera
algum pastor aqui da minha aldeia
que este gado co seu me recolhera.
Mas porque a noute é grande, a lã é cheia,
lá me tendes convosco; aparelhai
entretanto bom fogo e boa ceia.

Alcido – Descansa e fica embora.

Míncio – Embora vai.

Canção

À morte de D. Ângela⁸⁷

Ângela, que dos anjos rodeada
da terra pera o céu foste voando,
com tão ligeiras asas que em partindo
te viste logo entre eles colocada,
nesses coros celestes descansando
dos trabalhos do mundo e dele rindo,
outros versos cuidei que fosse urdindo
em teu louvor, outro mais doce canto;
mas já que não foi tal minha ventura,
a tua sepultura
banhada seja agora com meu pranto.
E se de lá se abaixam os serenos
olhos, imortais já, podes ver quantas
lágrimas os mortais nossos derramam.
As magoadas vozes com que chamam

⁸⁷ Este poema de Bernardes apresenta escassos elementos para a identificação da senhora cuja morte se pranteia – morre muito jovem, tem irmãs que a choram, viveu nas terras banhadas pelos rios Minho, Lima e Vez, ligam-na laços familiares a ilustre personagem de nome António que vive no Porto («onde recolhe/ o mar o Douro em si») e a quem a poeta oferece esta canção. Tendo em conta as relações literárias e sociais legíveis no conjunto da obra de Diogo Bernardes, pode conjecturar-se com alguma segurança tratar-se de D. Ângela de Noronha, filha de D. João de Lima, visconde de Vila Nova de Cerveira, e de sua mulher D. Inês de Noronha, e sobrinha de António de Sá de Meneses que vivia no Porto e mantinha relações de proximidade com Diogo Bernardes (vd. Luís de Sá Fardilha, *A nobreza das letras: os Sás de Meneses e o Renascimento português*, FLUP, Porto, 2003). Convergem assim nesta D. Ângela de Noronha todos os elementos identificadores constantes do poema, incluindo a referência às suas irmãs, que eram cinco, todas elas religiosas (vd. Cristóvão Alão de Moraes, *Pedatura Lusitana*, tomo I, vol. 1.º, Porto, 1943, p. 437). Sobre a identificação desta senhora, a cuja morte também António Ferreira dedicou alguns poemas, veja-se ainda José da Silva Terra, «António Ferreira e António de Sá de Meneses», in *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes*, tomes 35-36, 1974-75, pp. 13-63.

em vão teu brando nome, que são tantas
quantas não sei dizer, escuita ao menos.
Ah natureza, quanto tens de menos!
Partiu-se o teu tesouro, ficas pobre:
a melhor parte o céu, terra a outra cobre.

Formaste com grão destreza e longo estudo
ũa figura tal que poucas viu
o sol mais pera ver em qualquer parte,
com tanta perfeição que tinha tudo
(por dom do céu, onde ela já subiu)
quanto cá raramente se reparte,
sendo por cima disto a menos parte
(de muitas que louvar nela podia)
a sua fermosura, que foi tal
que logo deu sinal
que o céu e não a terra a merecia.
Enfim, veio de lá, lá se tornou.
Tornou ao que esperava com presteza;
de nos deixar assi tu tens a culpa.
Tamanha perfeição ao céu desculpa:
levar o que era seu não foi crueza.
Mas ah, que me dirás, cedo a levou!
Mui pobre e triste asinha me deixou!
Verdade é; mas em que lei se encerra
que largo tempo estê um anjo em terra?

Contudo não sei olhos que te viram
que possam ver-se enxutos não te vendo,
inda que de cá vissem teu bem certo.
Os prazeres da vida se partiram,
ó Ângela, contigo, aborrecendo
o mundo que sem ti é um deserto.
Ah esperanças vãs! Ah fim incerto
daquele que vos crê, pois quanto espera
em largo tempo, em breve espaço perde!
De vida que tão verde
cortada foi, quem reçar pudera

que tão asinha lhe fosse a morte dura?
Dura connosco foi, branda contigo,
pois que por meio seu, ó felice alma,
triunfas entre aquelas que de palma,
vitoriosas já do duro imigo,
coroou sua virtude e vida pura,
onde, vestida de outra fermosura,
te mostras bela mais quanto mais val
sempiterna beleza que mortal.

Podia, a cuidar nisto, ser defeso
sobejo choro do triste sentimento
a que nos leva a dor do que nos falta,
senão que o mortal nosso grave peso
não deixa alçar-se tanto o pensamento
que possa compreender cousa tão alta;
logo desta lembrança noutra salta
que lágrimas nos pede e é causa delas.
Alma que de esperanças nos enchias,
deixaste-nos os dias
tristes, sem lũa a noite e sem estrelas,
as fontes sem correr, mudas as aves,
das ervas e de flores nus os prados;
de folha o bosque mais não se cobriu,
o Lima pera trás tornar se viu
derramando queixumes magoados
com voz já rouca, com acentos graves.
Alma que no céu vives, não te agraves
de ser chorada cá, que a mágoa esquiva
tal força tem que de razão nos priva.

Isto dizem chorando Minho e Douro,
isto o triste Lima diz chorando,
e o teu amado Vez com dor se esconde.
Rompem com mão de neve os laços de ouro
as suas brandas ninfas suspirando,
em vão dizendo a quem lhes não responde:
«Ó Ângela, onde te foste? Ângela, onde

dos teus olhos se mostrou a claridade?
Onde da voz suave o doce soa?»
Se morte não perdoa
à virtude, à beleza, à tenra idade,
onde irás, esperança, que não caias?
Ai, teia começada, anos floridos,
as mãos que tão asinha vos cortaram
a quantos fundamentos atalharam?
Em ciprestes escuros convertidos
são já os verdes louros destas praias,
sem sombra, sem verdura olmos e faias.
E nós sempre sem ti tristes seremos;
o céu te cantará, nós chorar-te-emos.

Como sôbello Pó as piadosas
irmãs⁸⁸, agora em plantas convertidas,
o morto irmão choraram longamente,
assi as tuas, tristes e queixosas,
por ti derramam lágrimas vãmente,
as quais em si recolhe amigamente
Mondego, claro rio, cujas águas
turvas com tal mistura agora crecem
e vagarosas decem,
ouvindo com grão mágoa as suas mágoas.
Os brutos animais, as pedras duras,
chorando pode ser que abrandareis:
a surda morte não, ah irmãs tristes!
Essa que vós chorais, que nunca vistes
na terra cá, no céu inda a vereis
com outros olhos, de chorar seguros.

⁸⁸ Estas «piadosas irmãs, agora em plantas convertidas» são as He-líades, irmãs de Faetonte, que nas margens do rio Pó choraram longamente o irmão ali precipitado por Zeus por ter conduzido de forma catastrófica o carro do Sol. Foram transformadas em choupos, e as suas lágrimas em gotas de âmbar (Pierre Grimal, *Dicionário de mitologia grega e romana*, 2.^a ed., Lisboa, Difel, 1992, p. 201).

E tu, espírito puro, que entre puros
espíritos lá repousas em paz e em glória,
de nós que te choramos tem memória.

Canção, em vivas lágrimas nascida,
nelas banhada vai onde recolhe
o mar o Douro em si, que lá te mando.
Vai triste e mal composta; ninguém te olhe
até seres de António recebida.
A pedra buscarás, depois de lida,
que os ossos cobre que Ângela regia.
I chora a noite triste, i chora o dia.

Epitáfio à sua sepultura⁸⁹

Os olhos onde o casto amor ardia,
ledo de se ver neles abrasado,
o rosto onde com termo desusado
vermelha rosa sobre neve abria,

o cabelo que enveja ao sol fazia,
porque fazia o seu menos dourado,
a branca mão, o corpo bem formado,
tudo se torna aqui em terra fria.

⁸⁹ Este soneto foi por Faria e Sousa atribuído a Camões (*Rimas varias de Luis de Camoens comentadas por Manuel de Faria e Sousa*, Primera parte, Centuria II, soneto 86). No *Cancioneiro Fernandes Tomás* (fol. 160r) aparece atribuído a Estevoão Roiz (Estêvão Rodrigues de Castro), mas a versão ali incluída apresenta numerosas variantes em relação a esta.

Sobre este soneto (ocorrências, atribuições de autoria e variantes), veja-se a obra *Sonetos de Camões. Corpus dos sonetos camonianos*. Edição e notas por Cleonice Serôa da Mota Berardinelli. Braga, Barbosa & Xavier, 1980, pp. 295 e 598-599.

Perfeita fermosura em tenra idade,
como flor que sem tempo foi colhida,
aqui fechou a morte surda e dura⁹⁰.

Como não morre amor de piedade,
não dela, que passou a melhor vida,
de si, pois o deixou em noite escura?

*Ao estandarte que levou El-rei na jornada de África, no qual
ia Cristo crucificado*

Soneto

Pois armar-se por Cristo não duvida
Sebastião, grão rei de Portugal,
e o leva por guia no sinal
de nossa redenção, de eterna vida,

deixar não podes de te ver vencida,
África, a tal força, a insígnia tal,
inda que por Anteu e Anibal
fosses, como mãe sua, defendida.

Se não queres sentir com novo dano
a perda que inda em ti Cartago chora,
de um aceita o governo e doutro a lei,

que pois o valor nobre lusitano
foi sempre vencedor, que fará agora
diante de tal Deus e de tal rei?

⁹⁰ Na edição original lê-se «aqui se fechou a morte surda e dura». Suprimimos a forma pronominal reflexa, cuja presença constitui uma incorrecção tanto do ponto de vista prosódico como semântico.

Elegia I

Estando cativo

Eu, que livre cantei ao som das águas
do saudoso, brando e claro Lima
ora gostos de amor, outra hora mágoas,

agora, ao som do ferro que lastima
o descoberto pé, choro cativo
onde choro não val nem amor se estima.

Cuido que me deixou a morte vivo
vendo que não chegava seu tormento
a tormento tamanho e tão esquivo.

Acabando co'a vida o sentimento,
ficaras escondido, ó dia triste,
nas turvas águas do esquecimento.

Ó sol, como tua luz não encobriste
quando do real sangue lusitano
as ervas que secaste húmidas viste?

Qual líbico leão, qual tigre hircano
negara desusada piedade
a lástima tamanha, a tanto dano?

Não te valeu, ó Rei, a tenra idade,
não te valeu esforço nem destreza,
não te valeu suprema majestade.

Das armas a provada fortaleza
poderosa não foi pera guardar-te
da mão de fogo armada e de crueza.

Conjurou contra ti o fero Marte
vendo que sua fama escurecias
se vencedor ficavas desta parte.

Acabou juntamente com teus dias
do lusitano reino a segurança
que tu estender tanto pretendias.

Dos teus, na tua incerta confiança,
qual te desenganou senão do imigo
o pelouro mortal, o alfange, a lança?

Cobriam com teu gosto o teu perigo,
estando teu perigo já tão claro,
a fim de não valer menos contigo.

Fosse quem quer que fosse (ah peito avaro!),
a tua pretensão em ar desfeita
bom fora que a ti só custara caro.

Diante de juiz que não aceita
ser nas palavras um, outro no peito,
darás, se já não deste, conta estreita.

Esquecido do justo e são respeito,
deixaste cometer à sorte leve
o proveito comum por teu proveito.

Do inocente Abel exclaimar deve
o sangue em terra imiga derramado
contra quem lhe incurtou vida tão breve.

Se foras com bom zelo aconselhado,
não vieras com poucos buscar tantos,
ó Rei por nosso mal tão esforçado.

Ó cego intendmento, em vez de quantos
troféus nesta impresa prometeste,
que vimos senão mortes, senão prantos?

Não só prodigamente enriqueceste
com despojos reais o pobre mouro,
mas inda nossa fama escureceste.

Os que pretendem palma e os que louro
na batalha cruel, feia, sangrenta,
com ferro se guarnecem, não com ouro.

A vista do que tanto nos contenta,
a pérola e a pedra reluzente,
as forças dos imigos acrecenta.

A riqueza vencida em Oriente
veio num dia só, por vária sorte,
a vencer cá a vencedora gente.

Caiu o fraco ali junto do forte,
não houve de alto a baixo diferença,
a todos igualou a dura morte.

Logo como do céu teve licença,
sem esperar mais termo natural
cumpriu a cada um sua sentença.

Ó ilustre valor de Portugal,
quem podia cuidar perda tamanha?
A quem não abrangeu tamanho mal?

No grão campo que o turvo Lucuz banha,
o ar vos deixam só por cobertura,
que não vos quis cobrir a terra estranha.

E ainda, por ser mor a desventura,
as feras e as aves carniceiras
vos deram em seus ventres sepultura.

Mas vós, espíritos puros, nas cadeiras
da glória merecida a que subistes,
dá-vos pouco das honras derradeiras.

Não tendes que temer sucessos tristes
a que vos obrigava a humana lei
estando na prisão de que saístes.

Ó amigos, com quem me aventurei,
com quem fui sem ventura aventureiro,
sempre, pois vos perdi, triste serei.

Sendo no fero assalto companheiro,
a vós pôs-vos no céu o fim da guerra,
a mim em miserável cativo.

Bem vedes qual o passo nesta serra,
inda que não é justo que vejais
terra que vos negou tão pouca terra;

terra que, quanto nela choro mais,
tanto mais com meu choro se endurece,
e menos move a dor seus naturais.

Tudo o que nela vejo me entristece,
triste me deixa o sol em transmontando,
triste me torna a ver quando amanhece.

Sempre com humor triste estou banhando
o pé deste soberbo alto rochedo
que minha dor está acrecentando.

Dor tenho de o ver sempre estar quedo,
de ver correr as águas tenho inveja,
porque podem no mar entrar mais cedo.

E por que minha dor muito mor seja,
a vista me detém daquela banda
que tanto esta alma triste ver deseja.

Com suspiros que lá contino manda
noutra parte abrandara bravas feras,
aqui peitos humanos não abrandam.

Ah desventura minha, se quiseras
já desviar de mi tua crueldade,
na terra onde naci morte me deras;

não entre fera gente, em tal idade
que sem afronta minha me obrigava
a viver em sossego e liberdade.

A pátria, a quem divido louvor dava,
por ti me foi contraira e odiosa,
tanto que dela já me desterrava.

Mas nunca deixará de ser fermosa
no meu atribulado pensamento
a ribeira do Lima saudosa.

Não causará em mi esquecimento,
inda que tem virtude de esquecer,
o seu brando e suave movimento.

E se por dom do céu tornar a ver
a sua verde relva e branca areia,
livre, que ledó já não pode ser,

da batalha cruel, da morte feia,
darei em triste carne larga cópia,
chorando com tal dor a dor alheia
como cativo choro a minha própria.

Elegia II

Sobre um alto rochedo em Berberia
o sem ventura Alcido se sentava
quando o cruel senhor lho consentia.

Ali, se o fraco corpo repousava,
o trabalho do seu cansado esprito
naquele vão repouso se dobrava.

Em suspiros envolto, choro e grito,
soltava pelos ares estrangeiros
o mal que na sua alma estava escrito.

A vista dos frutíferos outeiros,
dos cristalinos lagos e das fontes
fazia dos seus olhos dous ribeiros.

Lembravam-lhe outros vales, outros montes,
outras águas mais claras, outros rios,
outros mais afastados horizontes.

Lembravam-lhe outros bosques mais sombrios,
verdes no frio inverno e abrigados,
e quando o sol mais arde, antão mais frios.

Lembravam-lhe outros mais floridos prados,
outros ares mais leves, mais suaves,
à vida humana mais acomodados.

Lembravam-lhe outras feras, outras aves,
outras ervas e flores, outras plantas,
e outros pensamentos menos graves.

Enfim que suas mágoas eram tantas
quantas naquela parte as causas⁹¹ eram,
que de muitas não posso dizer quantas.

Um dia que mais largo espaço deram
os vis trabalhos seus a seus queixumes,
os ecos com som novo responderam.

Os ásperos, incultos, altos cumes,
não de nocivas feras habitados,
mas de gente de mais feros costumes,

e os vales inda a penas cultivados
mostraram desusado sentimento,
os acentos ouvindo desusados.

⁹¹ Na primeira edição encontramos a palavra *cousas*, que não parece ser adequada ao sentido do verso.

«Se lá onde amor leva o pensamento,
tristes suspiros (disse), vos levasse
algun mais amoroso e brando vento,

não sinto coração que vos negasse
amor e saudade, e que comigo
inda que de tão longe não chorasse.

Mas deste alpestre monte, duro imigo,
onde ninguém de mi se move a mágoa,
o vento não vos quer levar consigo.

Pelas concavidades desta frágoa
sereis confusamente repetidos
enquanto a dor tirar dos olhos água.

Quantos longe daqui tenho perdidos
foram, inda que tristes, venturosos
por serem, quando menos, entendidos.

Nos antros doutros montes cavernosos,
em peitos onde nunca entrou brandura
moveram mil efeitos amorosos.

Ah vida, no melhor menos segura,
quem podia cuidar, quando cantava
de Sílvia a peregrina fermosura,

quando da prisão da alma me aqueixava,
que já divina mão cá nesta parte
estes pesado ferros me forjava!

Mas pouca razão tenho de culpar-te,
porque sendo de Febo e de Cupido,
um e outro deixei por seguir Marte.

Não choro, quanto a mi, ver-me perdido:
choro que vi perder em breve espaço
um rei tão belicoso e tão temido.

Na ventura lhe foi o céu escasso,
tanto quanto em esforço liberal,
o que bem nos mostrou seu forte braço,

que nunca Cipião, nunca Anibal
fezeram nos imigos tal estrago.
Mas, enfim, contra mil um só que val?

Vendo a morte que dava justo pago
a quem chegar-lhe perto não receia,
inviou-lhe de longe o mortal trago.

Caiu na rubicunda e ardente areia
o lusitano rei, e a língua fria
deu o final suspiro em terra alheia.

Vai-te, animoso espirito, à companhia
doutros que por ti já no céu esperam;
vai-te à vida melhor, o melhor dia.

As asas que da fama se estenderam
teu nome espalharão pelo universo,
como teus pensamentos pretenderam.

Eu, triste e só nos montes que converso,
enquanto me durar a vida breve,
a ti darei meu pranto, a ti meu verso.

E não aliviará o tempo leve
a pesada tristeza em que me vejo,
que se pode ser mor, mor se te deve.

Ah triste rio Lima, ah triste Tejo,
quem vos tivera dentro no meu peito
para poder chorar quanto desejo!

Que, posto que me tem a mágoa feito
de lágrimas amargas viva fonte,
mais lágrimas me pede tal sujeito.

E tu, que só me escuitas, duro monte,
se brando espirito algum dentro em ti mora,
em pálida converte a verde fronte.

Ai triste Lusitânia, triste chora,
que nunca para choro eterno e triste
tanta causa teveste como agora.

Aquele que com lágrimas pediste
quando tão duramente a tenra vida
do príncipe seu pai cortada viste,

agora nesta sua despedida
de lágrimas te quis deixar herdeira,
ou inda a pior mal oferecida.

Mas o céu o permita de maneira
que do teu rico ceptro soberano
se conserve a potência sempre inteira.

Ah jornada infelice, ah cego engano,
deixar tão rica terra, ir a desterrros
por livrar de um tirano outro tirano!

Ambos imigos nossos, ambos perros,
ambos desprezadores da cruz santa,
ambos tinham um culto, ambos mil erros.

Quem põe os olhos nisto não se espanta
de permitir o céu castigo tanto
a descuido tamanho, a culpa tanta.

Dia cheio de dor, cheio de espanto,
enquanto o sol der luz, verdura os prados,
celebrado serás com triste pranto.

Morrestes, cavaleiros esforçados,
daquela multidão de bruta gente
vencidos não, mas de vencer cansados.

Soará vossa fama eternamente
da cálida Etiópia ao Norte frio,
e donde o sol nos nace até Ponente.

O mar não tomará corrente rio
que de choro não leve o vaso cheio
sendo do lusitano senhorio.

Detém-se em seu materno tenro seio
as flores e as rosas encerradas
com dor de quanto mal às ninfas veio.

As que são a Diana dedicadas
e as que de Juno guardam os preceitos
de cá as vejo andar como pasmadas.

Ferem com branca mão os tenros peitos
descompondo suas tranças de ouro fino,
seus olhos em mil lágrimas desfeitos.

Rompem o céu sereno e cristalino
os suspiros mortais que a saudade
arranca de sua alma de contino.

O filho que perdeu na flor da idade
a magoada mãe suspira e chama,
movendo tudo em vão a piedade.

Por seu amado pai mágoas derrama
a inocente moça, em cuja vida
a sua consistia, e honra, e fama.

E tu, do teu amor já desunida,
ó tristíssima esposa, como e quando
a ti mesma serás restituída?

O teu espírito triste vai voando
após do que se vai do esposo caro,
do corpo, que frio deixa, descuidando.

O sol, que nunca foi de luz avaro,
porque se vê de vós aborrecido
não amanhece já fermoso e claro.

O Tejo chora o seu valor perdido,
o doce cristal seu corrente e puro
em turvo e amargoso convertido.

Ah vida, onde não há gosto seguro,
quem menos de ti foge entende menos
quão pouco claro tens e quanto escuro!

Muito mais tempo duram nos amenos
e solitários vales tenras flores
do que duram em ti dias serenos.

És fonte de miséria, mar de dores,
abismo de tristeza e de cuidados;
a quem dás mais de ti dás penas mores.

Mas sinto roucos já, sinto cansados
os ecos de me ouvir e responder
com seus acentos tristes mal formados.

E vejo (o que fará por me não ver)
que vai traspondo aquelas altas frágoas
o sol para nas ondas se esconder;

o que me força a dar já trégua às mágoas,
tornando à prisão dura antes que Febo
de todo apague sua luz nas águas.

Forçado tornarei onde concebo
de novo novas queixas, novos gritos,
onde com pão de dor lágrimas bebo.

Por isso, felicíssimos espíritos,
em cuja vida vida e gosto tinha,
vos deixo para mais altos escritos.

Mas por que não acabe tão asinha
esta elegia triste sem ventura,
mais sem ventura e triste por ser minha,

primeiro que se cerre a noute escura
escrita a deixarei, antes cortada
com duro ferro nesta rocha dura.

Que pois não tem firmeza o tempo em nada,
morrendo em tão cruel e estranha terra
da minha natural tão apartada,

aqui pode trazer quem desta serra
a leve a Lusitânia, vencedor
doutra mais para nós felice guerra;

onde com mágoa tal, com tal amor
de tantos tristes olhos será lida,
que baste a renovar tamanha dor,
se já tamanha dor for esquecida.»

Sextina

Cansados tenho já com largo pranto
estes, a que vim ter, estranhos montes,
depois daquele triste e mortal dia
em que com mortal dor viram meus olhos
por meio dos ardentes secos campos
correr de puro sangue grandes rios.

Primeiro faltará água nos rios
e a dor não será causa do pranto
que tire da lembrança aqueles campos
onde de mortos vi fazerem montes,
onde cerrou a morte tantos olhos
para nunca ver mais a luz do dia.

Com dó do grande mal daquele dia
tornaram para trás turvos os rios,
escondeu a manhã seus claros olhos,
soaram pelo ar vozes de pranto,
abalou o temor os altos montes
e pálidos deixou os verdes campos.

Não nadem tantas ervas pelos campos
como mágoas causou aquele dia:
nos vales, nos outeiros e nos montes
abriu a comum dor correntes rios
de triste, lagrimoso, eterno pranto
em tantos tristes peitos, tristes olhos.

Quando descansareis, cansados olhos,
na vista doutros mais alegres campos?
Quando, para que abrande⁹² vosso pranto,
nacerá para vós um melhor dia?
Quando vereis o Lima e outros rios
desabafados, livres destes montes?

O bravo mar em meio, os altos montes
da terra onde primeiro abri os olhos,
tantos bosques desertos, tantos rios
me fazem imaginar que nestes campos,
antes que para mim venha tal dia,
consumirei a vida em triste pranto.

Naceram os meus olhos para pranto:
testemunhas me são campos e montes
dos rios que derramo noite e dia.

⁹² Corrigiu-se a forma *abrandada* que ocorre no original.

Soneto

Sobre um corrente lago na verdura
estava o triste Alcido reclinado,
o pé com duro ferro magoado,
o espírito com mágoa inda mais dura.

«Envolve tuas águas, fonte pura
(dezia com som já debilitado);
já que me tem a dor desfigurado,
não veja mais em ti minha figura.

Crece com nova dor minha tristeza
vendo que teve em mi força tamanha
que pode muito mais que a natureza.

E teu puro licor, que estas cãs banha,
mostra, por me ver triste, mor tristeza:
tanto val um cativo em terra estranha!

Soneto

Os meus alegres, venturosos dias⁹³
passaram como raios brevemente;
movem-se os tristes mais pesadamente
após das fugitivas alegrias.

⁹³ Faria e Sousa, na sua edição comentada das *Rimas varias de Luis de Camoens* (Primeira parte, centúria II, soneto 79), considera este soneto de inegável autoria camoniana, acusando Diogo Bernardes, como faz tantas vezes ao longo da obra, de se ter indevidamente apropriado dele: «Este soneto (...) osó Diego Bernardes publicar por suyo» (p. 287).

Sobre a atribuição de autoria camoniana a este poema, vd. *Sonetos de Camões. Corpus dos sonetos camonianos*. Edição e notas por Cleonice Serôa da Mota Berardinelli. Braga, Barbosa & Xavier, 1980, pp. 292 e 598.

Ah falsas pretensões, vãs fantasias,
que me podeis já dar que me contente?
Já de meu triste peito o fogo ardente
o tempo converteu em cinzas frias.

Nelas envolvo agora erros passados
(que outro fruto não deu a mocidade),
a quem vergonha e dor minha alma deve.

Envolvo mais, de toda a mais idade,
desejos vãos, vãos choros, vãos cuidados,
para que tudo leve o vento leve.

Soneto

a um seu pintassirgo

Pequenino cantor, grande em estima,
que com alegre voz, vária harmonia,
derramas sem cansar o mais do dia
com gosto de quem te ouve, serve e amima;

teus versos naturais, tua doce rima,
que teu distinto⁹⁴ a teu Criador guia,
me fazem lembrar dos que soía
doudamente cantar ao som do Lima.

Agora (o que de mim não imaginas)
corrido estou da minha vaidade,
vendo quanto mais alto te levantas.

Mas folgo que me venças, pois me ensinas;
e faz-me confessar esta verdade
ver que o mundo cantei, ver que a Deus cantas.

⁹⁴ A palavra *distinto* não se encontra dicionarizada como substantivo. Supomos tratar-se aqui de corruptela da palavra *instinto*.

Endechas

Alma minha, ó alma
de ti esquecida,
porque dás à vida
de ti mesma a palma?

Ela te maltrata,
tu trás ela corres.
Porque tanto morres
pelo que te mata?

Quanto se deseja,
quanto se procura,
dou-lhe que se veja,
que val ou que dura?

Não sei donde vem
desconcerto tal,
trocar certo bem
por mui certo mal.

Vã opinião,
antes nescidade,
seguir a vontade,
fugir da razão.

Desordens ordena,
desejos modera,
olha que te espera
o prémio ou a pena.

Não dês, alma triste,
contigo a través;
cuida no que viste,
cuida no que vês.

Vão e vem os anos,
trazem novo dano,
sempre de um engano
necem mil enganãos.

Andas rodeada
de imigos mortais,
deles descuidada,
de ti muito mais.

Alma, em que te fias?
Sobre que descansas?
Nas asas dos dias
voam esperanças.

Os contentamentos
que tarde vieram
nas penas dos ventos
desapareceram.

Das mágoas levaram
as asas consigo;
estas não voaram,
ficaram comigo.

De vida que foge
o fugir segura;
no berço inda hoje,
já na sepultura.

A morte faz guerra
a rico e a pobre;
todos somos terra,
todos terra cobre.

Por mil vias imos
após mil enganãos,

quando nos sentimos
não tem cura os danos.

Cuida, ó alma, cuida
que será de ti.
Quem de si descuida,
que cuida de si?

Pera teu aviso
pinta na memória
a morte, o juízo,
a pena e glória.

Põe olhos no céu,
não canses de olhar
quem de lá deceu
por te lá levar.

Outras

Nesta vida escassa
todo bem se nega;
quando acaso chega,
como raio passa.

Vão e vem os dias,
as noites também;
se vão nunca vem
firmes alegrias.

Cansam-me lembranças
de cousas passadas,
horas mal gastadas
em vãs esperanças.

Lágrimas sem fruto,
fruto de amor louco,

valeste-me pouco,
custaste-me muito.

De espíritos cativos
me vi já cativo,
entre mortos vivo,
e morto entre vivos.

Posto em liberdade
me vi mais perdido,
outra vez metido
nas mãos da vontade.

Se não me socorre
divino favor,
de mim o melhor
grande risco corre.

Outras

Grandes esperanças
tem grandes desvios;
grandes senhorios,
certas as mudanças.

Anda mui vezinha
a queda à subida;
os gostos da vida
passam mui asinha.

Nas torres mais altas
mais combate o vento;
o falar sem tento
descobre mil faltas.

Ninguém se contenta
da sua ventura;

onde irá segura
a nau com tormenta?

O que subiu muito
mais subir deseja;
sempre deu inveja
amargoso fruto.

O cego interesse
desfaz amizades;
nas prosperidades
a soberba crece.

O curso dos anos
descobre a verdade;
a necessidade
é mestra de enganos.

Quem cuida que engana
acha-se enganado;
néscio confiado
a si mesmo dana.

O soberbo pobre
é cousa de riso;
não é muito aviso
dar ouro por cobre.

Do que pouco tem
ninguém tem memória;
soberba e vanglória
não conjuntam bem.

Elegia

*À morte do Príncipe D. João*⁹⁵

Si la causa del lloro te lastima
debajo de esas aguas cristalinas,
levanta tu cabeza, patrio Lima.

Deja el muscoso lecho a do reclinas
en el ardiente estio el lado diestro,
pára, si no reposas y caminas,

y llora de Lusitania el siniestro
suceso suyo, lloren sol y luna
en la muerte del gran principe nuestro.

Rompe tus blancas canas con la una
de tus manos, con la otra hiere el pecho,
de ti no hayas piedad ninguna.

No pagues al océano su derecho
en liquido cristal qual siempre hiciste,
que no está del usado satisfecho.

No recibe en su vaso do saliste
las aguas claras, sino turbio lloro,
despues del caso lastimoso y triste.

Lagrimas lleva que no arenas de oro
el Tajo, dulce ya, amargo ahora,
perdió ya su sabor, ya su tesoro.

Llora el Duero que en mas aguas mora,
llora Mondego, y el Neiva tu vecino
con mas pequeño ser menos no llora.

⁹⁵ A morte do príncipe D. João, pai de D. Sebastião, foi pranteada por todos os poetas portugueses do tempo. Diogo Bernardes dedicou a este lutuoso acontecimento, além desta elegia, também a écloga «Adonis», a primeira de *O Lima*.

Sus ninfas dan al cielo cristalino
querellas con dolor, con poco tiento,
messando sus cabellos de oro fino.

Muestra pues, dulce Lima, el sentimiento
devido a tan gran dano, no te escondas,
que parte tienes nel comum tormento.

Con blando murmurar no me respondas,
sino con ronca voz, triste y llorosa,
convertidas en lagrimas tus ondas.

Marchite en tu ribera deleitosa
las tiernas flores el invierno frio,
no se remire en ti lirio ni rosa.

El cielo negue al prado su rocio,
la primavera al bosque su verdura,
no sea verde mas ni mas sombrío.

Aqui no canten aves con dulzura,
sus cantos sean quejas, gritos sean,
aqui la luz del sol se muestre escura.

Aqui hermosas ninfas jamás vean
los versos que de amor las plantas tienen,
mas otros de dolor escritos lean.

Los vientos tus arenas desordenen
y por el aire vuelen con furor,
aullidos de las fieras tristes suenen.

Salgan ya de tu seno sin temor
los mudos peces a la seca orilla,
y de volver se olviden con dolor.

Sin fin sea tu pena y tu manzilla,
la mudanza del tiempo nunca pueda
en diferente especie convertirla.

Aquella leviana, instable rueda
de fortuna cruel, nuestra enemiga,
en nuestra desventura firme queda.

No puede ya, por mas que nos persiga,
acrecentar mal nuevo a mal tamaño,
ni menos aliviar nuestra fatiga.

Tan miserable caso, tan gran daño
dejarse de llorar no lo consiente
la razón que nos muestra el desengaño.

Por lo qual, Lima, de tu clara fuente
tristes y eternas lagrimas derrama,
no dejes de sentir el mal que siente
quien desea a tu nombre inmortal fama.

Elegia

à morte de el-rei D. João III

Pois não tenho palavras com que possa
mostrar a minha dor na dor presente
a que todos podemos chamar nossa,

rasga-te, peito triste, veja a gente
a mágoa triste que minha alma encobre,
no comum dano quanto dano sente.

Ah lusitano Reino, antigo e nobre,
quem te verá que não chore contigo,
sendo tão rico ver-te já tão pobre!

Veio morte cruel, levou consigo
o grande rei João, teu rei, rei santo,
teu piedoso pai, teu bom amigo.

Ah musas, inspirai neste meu pranto
tão magoado som, versos tão tristes,
que o sol se cubra de um escuro manto.

Eu sempre vos chamei, sempre me ouvistes;
agora não me ouvís, já vos mudastes,
a mágoa vos levou, dela fugistes.

Se ao vosso alto Parnaso vos tornastes,
de lá chorai comigo, ou só[s] chorai;
chorai tal dor, que tal nunca a chorastes.

Tantas lágrimas, musas, derramai
que a vossa clara fonte se escureça,
as ervas com as flores arrancai.

Sequem-se vossas plantas, nunca creça
de novo novo mirto ou novo louro
de que fresca capela Febo teça.

Tejo, Mondego, Neiva, Lima e Douro
de lágrimas ao mar tributo levem,
não de águas claras, não de areias de ouro.

Como pais piedosos sentir devem
a perda de seus filhos, que por certo
não podia ser mor do que a recebem.

No povoado as gentes, no deserto
as feras mais cruéis, as pedras duras
chorem tamanho mal ao longe, ao perto.

Deixai, vales sombrios, as verduras,
e vós, alegres campos, erva e flores,
as estrelas no céu mostrem-se escuras.

Perdei, lírios e rosas, cheiro e cores,
envolvi vossas águas, fontes claras,
tudo seja tristeza, tudo dores.

Mas, crua irmã das três, se tu olharas
que não teceste lá tão rica teia,
tão cedo os fios dela não cortaras.

Ah, saia dos meus olhos viva veia
de pranto triste; do meu peito saiam
tantos suspiros que esta dor se creia.

Que espritos há tão fortes que não caiam
a golpe tão cruel qual receberam?
Quais são os corações que não desmaiam?

Agora se vê bem quão grandes eram
os nossos incobertos malefícios,
pois tamanho castigo mereceram.

Ingrato Reino a quantos benefícios
do céu tens recebido, Reino triste,
deixa teus erros já, chora teus vícios.

Chora, mísero Reino, pois caíste
por teus pecados de tamanha alteza
em que tão pouco há posto te viste.

Contigo chore tua grão tristeza
o mundo todo, que tal perda traz
mui grande perda a toda a redondeza.

Onde achará emparo a santa paz,
pois o pilar em que se sustentava
é já quebrado, já por terra jaz?

A direita justiça que reinava,
ó grão João, em teu peito, onde agora
irá buscar quem tanto a venerava?

Chora, mísero Reino, triste chora;
chora, pois te levou sem resistência
morte todo teu bem numa só hora:

a pura fortaleza, a grão clemência,
a mansidão, a liberalidade,
e sobretudo em tudo a grão prudência.

Em tanta alteza tanta humildade
em qual alma se viu (alguém mo diga),
ou nesta nossa ou já na antiga idade?

Chora, mísero Reino, que te obriga
a chorar de contino a pena grave
com que quem tudo rege te castiga.

Terra que te perdeu ao céu se agrave,
que por te ver em si, Rei piedoso,
da tua vida à morte deu a chave.

Lá com seu Criador o glorioso
espírito teu já reina em paz e glória;
os tristes somos nós, mas tu ditoso.

Deixaste de teus feitos tal história,
do claro nome teu nome tão claro,
que de ti nunca faltará memória.

Nunca triunfará o tempo avaro
da tua clara fama, por que seja
de quantos reis houver exemplo raro.

O que na terra reina, o que deseja
depois de sua morte ao céu subir,
governe-se por ti, por ti se reja.

Oh quanto acertará o que seguir
o caminho por ti abalizado,
sem embicar jamais, jamais cair!

Tu foste um novo sol ao mundo dado,
resplandecente tanto em tantas partes,
que tudo nos deixaste alumiado.

As boas letras digo, as boas artes,
a santíssima fé de que eras muro,
com a qual abraçado de cá partes.

Quantos milhares de almas do escuro
lago de perdição tornou à luz
do teu ardente zelo o raio puro?

Quantos adoram hoje a santa cruz
que se por ti não fora a perseguiram
onde mais arde o sol, onde mais luz?

Em qual parte do mundo não se viram
as tuas reais quinas levantadas?
Quais forças às tuas forças resistiram?

Digam-no tantas gentes conquistadas,
bárbaras de nação, de leis perversas,
por ti vencidas, por ti doutrinadas.

Mouros, Turcos, Árabes, Indos, Persas,
destes e doutros muitos triunfaste,
de várias línguas, de regiões diversas.

Enfim, teveste tudo e desprezaste
tudo quanto teveste, por te veres
nesse descanso eterno que cobraste.

Reino que tal perdeste, não esperes
ver mais contentamento: um bem que tinhas
em mágoas te deixou, foi-se [a]os prazeres.

Mas tu, morte cruel, que não detinhas
inda algum tempo a tua vinda mais?
Por que razão tão apressada vinhas?

Creuera a tenra flor que das reais
plantas só nos ficou; antão vieras,
não sentíramos tanto perdas tais.

Ah, que se tu de cima não teveras
a hora limitada, o tempo e o ponto,
nunca tão grão crueza cometeras.

Isto só dar-nos podes por desconto
dos agravos que sempre nos fezeste,
inda que tantos são que não tem conto.

Quantos príncipes claros, filhos deste
bom rei que nos levaste, tinhas lá,
e quantos irmãos seus à terra deste?

De quem tais mágoas viu, quem ouvirá
o grande sofrimento aos grandes danos
que não diga: no céu reinando está?

Vida cheia de dor, cheia de enganos,
que podes tu já dar, quando a tal rei
tantos trabalhos deste em poucos anos?

Deixa-me, triste vida, e deixarei
de importunar com pranto céu e terra
queixando-me da tua injusta lei.

Se em ti tudo é miséria, tudo guerra,
qual é o coração que em ti confia,
que não vê quanto se engana e quanto erra?

Ah vida trabalhosa, quem podia
cuidar que tão asinha se mudasse
em pena tão cruel tal alegria!

Certo quem bem em ti considerasse
por ditoso haveria o que mais cedo
por ãa justa morte te trocasse.

Não sei quem visse em ti um dia ledo
que mil não visse tristes, porque em ti
o prazer foge, o mal sempre está quedo.

No melhor foge o teu prazer assi
como delgada sombra e leve vento.
Que pode senão dor ficar daqui?

Não fica senão dor, pena e tormento,
perda do tempo, perda de esperanças,
quando não val grande arrependimento.

Por isso em ti não põe suas confianças
o que tem de razão perfeito lume,
que vê que em ti não há senão mudanças.

Ah, que é tamanha a dor que me consume,
que me leva após si de mi alheio,
de mágoa em mágoa, de um noutro queixume.

Não sei dar fim a mal que não tem meio,
nem posso inda acabar de chorar tantas
tristezas, de que tenho o espirito cheio.

Mas se tu, triste musa, me levantas
com novas asas o meu baxo estilo,
o triste caso que chorando cantas

ainda espero que farei ouvi-lo
com grande espanto, com inveja grande,
de um pólo ao outro, do nosso Tejo ao Nilo.

Entanto tão subido no céu ande
meu triste pensamento, que do céu
algum favor divino se lhe mande.

Oh alma que deixaste o mortal véu
na terra que por ti foi bem regida
(terra triste, que não te mereceu),

alcança de quem deu a própria vida
por nos livrar do temeroso dano
da culpa mor primeiro cometida

que sempre este grão Reino lusitano
em honra vá crescendo, glória e fama,
livre de todo mal, de todo engano.

Bem vês tu quantas lágrimas derrama
por ti, a quem amou com tal amor
na vida, que depois de morto te ama.

E creça o novo rei, doce penhor
de todo nosso bem. Crecereis, novo
em dor erguido Rei, nascido em dor,
alegre à tua vista o triste povo.

Elegia

à morte de D. João, filho de D. Fernando⁹⁶, visconde de Vila Nova de Cerveira

Ah triste rio Lima, ah cruel rio,
como te não secaste quando viste
outro mais claro Lima morto e frio?

Caminho pelo teu seio lhe abriste,
por ti levado foi à sepultura,
e tu de pura dor não te sumiste?

Aquela sua nova fermosura,
aquele espírito seu de graça cheio
que enchia de amor tudo e de brandura,

vendo qual por ti foi, sofres qual veio?
Ah crueza sem fim, por derradeiro
bem mostras não ser Lima, mas Leteio.

⁹⁶ A crer no texto de Cristóvão Alão de Morais, não seria D. Fernando, mas sim D. Francisco, o nome do visconde de Vila Nova de Cerveira cujo filho, D. João de Lima, «morreu moço em 1571» (cf. *Pedatura Lusitana*, tomo I, vol. 1.º, Porto, 1943, p. 438).

Já isto adivinhava o que primeiro
assi te nomeou; tu o fizeste
com tal esquecimento verdadeiro.

Não olhas, triste rio, que perdeste
as mores esperanças que t'ègora
depois que entras no mar nunca teveste?

Onde quer que se vira a branca aurora,
o teu nome no seu amanhecera
se cortado da Parca em flor não fora.

Tão claro com suas obras se fezera
(das quais víamos já sinais tão claros),
que inveja todo outro rio te tevera.

Mas nossos tempos, de prazer avaros,
de tão gentil espirito asinha deram
à fria terra os seus despojos caros.

O muito que nos logo prometeram
começando a tecer tão rica teia
me fez sempre temer do que fizeram.

Já que antão não secou tua clara veia,
derrama, triste rio, outra de pranto,
banhando o verde campo e a branca areia.

Com lágrimas ao menos saia⁹⁷ tanto
fora do teu limite e antiga raia,
que seja à terra mágoa, ao mar espanto.

Se também isto negas, nunca caia
do céu orvalho em ti, nem o mar te queira,
nem haja pranta verde em tua praia.

⁹⁷ Corrigiu-se a forma *saem* que consta da primeira edição.

Ah Ninfas que morais nesta ribeira,
mostrai o sentimento que se espera
em pena tão cruel, tão verdadeira.

A quem flores dareis na primavera?
A quem frescas capelas de boninas?
Já o tempo não é que dantes era.

Já não correm as águas cristalinas,
já não cantam as musas, mas suspiram
as suas naturais e as peregrinas.

Os olhos que tamanha mágoa viram
quando será enxutos? quando ledos?
quando não sentirão o que sentiram?

Naquele dia as feras, os penedos
de puro sentimento se abrandaram,
esteveram com dor os rios quedos.

Os carneiros de tristes não gostaram
as verdes ervas nem as águas frias,
antes do céu balando se aqueixaram.

Deram naquele dia nas sombrias
e solitárias selvas gritos tristes
as aves que das noutes fazem dias.

E vós, formosas Ninfas, vos cobristes
de negro véu antão tão magoadas
que nunca mais nem sol nem lua vistes.

Porém não sois vós sós as que banhadas
de lágrimas soltar queixumes vejo,
não sois vós, Ninfas, sós as desmaiadas.

Choram as do Mondego e as do Tejo,
as do Minho também, e as do Douro:
não é seu choro igual a seu desejo.

Um sepulcro de palma, cedro e louro
lhe erguei, Ninfas, aqui; e vós, Nereias,
ornai-o de coral, perlas e de ouro,

onde com as Naiades e Napeias,
moradoras dos bosques e das fontes,
deiteis lírios e rosas às mãos cheias.

E pera que nos vales e nos montes
deste tão triste caso haja memória
enquanto o sol dourar os horizontes,

tu, Lima, escreve nele, em vez de história:
«Aqui jaz quem vivendo acrescentara
a seu ilustre sangue fama e glória;

quem do bárbaro imigo o derramara
com belicosa mão, e ao duro Marte
o louro e brando Febo ajuntara.

Deste levou o céu a melhor parte
em tempo que três lustres mal cumpria,
sendo cruel à terra nesta parte.

Lisboa viu o seu primeiro dia,
Viana o derradeiro, com tal dor
que a morte do que fez se arrendia.

Perda das musas foi, perda de amor,
das armas, dos costumes, da nobreza,
não sua, que alcançou vida melhor.

Pagou o que devia à natureza,
chorado foi das fontes e dos rios,
de quem as brancas Ninfas com tristeza
sepultaram aqui os ossos frios.»

Soneto

ao mesmo⁹⁸

Fermoso moço, que no céu descansas
rindo dos que chorando cá deixaste,
quão asinha nos deste e nos levaste
de grandes cousas grandes esperanças!

Pois livre das misérias e mudanças
da vida, de que pouco te lograste,
a teu pai verdadeiro te tornaste
deixando a este de cá tristes lembranças,

estende, ó belo moço, dessa altura
a piedosa mão, enxuga o pranto
em que se banha, chorando tua morte.

Mostra-lhe a tua nova fermosura
para que te não chore, e diz-lhe quanto
tens melhor vida agora e melhor sorte.

⁹⁸ No *Cancioneiro Fernandes Tomás* (fol. 27r) este soneto aparece com a indicação «De Luis de Camões. À morte do Bisconde de Lima D. B.». Carolina Michaëlis recusa a autoria camoniana, observando que, ao contrário de Diogo Bernardes, «não há indício algum de que Luís de Camões estivesse relacionado com os nobres *Limas*» (*O Cancioneiro Fernandes Tomás. O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*, INCM, Lisboa, 1980, p. 83).

Além dos poemas à morte de D. João de Lima e à morte de D. Ângela de Noronha, Bernardes dedicou ainda a esta família a Écloga VII de *O Lima*, celebrando o nascimento de Inês de Lima, filha de D. Francisco de Lima, 5.º visconde de Vila Nova de Cerveira.

Soneto

ao mesmo

Junto do rio Lima Délio estava
lágrimas saudosas derramando;
a morte doutro Lima ali chorando,
as águas com seu choro acrescentava.

Partia o sol dali, ali tornava,
ia a lua crescendo, ia minguando,
o triste, em sua dor continuando,
nunca de um triste estado se mudava.

Ó Lima, em flor cortado, lhe dizia,
as lágrimas que aqui tão de vontade
derramo nesta pedra dura e fria

são menos (do céu vês esta verdade),
inda que por ti chore noute e dia,
das que me pede a tua saudade.

Soneto

Lágrimas minhas, que com larga veia
correstes já por cousas escusadas,
que vos tem no meu peito congeladas?
Quem agora nas justas vos refreia?

Correi, lágrimas minhas, não se creia
de vós que do meu bem sois descuidadas.
Correi em modo que deixeis lavadas
feias nodas que tem minha alma feia.

Doce fruto de vós, se em vós semeio,
colher espero com favor divino,
por isso correi já, lágrimas minhas.

Correi com amargura de contino:
lírios suaves colhem-se no meio
de ervas sem gosto, e rosas entre espinhas.

Soneto

*ao Sereníssimo Príncipe Cardeal Alberto,
na vinda dos Ingreses a Lisboa*⁹⁹

Do grande Carlos Quinto o peito aberto,
cheio de alto valor e aviso raro,
no mor terror do mundo mostrou claro,
com claro louvor seu, o invicto Alberto.

Foi nossa defesa, foi dano certo
do imigo de Cristo, infame e avaro,
a quem seu cego intento custou caro
quando cuidou que punha em mor aperto.

Foste dado do céu, príncipe justo,
qual Cipião a Roma, à lusa terra,
que só com tua vista defendeste.

Ó nova glória de Áustria, ó novo Augusto,
no sossego da paz, no horror da guerra,
a qual Numa, a qual César não venceste?

⁹⁹ O príncipe cardeal Alberto, sobrinho de Filipe II de Espanha, foi por este nomeado vice-rei de Portugal, cargo que desempenhou de 1583 a 1593. O soneto refere-se ao episódio bélico ocorrido em 1589, quando forças inglesas, apoiantes de D. António, prior do Crato, desembarcaram em Peniche e avançaram até Lisboa. Este soneto foi incluído também no volume *Rimas várias, Flores do Lima*.

Soneto

ao mesmo

Qual Atlante ao céu, tal te mostraste,
invicto Alberto, ao Reino lusitano,
que quase arruinado do tirano,
sobre teus fortes ombros sustentaste.

Não somente da queda o seguraste,
mas de estragos de Marte e de Vulcano,
e por ser teu louvor mais soberano,
a ânglica soberba debelaste.

De ti cantando a fama estes louvores
e outros mil, Apolo com voz leda
os dedicou à imortal memória,

dos quais Minerva, com sutis labores,
sobre ouro fino e delicada seda
começou a tecer famosa história.

Soneto

*ao duque de Bragança*¹⁰⁰

Quando no mor furor Marte movia
ora receio em nós, ora esperança,
a vinda do grão duque de Bragança
encheu toda Lisboa de alegria.

¹⁰⁰ Este soneto refere-se à vinda do duque de Bragança D. Teodósio II, em 1589, com a sua gente de guerra para defender Lisboa, então ameaçada pelas forças inglesas. O *Memorial de Pero Roiz Soares* refere-se a este facto nestes termos: «(..) ao dia dantes tinha chegado a gente do duque de bragança que seriam çem homs de caualo e duzentos de pee e ao outro dia entrou o duque Com a mesma gente e com outra m^{ta} que elle trazia muito boa e bem ataiuada de tudo» (ed. cit., p. 293).

Amanheceu com ele um claro dia,
converteu o temor em segurança,
e no imigo entrou desconfiança
de ver o que vâmente pretendia.

A tal zelo da fé, a tal presteza
no serviço da régia majestade
sem nunca dar seu peito a vãos temores,

a tão alta prudência em tal idade,
enfim, a tal brandura em tal alteza,
quem lhe pode negar justos louvores?

Soneto

*Da fugida dos Ingreses*¹⁰¹

A nossa e de Jesus imiga gente,
que mais que às vidas faz às almas guerra,
fugindo vai da lusitana terra,
onde cuidou plantar sua má semente.

No que claro se vê que pouco sente
e menos pode quem a seu Deus erra,
pois multidão que enchia o vale e serra
foge confusa e vergonhosamente.

¹⁰¹ Referência à conclusão do episódio bélico a que se alude no soneto anterior: as forças inglesas retiraram-se «sem fazer efeito ao que uinham», como escreve Pero Roiz Soares.

Sobre os diversos momentos em que por então forças inglesas ameaçaram Lisboa, e as perspectivas religiosas dessa ameaça, veja-se José Adriano de Freitas Carvalho, *Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, S. J. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)*. Separata de *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos secs. XVI e XVII. Espiritualidade e cultura*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004.

Ó bárbara nação, aquela a quem
ofendes com malícia sem emenda
em castigar teus erros se antecipe,

por que do teu castigo o mundo entenda
que não tem que temer quem por si tem
Cristo no céu, na terra o grão Felipe.

Soneto

*à morte da Senhora Dona Maria, filha do Senhor Dom João
duque de Bragança*

Al cielo quejas da natureza,
agora mas que nunca lastimada;
suspira y gime, en lágrimas bañada,
con otras muestras de su gran tristeza.
«Como sufriste, oh cielo, tal crueza
(gritando dice), que la muerte airada
tan presto a mi despecho haya quebrada
la estampa de virtud y de belleza?
Mas yo a quien embio mis querellas,
si de ti como vida al duro asalto
cortó con dura mano el tierno velo,

o por no merecer el bajo suelo
gozar mas largo tiempo bien tan alto,
o por juntar mas una a tus estrellas».

Soneto

à mesma Senhora

Con fúnebre ciprés y negro velo
y pálidas violas que a manojos
se vuelven a quien las mira en abrojos,
que tanto puede un alto desconsuelo,

cubren las ninfas y el señor de Delo
con piedosa mano, húmedos ojos,
el mármol que en si tiene sus despojos,
alma real, dignísima del cielo.

Al fin del triste oficio, en voz sonora
dice llorando Apolo: «Oh alma bella,
no turben nuestras lágrimas tu gloria.

Allá te goza, nueva y clara estrella,
que el mundo triste que perderte llora
no perderá jamás de ti memoria».

Soneto

*à morte de Dom Diogo da Silveira, senhor de Sortelha*¹⁰²

Cortó la muerte con rigor temprano
una planta gentil que florecia
junto del rico Tajo y prometia
suave fruto al Reyno lusitano.

Antes la trasplantó divina mano
nel celeste jardín que merecia,
onde segura está de nieve fría
y del calor ardiente del verano.

Pero la ninfas que a su sombra bella
solian reposar, llenas de espanto,
al cielo, esto no viendo, dan querella,

¹⁰² D. Diogo da Silveira, conde da Sortelha, foi guarda-mor de D. João III e D. Sebastião, além de outros cargos que desempenhou. Casou com D. Maria de Meneses, filha de João Rodrigues de Sá de Meneses, alcaide-mor do Porto (cf. Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, tomo I, vol. 2.º, p. 14)

y cobijada de fúnebre manto
el mármol que nos cubre el mortal della
bañan y enternecen con su llanto.

Soneto

à mesma morte

Alma felice y rara, que del suelo
volaste en tu florida primavera
al sumo bien, dejando en la ribera
del patrio Tajo tu terreno velo,

si desta ausencia tuya el desconsuelo
que siento y lloro retratar pudiera,
las fieras con dolor enterneciera,
y quantas asperezas mira el cielo.

Mas este grave mal de mi llorado
no sufre mas sino que llore y sienta
esta para los tuyos triste suerte;

que para ti, echando bien la cuenta,
alegre fué, pues en mayor estado
ahora vives sin temer la muerte.

Oda

ao conde das Idanhas¹⁰³ estando fora da Corte

Senhor, não me atrevia,
inda que me lembrava
que mal compria nisso o prometido;
lendo o que mando, via
que muito lhe faltava
para ser de quem muito entende lido;
e mais por esquecido

¹⁰³ O conde das Idanhas a quem Bernardes dirige este poema de louvor da vida campestre, essa representação da *aurea mediocritas* de que goza na sua terra natal nas ribeiras do Lima, é Pero de Alcáçova Carneiro, que desempenhou importantes funções nos reinados de D. João III, D. Sebastião e Filipe II. Em 1530 é nomeado secretário para os negócios da Índia, sendo seu pai, António Carneiro, o titular da Secretaria de Estado. Em 1545, por morte do pai, assume a plenitude das funções de Secretário. Da sua formação nas actividades de Secretário e das suas relações com D. João III dá conta numa breve autobiografia, «Vida do conde da Idanha Pero de Alcáçova Carneiro escrita por ele mesmo», incluída no volume *Relações de Pero de Alcáçova Carneiro, conde da Idanha, do tempo que ele e seu pai, António Carneiro, serviram de secretários (1515 a 1568)*. Publicação, revisão e notas por Ernesto de Campos de Andrada. Lisboa, Imprensa Nacional, 1937. Ao longo do reinado de D. Sebastião o seu estatuto sofre alterações: chegou a ser desterrado da corte, mas regressou com poderes acrescidos, tendo-lhe sido atribuído o cargo de Vedor da Fazenda; foi mesmo um dos regedores que D. Sebastião nomeou para governarem o reino durante a sua ausência na campanha de África. Será destituído de funções e desterrado da corte por D. Henrique como punição pela sua responsabilidade na decisão de D. Sebastião em se lançar na empresa africana. Mas será reintegrado em todos os seus ofícios e dignidades por Filipe II. Aliás, o título de conde da Idanha é-lhe outorgado pelo monarca espanhol. Das relações de Diogo Bernardes com esta importante personagem informam-nos ainda outros poemas, como o Soneto C das *Rimas várias* e a Carta XXXII «A João Rodrigues de Sá de Meneses, da jornada que fez Pero de Alcáçova Carneiro a Castela, por mandado de El-Rei Dom Sebastião», de *O Lima*. Esta ode encontra-se publicada também nas *Rimas várias, Flores do Lima* (1597).

me tinha já, vivendo
tão longe dessa terra,
entre ãa e outra serra
per onde o brando Lima vai correndo
de esquecimento cheio,
o Lima para mi sempre Leteio.

Furtado a pensamentos
dos bons tempos passados
que fazem os presentes ser mais tristes,
com novos sentimentos
à vida acomodados,
lede, Senhor, os versos que pedistes.
Se já com gosto ouvistes
alguns dos meus pastores
ao som da leda fruta,
a suas festas *auta*¹⁰⁴,
cantar à fresca sombra os seus amores
entre cuidados posto,
agora que menos há, haja mais gosto.

Abranda o arco curvo
armado de contino:
é justo dar o seu à natureza.
O rio ora vai turvo,
outra hora cristalino,
não há cousa na vida com firmeza.
Ditoso o que despreza
os mandos, os tesouros
dos mores reis da terra,
e logra o vale e a serra
onde a musgosa fonte, olmos e louros
convidam Filomena
a renovar, cantando, sua pena.

¹⁰⁴ *Auta* – forma popular de *apta*.

Não ouve o som iroso
ali do fero Marte
que faz mudar a cor, o sangue esfria,
nem vê o cobiçoso
com quanta astúcia e arte
ajunta, às custas da alma, cada dia.
Ali não desconfia
nem se queixa daqueles
mimosos da fortuna,
em nada os importuna
nem se vê com desprezo tratar deles.
Dorme seu sono cheio,
não lho quebra seu mal nem bem alheio.

Deixa, em vindo o dia,
o seu inculto leito
e torna a seu trabalho descansado.
Manda guiar ou guia
o gado satisfeito
do nocturno repouso ao verde prado,
ou com bicudo arado
a relva vai cortando
com vagarosa força
dos bois, os quais esforça
com aguilhada ou voz de quando em quando,
e dá à terra arada
ou louro trigo ou pálida cevada.

Por um vão interesse
de mares inconstantes
a vida não confia em risco da alma.
Ri-se de quem padece
por climas mui distantes
ora o rigor do frio, ora o da calma.
Juntando palma a palma
forma bastante vaso
se lhe o desejo pede
que mate a ardente sede

na fonte que na terra achou acaso,
e faz de neve jogo
defeso ora do sol, ora do fogo.

Oh ãa, oh duas,
oh ditosa mil vezes,
vida agreste! Ditoso quem te escolhe!
Ajuda-se das lûas,
acomodando aos meses
seu trabalho, do qual bom fruto colhe.
Ali ninguém lhe tolhe
que fale livremente
quanto a razão lhe manda;
ali sem temor anda
da peçonha da língua maldizente;
ali não lisonjeia
nem de falsas lisonjas se recreia.

Enquanto a sesta passa
que o pasto o gado enjeita
polo repouso do lugar sombrio,
com leve cana, ou nassa
de moles juncos feita,
os pexes vai pescar no fresco rio.
Depois, no inverno frio,
o bosque lhe dá lenha.
Dá-lhe, noute e manhã,
o gado leite e lâ,
de que se vista sempre e se mantenha.
O mais tem por sobejo,
se mais inda lhe pede o seu desejo.

Oh bem-aventurado
aquele a quem em sorte
coube, se a bem entende, ãa tal vida!
O nojo ou o cuidado
não lhe anticipa a morte
que de si mesma vem tão de corrida;

nem teme nem duvida
perder o que possui:
e, se o perder, que perde?
Torna o campo a ser verde,
o tempo a dar os frutos que destrui,
de novo lança a fonte.
Que custa ùa choupana em vale ou monte?

Cantiga, deixa o Lima, busca o Tejo,
pois lá te espera quem
de mi, que te criei, lembrança tem.

Cantiga alheia

*Pensamientos, a do vais
catad que os despeñareis.
Pues ventura no teneis,
para que os aventurais?*

Glosa própria

Mis pensamientos levianos
sin consejo y sin razón
vuelan por los aires vanos
con alas de presunción
fabricadas por sus manos.

Razón, con ansia y deseo
de sanar su devaneo,
les dice: «Ya que voláis
y vuestro ser olvidais,
sin mí, que el engaño veo,
pensamientos, a do vais?»

A do vais, locos furiosos,
ciegos tras vuestros engaños,
por caminos peligrosos

do teneis ciertos los daños
y los remedios dudosos?

Empresa vana es aquella
que vos mas vanos por ella,
sin ponderar lo que haceis,
por gran hazaña emprendeis.
Si no desistirdes della,
catad que os despeñareis.

Cese el loco fundamento
de querer llegar al cielo;
queden los vuelos al viento.
Ícaro halló en el vuelo
de su vida el perdimiento.

Y Faetón por su locura
cayó de la misma altura
a que vos subir quereis
que menos subir podeis.
No os pongais en ventura,
pues ventura no teneis.

Volved a mirar la cuenta
mientras teneis aparejo;
vuestro furor no se sienta,
que de mudar el consejo
el que es sabio no se afrenta.

Sea la mano mas avara
de la vida dulce y cara
donde mil gustos hallais.
Y pues della ufanos vais,
en desventura tan clara
para que os aventurais?»

Soneto

*aos cabelos da barba que D. João de Castro, visorrei da Índia, empenhou à cidade de Goa*¹⁰⁵

Despojos do mais forte e valeroso
capitão que se viu em nossa idade,
ornado de alto aviso e de bondade,
no conselho e nas armas venturoso,

um templo vos consagro sumptuoso,
se por obra não posso, na vontade,
ó penhor da virtude e da verdade
de um peito só de fama cobiçoso.

Assi como troféu de honra e glória
os devem venerar os que procedem
do tronco donde vós fostes cortados,

por seus ilustres feitos, que precedem
a quantos dignos são de clara história,
dos presentes heróis e dos passados.

FIM

¹⁰⁵ Esta evocação da figura e acção de D. João de Castro creio poder ser lida como um gesto áulico de homenagem a D. Álvaro de Castro, o influente conselheiro de D. Sebastião, filho do célebre vice-rei da Índia. As referências aos que «procedem/do tronco donde vós fostes cortados», aos «presentes heróis» dignos «de clara história» como os passados, parecem autorizar tal interpretação.

Este soneto foi incluído também na edição das *Rimas várias, Flores do Lima* (1597).

ÍNDICE

Introdução	5
------------------	---

VÁRIAS RIMAS AO BOM JESUS¹

SONETOS

Ainda, ó bom Jesu, que em ofender-vos	52
Al cielo quejas da natureza	207
Alma felice y rara que del cielo	209
A vida, ó bom Jesu, que defendeste	63
Banhada em vivas lágrimas Maria	128
Brando Senhor Jesus, as pias rimas	45
Busca (segun se escribe) el ciervo herido	64
Cinco fontes de graças infinitas	59
Con funebre cipres y negro velo	207
Consolador Esprito que inflamado	64
Cortó la muerte con rigor temprano	208
De noute a Madanela vai segura	127
Despojos do mais forte e valeroso	216
Ditosa estrela que os tres Reis guiaste	123
Do grande Carlos Quinto o peito aberto	204
Dos vossos olhos sempre piadosos	87
El cielo con la tierra han contratado	151
Erguei, Senhor, o meu entendimento	59

¹ Na organização deste índice dos poemas segue-se a «tabuada» apresentada no início a que se introduziram alguns pequenos ajustamentos considerados necessários.

Eu fiz (como já disse o Mantuano)	132
Fermosa penitente que lavaste	??
Fermosa Virgem mais que o sol fermosa	90
Fermosa Virgem que do sol vestida	81
Fermoso moço que no céu descansas	202
Imagem em tudo rara e pelegrina	89
Junto do rio Lima Délio estava	203
Lágrimas minhas que com larga veia	203
Lourenço, que de louro coroado	120
Não seja hoje o sol de luz avaro	88
Ó bom Jesu donde piedade chove	50
Ó chagas de Jesu, doce memória	57
Ó do meu doce amor doce cuidado	87
Ó frescas rosas cinco, ó cinco estrelas	56
Ó jacinto entre pedras preciosas	130
Ó noite santa e clara inda que escura	122
Ó santo cavaleiro, em cujo dia	120
Os meus alegres venturosos dias	182
Os olhos onde o casto amor ardia	167
Ó venturosas manos que cogistes	153
Ó Virgem bela e branda, quem já vira	88
Ó Virgem, já que fostes verdadeiro	90
Pequenino cantor grande em estima	183
Poi chi il desio chi m'infiamma il core	152
Pois armar-se por Cristo não duvida	168
Pois vem amanhecendo o santo dia	119
Polónia deu ao mundo e deu ao céu	129
Qual Atlante ao céu tal te mostraste	205
Qual naufrágio do mar ou qual perigo	86
Quando no mor furor Marte movia	205
Quanto menos, ó Virgem, vos mereço	91
Quanto o remédio humano mais incerto	86
Que flores vos darei tão peleginas	57
Relíquias santas de almas santas dignas	150
Sacratíssimas chagas, neste escuro	58
Se toda nossa vida é desafio	60
Sobre um corrente lago na verdura	182
Virgem, de quem com lágrimas e ais	91

ELEGIAS

À morte de D. João, filho de D. Fernando, visconde de Vila Nova de Cerveira

- Ah triste rio Lima, ah cruel rio 198
- A Dona Maria de Vilhena*
- Alma merecedora de mil palmas 154
- A Jesu*
- Aqui, ó Rei dos reis, onde vos vejo 46
- A ti, meu bom Jesu, que ofendi tanto 53
- A Nossa Senhora da Piedade*
- Eu de vós que direi, Virgem sagrada 77
- Estando o autor cativo*
- Eu que livre cantei ao som das águas 169
- À morte de El-rei D. João*
- Pois não tenho palavras com que possa 191
- A Jesu*
- Que coração tão duro, que vontade 50
- Em o tempo do mal*
- Quem, ó Senhor do céu, de tanta culpa 60
- Hino de S. João*
- Quem poderá formar tão alto canto 116
- À morte do príncipe D. João*
- Si la causa del lloro te lastima 189
- Estando o autor cativo*
- Sobre um alto rochedo em Berberia 173

OITAVAS

Lágrimas de S. João Evangelista

- Aquele a quem amava o mesmo Amor 107
- A Santo António*
- Aqui naceste, António, e não somente 124
- Lágrimas de S. Pedro*
- Despois que Pedro viu como negara 96
- Ascensão de Nosso Senhor*
- Despois que triunfou no alto madeiro ??
- História de Santa Úrsula*
- De ùa fermosa virgem e esposada 132
- A Deus Nosso Senhor*
- Que salmos ou que versos cantaremos 65

CANÇÕES

À morte de Dona Ângela

Ângela, que dos anjos rodeada 163

A Nossa Senhora

Ó Virgem sobre todas soberana 82

SEXTINAS

Cansado tenho já com largo pranto 180

Já não tem para mi prazer os dias 56

ÉCLOGA

No tempo do mal, ao Senhor Dom Duarte

Príncipe soberano, não vos seja 156

ODE

Ao conde das Idanhas

Senhor, não me atrevia 210

EPIGRAMAS

Com qual amor, ó sumo Amador nosso 56

Fermosa Virgem clara, inda mais clara 149

Jacinto, digo o que sinto 130

Jacinto, o que já sinto 131

No mar profundo as aves farão ninho 126

Santíssimo Agostinho que inflamado 125

ENDECHAS

Alma minha, ó alma 184

Grandes esperanças 187

A S. João de Porta Latina

Juan que ardor siente 121

Nesta vida escassa 186

Virgem soberana 94

TROVAS E MOTES GLOSADOS

Por engrandecernos 76

Voltas

Alabado sea 76

Tanto agradastes a Dios 126

<i>Volta</i>	
Donde a vuestros labios tal	126
Ay Dios, que haré	71
<i>Volta</i>	
Es sin ti la vida	71
Di, pues vienes de Belén	69
<i>Volta</i>	
Mi fe, vi! Pues de los dos	69
Un suspiro dió Maria	72
<i>Volta</i>	
Mas que digo que uno dió	72
Niño tan bonito	74
<i>Volta</i>	
Muy dulce contento	75
Pensamientos, a do vais	214
<i>Glosa</i>	
Mis pensamientos levianos	214
Nació el Sol de la Luna	70
O Madre de Dios	93
<i>Volta</i>	
Os vossos louvores	94
Santas llagas si la culpa	68
<i>Glosa</i>	
Puso Dios nel paraiso	68
Di, Pascoal, viste a Maria	74
<i>Volta</i>	
Pues dime de que manera	74
Como estais temblando	10
<i>Volta</i>	
Vos que calor dais	70
Ai! Ai! Meu amor, como vos vai	73
<i>Volta</i>	
Vejo-vos estar chorando	73
No se, vida, quién te alaba	76
<i>Volta</i>	
Vengan males, vengan bienes	77
No cupo la culpa en vos	92
<i>Volta</i>	
Virgen de Dios escogida	92

